

ALINE WESOLOVSKY

CENTRO CULTURAL E TURÍSTICO EM CAMPO LARGO

CURITIBA
2012

ALINE WESOLOVSKY

CENTRO CULTURAL E TURÍSTICO EM CAMPO LARGO

Monografia apresentada à disciplina Orientação de Pesquisa (TA040) como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, Setor de Tecnologia da Universidade Federal do Paraná - UFPR.

ORIENTADORA:

Profª Draª. Cleusa de Castro.

CURITIBA
2012



Fonte: <http://cineclubepolis.files.wordpress.com/2009/10/culturas-populares-2.jpg>

A cultura é uma necessidade imprescindível de toda uma vida; é uma dimensão constitutiva da existência humana, como as mãos são um atributo do homem.

(José Ortega y Gasset- filósofo espanhol, 1883-1955)

RESUMO

Diante da importância das atividades culturais e do lazer na sociedade e na formação intelectual dos cidadãos, e tendo em vista a carência desses espaços em Campo Largo, o objetivo principal desta pesquisa é o embasamento para a realização do projeto de um Centro Cultural e Turístico nesta cidade. Para isso, será analisada a importância e os benefícios que as atividades culturais e turísticas podem proporcionar na prática à população em geral. Além disso, a pesquisa abrangerá uma leitura da realidade da cidade e do objeto de estudo, com análise de casos correlatos. Por fim, os conhecimentos assimilados serão expostos em forma de diretrizes projetuais.

Palavras chave: cultura, lazer, turismo, centros culturais, centro de informações turísticas.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA	LEGENDA	PÁGINA
01	Corrida de bigas na Roma antiga	14
02	Ciclo de serviços e momentos em um CIT	20
03	Bairro Portão- Curitiba	30
04	Localização do Portão Cultural	30
05	Vista do Terminal do Portão	31
06	Vista do Terminal a partir do Portão Cultural	31
07	Estacionamento e acesso ao Portão Cultural pelo subsolo	33
08	Sala de exposições do subsolo	33
09	Auditório (subsolo)	33
10	Cinema	34
11	Sala de projeções	34
12	Acesso do Portão Cultural pelo andar térreo	34
13	Acesso do Portão Cultural pelo andar térreo	34
14	Biblioteca	35
15	Área de convívio	35
16	Ateliê digital	35
17	Sala de cursos	35
18	Planta do subsolo- Portão Cultural	37
19	Planta do térreo - Portão Cultural	37
20	Planta do primeiro pavimento – Portão Cultural	38
21	Planta cobertura - Portão Cultural	38
22	Corte longitudinal - Portão Cultural	38
23	Corte transversal - Portão Cultural	39
24	Elevação frontal - Portão Cultural	39
25	Elevação posterior - Portão Cultural	39
26	Perspectiva digital - Portão Cultural	40
27	Fachada – logotipo e painel do artista Franco Giglio	41
28	Localização do CCSP (Centro Cultural São Paulo)	42
29	Rua em frente ao CCSP	42
30	Imagem aérea do CCSP	42

31	Uma das entradas do CCSP	42
32	Perspectivas do CCSP	43
33	Imagens da construção do CCSP	44
34	Imagens da construção do CCSP	44
35	Imagens da construção do CCSP	44
36	Plantas da Biblioteca e Teatros, e da área de serviços	45
37	Plantas da pinacoteca e da entrada e distribuição (CCSP)	45
38	Corte transversal do edifício (CCSP)	45
39	Piso Caio Graco, Piso Flávio de Carvalho e biblioteca	46
40	Biblioteca Alfredo Volpi e jardim	46
41	Jardim central	47
42	Jardim das esculturas	47
43	Imagens do projeto da nova cobertura (CCSP)	47
44	Imagem do projeto da nova cobertura (CCSP)	47
45	Imagem do projeto da nova área de convivência (CCSP)	47
46	Imagem do projeto da nova área de convivência (CCSP)	47
47	Biblioteca Henfil	49
48	Biblioteca Alfredo Volpi (CCSP)	49
49	Biblioteca Sérgio Milliet	49
50	Biblioteca Louis Braille	49
51	Planta da sala Adoniran Barbosa (CCSP)	49
52	Foto da sala Adoniran Barbosa (CCSP)	49
53	Planta da sala Jardel Filho (CCSP)	50
54	Foto da sala Jardel Filho (CCSP)	50
55	Planta do espaço cênico Ademar Guerra (CCSP)	50
56	Foto do espaço cênico Ademar Guerra (CCSP)	50
57	Planta da sala Paulo Emílio (CCSP)	50
58	Foto da sala Paulo Emílio (CCSP)	50
59	Planta da sala Tarsila do Amaral (CCSP)	51
60	Foto da sala Tarsila do Amaral (CCSP)	51
61	Plantas do piso Caio Graco (CCSP)	51
62	Rampas de acesso ao piso Caio Graco (CCSP)	51
63	Planta do piso Flávio de Carvalho (CCSP)	51

64	Rampas de acesso ao piso Flávio de Carvalho (CCSP)	51
65	Construção do CCSP	52
66	Construção do CCSP	52
67	Construção do CCSP	52
68	Telhado metálico com iluminação zenital e rampas (PARS)	53
69	Telhado metálico com iluminação zenital e rampas (PARS)	53
70	Detalhes da iluminação zenital do edifício (PARS)	54
71	Detalhes da iluminação zenital do edifício (PARS)	54
72	Edifício convidativo “integrando-se ao terreno” (PARS)	55
73	Edifício convidativo “integrando-se ao terreno” (PARS)	55
74	Imagem 3D da Cidade das Artes e das Ciências (PARS)	56
75	Hemisférico	57
76	Museu das Ciências Príncipe Felipe	57
77	L`Umbracle	58
78	Palácio das Artes Rainha Sofia	58
79	Vista do Parque Oceanográfico	58
80	Vista do Palácio das Artes Rainha Sofia	59
81	Vista do PARS - cobertura monumental	60
82	Vista do PARS- cobertura monumental	60
83	Auditório Principal (PARS)	61
84	Auditório Principal (PARS)	61
85	Paredes revestidas em mosaico cerâmico (PARS)	61
86	Paredes revestidas em mosaico cerâmico (PARS)	61
87	Aula Magistral (PARS)	61
88	Aula Magistral (PARS)	61
89	Auditório (PARS)	62
90	Auditório (PARS)	62
91	Teatro de câmara e sala da orquestra (PARS)	62
92	Teatro de câmara e sala da orquestra (PARS)	62
93	Terrasses de lês Palmeres (PARS)	63
94	Terrasses de lês Palmeres (PARS)	63
95	Escadaria helicoidal	63
96	Foyer do auditório principal (PARS)	63

97	Planta térreo (PARS)	63
98	Planta primeiro pavimento (PARS)	64
99	Planta segundo pavimento (PARS)	64
100	Planta terceiro pavimento (PARS)	64
101	Planta quarto pavimento (PARS)	64
102	Planta quinto pavimento (PARS)	65
103	Corte Transversal(PARS)	65
104	Corte longitudinal (PARS)	65
105	Pilar na face oeste (PARS)	66
106	Balanço na face leste do edifício (PARS)	66
107	Detalhes construtivos (PARS)	67
108	Detalhes construtivos (PARS)	67
109	Palácio das Artes Rainha Sofia	68
110	Palácio das Artes Rainha Sofia	68
111	Jogo de curvas, formas, luz e sombra(PARS)	68
112	Jogo de curvas, formas, luz e sombra(PARS)	68
113	Jogo de curvas, formas, luz e sombra(PARS)	68
114	RMC: destaque para a Capital e Campo Largo	72
115	Processo de fabricação da louça em Campo Largo	74
116	Processo de fabricação da louça em Campo Largo	74
117	Processo de fabricação da louça em Campo Largo	74
118	Museu Histórico	79
119	Praça da Polônia	79
120	Fonte de D. Pedro II	79
121	Parque Newton Puppi	79
122	Feira da Louça	79
123	Rua XV de Novembro	79
124	Igreja Nossa Senhora da Piedade	80
125	Parque Histórico do Mate	80
126	Fachadas da Biblioteca	81
127	Espaço interno: espaço deficiente	81
128	Gibiteca degradada	81
129	Banheiro sem acessibilidade	81

130	Fachada da Casa da Cultura	82
131	Auditório deficiente	82
132	Mapa com a situação atual da BR 277	84
133	Mapa com a situação futura da BR 277	84
134	Localização do terreno e alguns outros lugares relevantes	85
135	Mapa de Zoneamento. Destaque para o terreno.	85
136	Mapa de zoneamento: destaque para terreno e Zona ZES1	86
137	Dimensões do terreno	87
138	Área total	88
139	Área edificável	88
140	Perímetro do terreno e marcações das fotos do local	88
141	Vista A (viaduto)	89
142	Vista B (Igreja da Rondinha)	89
143	Vista C (de cima do viaduto)	89
144	Vista D (de cima do viaduto)	89
145	Vista E (fachada da Avenida P. Natal Pigatto)	89
146	Vista F (fachada da BR 277)	89
147	Vista G (a partir da BR 277)	90
148	Vista H (a partir da BR 277)	90
149	Vista I (a partir da BR 277)	90
150	Topografia do terreno	91
151	Fluxograma do Centro Cultural e Turístico em Campo Largo	99

LISTA DE TABELAS

TABELA	LEGENDA	PÁGINA
01	Tipos de turismo	18
02	Funções dos equipamentos turísticos	20
03	Áreas do subsolo	36
04	Áreas do térreo	36
05	Áreas do primeiro pavimento	36
06	Comparação dos Estudos de Caso	70
07	Despesas Municipais por Função- 2010	76
08	População Ocupada Segundo as Ativid. Econômicas- 2010	76
09	Tabela de Usos do Solo para a zona ZES 1.	86
10	Tabela de Ocupação do Solo para a zona ZES 1.	87
11	Quadro de Setorização e áreas	94
12	Ambientes e áreas: Área descoberta útil	94
13	Ambientes e áreas: Público e Apoio	95
14	Ambientes e áreas: Exposições	95
15	Ambientes e áreas: Auditório	96
16	Ambientes e áreas: Biblioteca	96
17	Ambientes e áreas: Produção Cultural	96
18	Ambientes e áreas: Eventos	97
19	Ambientes e áreas: Administração/ Escritórios	97
20	Ambientes e áreas: Manutenção/ serviços	97
21	Ambientes e áreas: Centro de Informações Turísticas	98

LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ACG	Associação de Culturas Gerais
CCSP	Centro Cultural São Paulo
CIT	Centro de Informações Turísticas
CNAE	Classificação Nacional de Atividades Econômicas
FCC	Fundação Cultural de Curitiba
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
MTUR	Ministério do Turismo
MUMA	Museu Municipal de Arte de Curitiba
NBR	Norma Brasileira
OMT	Organização Mundial do Turismo
PARS	Palácio das Artes Rainha Sofia
PDITS	Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável
PNE	Portadores de Necessidades Especiais
RPC	Rede Paranaense de Comunicação
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.
SESC	Serviço Social do Comércio
SMIC	Sistema Municipal de Indicadores Culturais
SNC	Sistema Nacional de Cultura
TFG	Trabalho Final de Graduação
UIEP	Unidade de Interesse Especial de Preservação
UNESCO	Organizações das Nações Unidas
ZES 1	Zona Especial de Serviço 1
ZR3	Zona Residencial 3

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
1.1 Objetivo Geral	01
1.2 Objetivos Específicos	01
1.3 Justificativas	02
1.4 Metodologia de Pesquisa	02
1.5 Estruturação	03
2. LAZER, CULTURA E TURISMO	05
2.1 Conceituação de Lazer	05
2.2 O Lazer como Necessidade Humana	08
2.3 Classificações de lazer	09
2.4 Equipamentos de Lazer	10
2.4.1 Equipamentos Específicos	11
2.5 Conceituação de Cultura	13
2.6 A Democratização da Cultura	15
2.7 Centros Culturais	16
2.8 A Atividade Turística	16
2.9 Centro de Informações Turísticas	19
3. CULTURA E LAZER NAS CIDADES	21
3.1 Cultura como Ferramenta de Inclusão Social	22
3.2 Ação Cultural como Estratégia Socioeducativa	24
3.3 Cidades Criativas	25

3.4 Sistema Nacional de Cultura	26
4. ESTUDOS DE CASO	29
4.1 Estudo Regional: Portão Cultural	30
4.2 Estudo Nacional: Centro Cultural São Paulo	42
4.3 Estudo Internacional: Palácio das Artes Rainha Sofia	56
4.4 Comparação dos Estudos de Caso	69
5. CAMPO LARGO: CIDADE SEDE DO CENTRO CULTURAL E TURÍSTICO	72
5.1 História	73
5.2 Economia	74
5.3 Cultura	74
5.4 Turismo	77
5.5 Atrativos Turísticos, Históricos e Culturais	78
5.6 Deficiências- análise da realidade	80
6. CARACTERIZAÇÃO LOCACIONAL	83
6.1 Zoneamento	85
6.2 Terreno/ implantação	87
6.3 Topografia	90
7. DIRETRIZES GERAIS DO PROJETO	92
7.1 Programa de Necessidades e Pré-dimensionamento	94
7.2 Fluxograma	99

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102
ANEXOS	107

1. INTRODUÇÃO

As atividades culturais e de lazer são de grande importância na sociedade e na formação intelectual dos cidadãos. Dessa forma, é imprescindível a existência de espaços públicos que promovam sobretudo a valorização, a acessibilidade e a democratização da cultura.

Tendo em vista a carência desses espaços no Município de Campo Largo, propõem-se a implantação de um Centro Cultural e Turístico na cidade, cujo equipamento oferecerá atividades compatíveis à cultura local, atuando principalmente na inclusão social e na valorização da cultura e do turismo.

1.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo principal desta pesquisa é o embasamento para a realização do projeto de um Centro Cultural e Turístico na Cidade de Campo Largo.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a. Pesquisar e analisar a importância e os benefícios que as atividades culturais podem proporcionar na prática à sociedade em geral;
- b. Pesquisar como o incentivo à atividade turística pode interferir na dinâmica social, cultural e econômica de uma cidade e seus moradores;
- c. Realizar estudos de casos de projetos semelhantes, a fim de analisar questões que possam ser relevantes para a realização da nova proposta, como dimensionamento, necessidades e atividades ofertadas;
- d. Pesquisar e analisar a realidade da questão cultural e turística, no Município de Campo Largo, bem como a oferta de equipamentos relacionados a essas atividades;

- e. Levantar dados referentes às características físicas, sociais, culturais e urbanas, a fim de escolher o local mais adequado para a implantação do Centro Cultural;
- f. Determinar e estabelecer diretrizes de ocupação e definição do programa de acordo com as necessidades locais.

1.3 JUSTIFICATIVAS

A cidade de Campo Largo, Região Metropolitana de Curitiba, vem crescendo economicamente e demograficamente ao longo dos anos. No entanto, muitas ainda são as deficiências de infraestrutura e de espaços públicos. Há na cidade toda uma única Casa de Cultura, a qual apresenta uma série de defasagens, principalmente relacionadas ao espaço, ao conforto e à acessibilidade. Com relação ao turismo, devido principalmente às suas áreas arborizadas e ao Circuito da Louça, o Município apresenta grande potencial, porém ainda pouco explorado.

Diante disso, o tema abordado busca criar um ambiente agradável e bem estruturado, que incentive a cultura e a atividade turística no Município, valorizando sobretudo uma de suas principais atividades econômicas – a produção de cerâmicas e porcelanas- a qual lhe confere o título de Capital Nacional da Louça.

1.4 METODOLOGIA DE PESQUISA

- a. Revisão de bibliografia a respeito do tema;
- b. Levantamento e estudos de casos;
- c. Levantamento de campo, entrevistas e visitas técnicas;
- d. Análise da legislação local e de documentos técnicos;
- e. Análise comparativa das experiências estudadas através dos casos correlatos com o diagnóstico realizado para a área de estudo.

1.5 ESTRUTURAÇÃO

De acordo com a abrangência do tema, o trabalho divide-se em 5 partes principais:

- **Lazer, cultura e turismo:** Esta etapa pode ser considerada como a conceituação do tema da pesquisa, em que as atividades turísticas e de lazer são tratadas como reveladoras da cultura. Para isso, foram realizadas pesquisas envolvendo a análise de sociólogos e estudiosos a respeito do tema, fazendo-se um apanhado de informações relevantes sobre assunto, como a classificação dos equipamentos e os benefícios que eles podem trazer a população.

- **Cultura e lazer nas cidades:** Uma vez que as atividades culturais e de lazer têm forte relação com a política urbana, esta parte da pesquisa retrata questões relacionadas à dinâmica das cidades, no que diz respeito à democratização e à facilidade de acesso aos equipamentos urbanos. Com relação ao turismo, se bem estruturado, pode ser considerado, além de uma atividade benéfica à economia da cidade, uma importante fonte de enriquecimento do intercâmbio cultural.

- **Estudos de Caso:** Neste capítulo são apresentadas algumas obras correlatas, ou seja, que têm função similar ao Centro Cultural e Turístico a ser projetado posteriormente no Trabalho de Conclusão de Curso. Além disso, será realizada uma análise comparativa entre as obras, de modo a auxiliar posteriormente nas diretrizes do projeto em questão. São elas: Portão Cultural (Curitiba), Centro Cultural São Paulo (São Paulo) e Palácio das Artes Rainha Sofia (Valência).

- **Campo Largo: dados sobre o município:** Nada mais importante do que conhecer a fundo o local onde se deseja projetar. Diante disso, essa parte do trabalho destina-se ao levantamento de dados sobre a história, a economia e a cultura da cidade, apontando suas dificuldades, carências e potencialidades, no que diz respeito à atividade turística e cultural do Município.

- **Caracterização locacional:** Esta parte da pesquisa busca investigar dados mais específicos a respeito do terreno escolhido para o projeto do Centro Cultural e Turístico em Campo Largo, além de fazer um levantamento mais preciso sobre seu entorno, situação fundiária, rede de transportes públicos e as potencialidades do local.

-**Diretrizes Gerais do Projeto:** Este capítulo é de grande importância, pois é a base para começar a desenvolver o projeto arquitetônico em questão. Apresenta as diretrizes do projeto, como o programa de necessidades, o fluxograma, pré-dimensionamento dos ambientes e o partido.

2. LAZER, CULTURA E TURISMO

Uma das condicionantes mais importantes na hora de se propor um projeto arquitetônico de qualidade, é que se tenha um razoável conhecimento sobre o tema do projeto em questão, sendo nesse caso a cultura, o lazer e o turismo.

Uma vez que o vínculo existente entre cultura e lazer é bastante forte, segundo Dumazedier (1976), as atividades de lazer, ligadas a modelos e valores, determinam o conteúdo da cultura popular de uma comunidade. Isso porque elas possuem algum caráter cultural, o qual pode ser considerado de extremo valor no desenvolvimento humano. Atrelado a isso, está o turismo, considerado uma atividade de lazer, mas também uma forma de vivenciar a cultura do local que se visita.

Diante da importância da cultura e do lazer na formação dos cidadãos, torna-se imprescindível a existência de espaços públicos que promovam, de modo democrático e acessível, atividades desse gênero.

2.1 CONCEITUAÇÃO DE LAZER

Falar de lazer, atualmente, é falar de um fenômeno que permeia todas as esferas da vida humana. Algo absolutamente corriqueiro, banal, mas, que ao mesmo tempo, é extremamente complexo. (PINHEIRO, 2009)

A conceituação de lazer, a princípio, parece ser fácil, porém há vários conceitos advindos de estudiosos sobre o assunto, sendo portanto, complicado chegar a uma conclusão única sobre o que é o lazer. Neste sentido, procurou-se identificar através de uma revisão de literatura a posição de diversos autores no que diz respeito a esse conceito, e não uma resposta única e precisa.

Entre os autores consultados estão o sociólogo francês (pioneiro nos estudos do lazer) Joffre Dumazedier, o Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino (sociólogo e doutor em educação), o Prof. Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo (doutor em Ciências da Educação pela Universidade Sorbonne-Paris V), o Prof. Geraldo Castelli e o Prof. Valmir José Oleias.

Segundo Dumazedier (1976), o lazer é uma resposta às necessidades de relaxamento, desenvolvimento pessoal e divertimento que, quando supridas, conferem ao homem um certo equilíbrio e bem estar. Para ele, o lazer está ligado à noção de tempo livre como momento destinado à distração, à recreação e ao entretenimento, onde está em questão a satisfação pessoal. No entanto, o sociólogo francês deixa claro que tempo livre não é necessariamente sinônimo de lazer, já que pode ser um período ocioso e sem preocupações. É importante salientar que o ócio, ao mesmo tempo que pode elevar-se para a arte, a liberdade e a criatividade, pode também transformar-se em violência, neurose, vício e preguiça, mostrando que nem sempre o tempo livre é destinado a atividades benéficas ao intelecto humano.

Para Marcellino (1996), as atividades de lazer possuem o intuito de satisfazer os desejos e os anseios do indivíduo que as pratica, sendo portanto uma atividade que proporciona prazer. Segundo o autor, há basicamente duas variantes para as definições de lazer: uma delas determina o lazer como atividade desenvolvida no tempo livre do indivíduo ou seja, desenvolvida quando a pessoa está livre de suas obrigações; a outra desconsidera o fator tempo, tratando o lazer como um estilo de vida que foca basicamente na satisfação do indivíduo. Assim como Dumazedier (1976), Marcellino (1996) salienta que lazer é diferente de ócio, uma vez que segundo ele, o lazer está diretamente ligado a uma ocupação voluntária que visa o aprimoramento intelectual ou físico do indivíduo, enquanto que o ócio trata de descanso, ou seja, da não execução de atividades em um determinado período de tempo.

A grande maioria dos estudiosos considera o lazer como a satisfação do indivíduo e como uma atividade realizada no tempo livre. Camargo (1986), de forma similar aos autores citados anteriormente, considera o lazer como um conjunto de atividades gratuitas, prazerosas e voluntárias realizadas num tempo livre conquistado historicamente sobre a jornada de trabalho, e que interferem no desenvolvimento pessoal e social do indivíduo.

Para Castelli (1990), um dos problemas em engajar a população, sobretudo dos países do terceiro mundo, nessas diferentes atividades, é o fato de isto envolver diretamente as classes dominantes. Para que a massa trabalhadora tenha acesso ao lazer, é preciso dar-lhe condições, não só criando uma infraestrutura adequada, mas também condições de vida melhores: empregos, salários condizentes, educação, saúde, habitação. Como podem os trabalhadores dos países

subdesenvolvidos ter acesso ao lazer se ainda estão lutando pela sua sobrevivência?

Oleias (2003) concorda e conceitua lazer como sendo: "O lazer, em sua forma ideal, seria um instrumento de promoção social, servindo para auxiliar no rompimento da alienação do trabalho, apresentando-se politicamente como um mecanismo inovador aos trabalhadores na medida em que estabeleceria novas perspectivas de relacionamento social. Além disso, promoveria a integração do ser humano livremente no seu contexto social, onde este meio serviria para o desenvolvimento de sua capacidade crítica, criativa e transformadora, e proporcionaria condições de bem-estar físico e mental ao ser humano"

Dessa forma, o autor chega à conclusão que o conceito deve seguir as seguintes linhas gerais:

- a) historicamente, o lazer tem sido uma atividade necessária ao desenvolvimento bio-psíquico-social do homem;
- b) o lazer está relacionado à disponibilidade do tempo livre;
- c) o lazer diz respeito mais diretamente às classes privilegiadas pela sua situação sócio-econômica;
- d) por fim, a prática do lazer é influenciada, sobretudo pelo Estado, na medida em que este pode programar políticas públicas para o setor, além de oferecer espaços físicos necessários e adequados para a sua execução.

A contrariedade entre o lazer e as obrigações pode ser considerada um dos fatores mais importantes na conceituação de lazer. Por se tratarem de uma escolha que parte do indivíduo e imprimem uma satisfação pessoal, as atividades culturais e turísticas estão diretamente ligadas ao lazer, uma vez que proporcionam prazer e desenvolvimento pessoal.

Descanso, divertimento e desenvolvimento podem ser considerados como as principais funções do lazer, uma vez que auxiliam respectivamente na diminuição do stress e do cansaço físico e psicológico, afastam o tédio e rompem com o monótono do cotidiano, e proporcionam uma integração e socialização entre os grupos recreativos.

No caso de um Centro Cultural e Turístico, as atividades por ele oferecidas estão relacionadas a estas três funções, pois além de desenvolvimento, busca-se também proporcionar divertimento e descanso à população.

2.2 O LAZER COMO NECESSIDADE HUMANA

Segurança, saúde, educação e alimentação são algumas das necessidades mais discutidas e cobradas em uma sociedade. Sua administração é, sem dúvida, primordial para garantir a qualidade de vida de todo cidadão. Porém, além das necessidades biológicas, o ser humano precisa satisfazer também suas necessidades psicológicas por meio do lazer, do turismo e de atividades culturais que lhe confirmam bem-estar.

Atualmente, o “tempo livre” destinado ao lazer está cada vez mais escasso. Enfatiza-se o trabalho acima de tudo, o que traz sérias consequências à sociedade como o stress, a solidão e a depressão. No entanto, mais limitante ainda do que o fator tempo é o fator financeiro, uma vez que muitos ganham apenas o suficiente para satisfazer suas necessidades básicas.

Diante dessa situação, há uma grande necessidade pela democratização do lazer, ou seja, é preciso que sejam criados meios para que a comunidade, em especial a marginalizada, tenha acesso às atividades culturais que lhe proporcionam bem-estar. Além de satisfazer as necessidades psicológicas, o lazer pode significar uma alternativa econômica lucrativa e também ser um agente de transformação social e de amadurecimento intelectual.

Com o passar dos anos, o lazer vem ganhando cada vez mais destaque em nossa sociedade. Meios de comunicação veiculam reportagens, artigos e notícias que tratam do tema. Segundo Munhoz (2008, p. 59), no Brasil, desde a promulgação da Constituição Federal de 1988, o lazer é reconhecido como direito social “condicionante da cidadania”.

Sua busca constante ao longo dos séculos, e sua presença nas mais diversas culturas, revela a condição do lazer como necessidade humana básica. Por sua relevância no mundo complexo de hoje, com mudanças incessantes e rápidas, por sua notável força social e econômica e por seu peso decisivo na qualidade de vida, o lazer já merece interesse especial de cidadãos, governos e empresas. (GOMES, 2004).

Também levando em consideração o contexto social urbano, uma vez que “a necessidade de lazer cresce com a urbanização e a industrialização”, Dumazedier (1976) afirma que o lazer funda uma nova moral de felicidade. “É um homem

incompleto, atrasado e de certo modo alienado, aquele que não sabe aproveitar seu tempo livre.”

Segundo Pinheiro (2009), pode-se considerar que as necessidades humanas se equivalem, não possuindo diferentes graus de importância entre si. Portanto, o lazer não é “mais” ou “menos” importante do que necessidades de subsistência ou qualquer outra, embora se entenda que as necessidades humanas se manifestem com intensidades e níveis diferentes em contextos e circunstâncias diversos. O que acontece é que a carência da necessidade de subsistência talvez seja mais visível. Pessoas também morrem, adoecem e se suicidam, por exemplo, na carência de afeto, de liberdade, de identidade, de proteção; e não só pela privação de alimento, trabalho, ou outra fonte de satisfação da necessidade de subsistência.

Por tudo isso, destaca-se o fenômeno do lazer, com suas possibilidades intrínsecas da diversão, do descanso e do desenvolvimento, entre outras, como uma necessidade fundamental ao ser humano, construída social, histórica, cultural e politicamente. Desta forma, por se tratar de uma necessidade humana essencial ao indivíduo e ao seu desenvolvimento, é necessário que o lazer seja garantido às pessoas como direito efetivado pelo Estado e pela sociedade por meio de políticas públicas e outras ações (PINHEIRO, 2009).

2.3 CLASSIFICAÇÕES DO LAZER:

Segundo Marcellino (1996), as modalidades de lazer podem ser divididas em duas classes: ativo e passivo. O lazer ativo engloba atividades em que o indivíduo participa física e psicologicamente, como atividades manuais, artísticas e esportivas. Já o lazer passivo se refere às atividades intelectuais, em que o indivíduo apenas estuda, ou percebe determinada atividade prática, atuando como receptor de mensagens.

O lazer pode ter diferentes classificações, dependendo do interesse cultural de cada uma. As atividades a seguir são classificadas segundo Dumazedier (1976), e podem ser de prática coletiva ou individual:

- a) Atividades físicas: atividades com predomínio do movimento, como as caminhadas, a ginástica e os esportes em geral.

- b) Atividades manuais: atividades de manipulação, exploração e transformação de objetos, como a jardinagem, o tricô, o crochê e demais atividades relacionadas ao artesanato. As atividades manuais podem estar diretamente relacionadas com a expressão artística, pois geralmente envolvem criatividade, uso do imaginário e preocupação estética.
- c) Atividades artísticas: prática ou assistência de diversas formas de cultura como o teatro, a dança, a literatura, as artes plásticas, o cinema, entre outros. São atividades que envolvem o imaginário, apresentando conteúdo estético na busca da beleza e do encantamento.
- d) Atividades intelectuais: atividades relacionadas à busca de conhecimento e informações objetivas, o que pode se dar através de livros, jornais, revistas, televisão, cursos de literatura, entre outros.
- e) Atividades sociais: busca de relacionamentos e contato pessoal, como os bailes, festas, frequência em associações e idas a lugares que promovam o encontro de pessoas.
- f) Atividades turísticas: prática do indivíduo pela quebra da rotina, troca de paisagem e desejo de conhecer outros lugares. Os passeios e viagens são exemplos dessas atividades.

Todas estas atividades, sem dúvida, são capazes de difundir valores que refletem na cultura do indivíduo. O projeto de um Centro Cultural e Turístico a ser desenvolvido pretende enfatizar o lado intelectual dessas atividades e a potencialidade das mesmas para o desenvolvimento e produção cultural. Serão englobadas atividades manuais, intelectuais, artísticas, sociais e turísticas, todas objetivando agregar algum valor na vida das pessoas.

2.4 EQUIPAMENTOS DE LAZER:

Pode-se afirmar que um Centro Cultural e Turístico é considerado um equipamento de lazer. Dessa forma, é necessário primeiramente que se conceitue o assunto, relacionando-o com a Arquitetura e o Urbanismo.

Segundo Gomes (2004), um equipamento de lazer é uma edificação ou instalação onde acontecem eventos e atividades de lazer de um modo geral.

De acordo com a norma NBR 9284, da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), equipamentos urbanos são “todos os bens públicos e privados, de utilidade pública, destinados à prestação de serviços necessários ao funcionamento da cidade, implantados mediante autorização do poder público, em espaços públicos e privados.” Ainda segundo essa norma, os equipamentos urbanos podem ser subdivididos nas seguintes categorias: circulação e transporte, cultura e religião, esporte e lazer, infra-estrutura, abastecimento, administração pública, assistência social, educação e saúde.

Os equipamentos de lazer também são instrumentos utilizados dentro do contexto da atividade turística, contudo, em alguns casos são abordados de maneira diferenciada. Enquanto no Turismo um determinado equipamento, além de proporcionar lazer, assume o aspecto de atrativo, no campo do Lazer ele não apresenta tal diversidade (GOMES, 2004). O estádio de futebol Maracanã, por exemplo, para a comunidade carioca funciona como um equipamento de lazer utilizado para exibição de partidas de futebol, proporcionando assim diversão aos telespectadores. Ao mesmo tempo, para o turista que visita a cidade, o Maracanã assume além desse caráter, um papel de atrativo diante de seu valor histórico e cultural. Percebe-se, portanto, que apesar da especificidade de cada área, o equipamento não perde seu caráter original de lazer.

2.4.1 Equipamentos específicos:

Os equipamentos de lazer, de um modo geral, podem ser classificados também como específicos e não-específicos.

São chamados de **equipamentos específicos** aqueles construídos com a finalidade de abrigar atividades e programas de lazer, e podem ser classificados quanto à sua dimensão física do espaço e suas finalidades programáticas. Eles podem ser equipamentos especializados ou polivalentes (com várias funções) (CAMARGO, 1986).

- a) Equipamentos especializados: podem ser considerados microequipamentos, já que são espaços destinados a atender uma programação específica, como no caso dos teatros, auditórios, cinemas, academias de ginástica e centros

esportivos voltados para um interesse específico. Por serem especializados, estes equipamentos apresentam geralmente um único tipo de instalação, em dimensões não muito exageradas (CAMARGO, 1986).

- b) Equipamentos polivalentes: são caracterizados por oferecer uma programação diversificada que atenda a variados interesses socioculturais. Podem ser equipamentos de médio ou grande porte (microequipamentos). Como exemplos de equipamentos de médio porte, têm-se os centros esportivos – teatro, áreas de exposição, bibliotecas, entre outros. Seu público é mais abrangente que os equipamentos específicos, podendo abranger a cidade toda ou alguma região importante e populosa. Já os equipamentos polivalentes de grande porte são destinados a atendimentos de massa, em uma programação diversificada, abrangendo variados interesses socioculturais e com instalações de grandes dimensões e capacidade. É o caso de extensos parques que abrigam construções variadas, por exemplo, havendo geralmente bastante área verde. (CAMARGO, 1986).

Em uma escala menor, os equipamentos específicos de lazer podem também ser classificados segundo a modalidade atuante nos mesmos. Abaixo estão alguns segmentos das atividades de lazer seguidos de alguns espaços adequados para a prática das mesmas:

- Cultural: cinemas, teatros, bibliotecas, museus, centros culturais;
- Social: clubes, associações;
- Esportivo: clubes, quadras esportivas, centros aquáticos, campos de golfe;
- Expressão física e atlética: academias de dança, de ginástica;
- Recreativa: jardins, praças, parques urbanos, parques aquáticos;

Já os **equipamentos não-específicos** de lazer, segundo Marcellino (1996), são aqueles que não são construídos com o objetivo de abrigarem atividades de lazer, mas que acabam cumprindo estas funções. É o caso das habitações, dos bares, das escolas e das ruas.

Enfim, é perceptível a vasta gama de equipamentos destinados às atividades de lazer. Eles podem ser de variados portes e focados em modalidades diversas. Pode-

se dizer que entre os equipamentos apresentados, o centro cultural proposto para o TFG se enquadra como um equipamento polivalente de médio porte, destinado às atividades de caráter cultural.

2.5 CONCEITUAÇÃO DE CULTURA

A definição de cultura, assim como a de lazer, não é nem um pouco simples.

Cultura (do latim *colere*, que significa cultivar) é um conceito de várias acepções, sendo a mais corrente a definição genérica formulada por Edward B. Tylor, em seu livro *Primitive Culture* (1871), segundo a qual cultura é “aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade”. Em Roma, na língua latina, seu antepassado etimológico tinha o sentido de “agricultura” (significado que a palavra mantém ainda hoje em determinados contextos).

A cultura é dinâmica. Como mecanismo adaptativo e cumulativo, a cultura sofre mudanças. Traços se perdem, outros se adicionam em velocidades distintas nas diferentes sociedades. Dois mecanismos básicos permitem a mudança cultural: a invenção ou introdução de novos conceitos, e a difusão de conceitos a partir de outras culturas. Há também a descoberta, que é um tipo de mudança cultural originado pela revelação de algo desconhecido pela própria sociedade e que ela decide adotar.

O “ambiente” exerce um papel fundamental sobre as mudanças culturais, embora não único: os homens mudam sua maneira de encarar o mundo tanto por contingências ambientais quanto por transformações da consciência social. Cada região oferece possibilidades de adaptação, onde cada povo escolhe os melhores hábitos e costumes para encontrar sua maneira de sobreviver. Acontece que nem sempre uma localidade com as mesmas condições ambientais provoca reações de adaptações iguais. Assim, segundo Laraia (1986), percebe-se que a cultura não é determinada nem pela biologia e nem pelo meio ambiente, tratando-se, portanto, de um aprendizado.

Cada indivíduo adota sentidos e significados distintos para uma mesma coisa, tendo como base a sua bagagem cultural. E o que pode ser considerado correto

para algumas pessoas, pode ser errado para outras. O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais, e mesmo as posturas corporais são expressões culturais (LARAIA, 1986).

Como a cultura trata dos costumes de um povo, pode-se afirmar que ela influencia o conteúdo das atividades de lazer existentes na sociedade, pois estas atividades são desenvolvidas baseadas no interesse da população. Há comunidades que valorizam as festas, por exemplo, enquanto outras destinam seu tempo livre ao culto das artes. Isso depende dos valores de cada sociedade, determinando assim quais atividades são de maior importância para o desenvolvimento e bem estar do ser humano de acordo com a cultura vigente. Porém, a cultura é dinâmica e varia com o passar do tempo, o que pode ocasionar mudanças em relação à importância dada por uma sociedade a determinadas atividades de lazer. Como exemplo, a prática do esporte não é tão valorizada na Roma atual como era na Antiguidade, afinal, a cultura e os costumes das sociedades que por ali passaram sofreram mutações que alteraram a maneira de pensar e agir da população (DUMAZEDIER, 1976).

Figura 1- Corrida de bigas na Roma antiga.



FONTE: www.olimpiadas.uol.com.br

Infelizmente, a maioria das pessoas troca as atividades intelectuais de bom conteúdo cultural por atividades que simplesmente proporcionam divertimento sem acréscimo de desenvolvimento pessoal. Isso se torna algo bastante preocupante na questão da preservação da cultura popular, uma vez que valores que identificam uma sociedade podem sofrer mutações ou se perder com o tempo (DUMAZEDIER, 1976).

Desta forma, é papel fundamental dos profissionais capacitados estabelecer políticas culturais que ofereçam atividades de lazer, as quais possam contribuir tanto para o fortalecimento da identidade da população, como para o desenvolvimento intelectual do indivíduo.

2.6 A DEMOCRATIZAÇÃO DA CULTURA

Segundo Marcellino (1996), existem muitas barreiras para a participação nas atividades culturais e de lazer, sendo as principais delas a diferença de classes, o nível de instrução, a faixa etária e o acesso aos equipamentos, limitando o lazer a uma minoria da população. Infelizmente, muitas vezes as atividades culturais podem ser consideradas um privilégio, já que estão ao alcance de poucos, principalmente da população com condição econômica acima da média. O que acaba acontecendo, é que a maioria das pessoas de renda mais baixa possuem acesso apenas aos meios de comunicação de massa, como a televisão e o rádio, ficando fora de atividades como idas ao teatro e ao cinema (MARCELLINO, 1996).

O avanço dos meios tecnológicos, de certa forma, tem levado ao processo de democratização da cultura, ou seja, devido à facilidade de sua produção ou divulgação, um grande número de pessoas pode ter acesso a determinados objetos e informações. No entanto, isso tem afetado muito as manifestações populares, uma vez que existem sérias implicações às culturas e identidades, na medida em que há imposição de elementos que não correspondem a elas.

O processo de globalização auxilia na homogeneização cultural, na medida em que se aplicam estratégias mundiais em diferentes partes do mundo, impondo características que antes não eram comuns a determinadas culturas e sociedades. Isso resulta em certo domínio cultural das nações industrializadas mais poderosas do mundo, pois estas inserem seus padrões em outros países a elas subordinados no sistema capitalista. (ONO, 2006).

Dessa forma, pretende-se com o projeto de um Centro Cultural e Turístico em Campo Largo, valorizar e expor características da comunidade local, a fim de que possam expressar importantes referenciais da cultura, a partir de um espaço que fomenta as expressões culturais já existentes e fortaleça a identidade da população.

2.7 CENTROS CULTURAIS

A principal idéia de um centro cultural é reunir equipamentos variados relacionados à cultura e ao lazer, englobando salas de exposições, cinema, ateliês de arte, sala de música, sala para atividades manuais, sala de dança e movimento, museu, biblioteca, auditório e demais espaços destinados a manifestações culturais de diversas modalidades. É cada vez mais frequente também a inclusão de lojas, cafés e livrarias em suas instalações. Portanto, seu funcionamento é bastante variado e envolve uma gama de atividades que pretendem atingir um público interessado em consumir e produzir cultura, proporcionando assim o bem-estar da população e auxiliando no desenvolvimento cognitivo dos indivíduos.

Os centros culturais podem apresentar escalas e dimensões variadas conforme o número de pessoas a serem atendidas. Geralmente funcionam a semana toda, embora seja o final de semana o período com maior índice de atividades, apresentações e exposições ofertadas.

No Brasil, o *boom* dessas instituições aconteceu nas décadas de 80 e 90, após o surgimento das leis de incentivo fiscal e de leis que estimularam a ocupação de prédios para preservação do patrimônio histórico e de áreas centrais da cidade. Alguns exemplos refletem o interesse de empresas e instituições em apoiarem a cultura criando vínculos mais amplos e diferenciados com a sociedade, como as unidades do SESC, o Centro Cultural São Paulo, o Itaú Cultural, os espaços da Funarte, o Espaço Cultural dos Correios, entre outros.

2.8 A ATIVIDADE TURÍSTICA

Segundo o endereço eletrônico do Ecoparaná (2008), o turismo vem se projetando como uma das atividades mais rentáveis do mundo contemporâneo. Esta atividade tem movimentado de maneira significativa o mercado de trabalho, tornando-se instrumento para o desenvolvimento de grande parte dos municípios paranaenses. Além da questão econômica, o turismo, quando bem gerenciado, oferece possibilidades da divulgação da cultura e preservação ambiental.

Cabe destacar que existem diversos conceitos de turismo, de acordo com a ótica de quem os desenvolve – economistas, geógrafos, ecologistas, antropólogos,

sociólogos, administradores, turismólogos. Contudo, pode-se afirmar que turismo é um amálgama de elementos e atividades; é o deslocamento de pessoas para fora de suas cidades de moradia, e está incluído no setor de serviços. (DE LUCCA FILHO, 2005)

O conceito de turismo é o centro de inúmeras discussões entre pesquisadores e instituições. Em 1991, a Organização Mundial de Turismo (OMT) apresentou uma definição entendendo que “o turismo compreende atividades desenvolvidas por pessoas ao longo de viagens e estadas em locais situados fora do seu enquadramento habitual por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, para fins recreativos, de negócios ou outros” (CUNHA¹, 1997, apud DE LUCCA FILHO, 2005).

O turismo pode ainda ser definido como “um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem atividades lucrativas ou remuneradas, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural” (DE LA TORRE ², 1992, apud DE LUCCA FILHO, 2005).

Segundo Jordi Pardo, no livro *Cidades Criativas: Perspectivas (2011)*, além de ser uma atividade econômica importante, o turismo é um catalisador dos negócios locais, do desenvolvimento do setor de serviços e do aumento da demanda cultural. Além disso, pode dar viabilidade econômica para muitos projetos culturais que somente com a demanda local teriam dificuldades.

Ainda neste livro, o Arquiteto e Urbanista curitibano Jaime Lerner explica que uma cidade só pode ser atraente para turistas se for atraente para sua própria população. “Não se prepara a cidade para turistas, mas para sua população, e o modo como serve a seu povo pode ser um exemplo de qualidade de vida que atrairá turistas.”

1 CUNHA, L. **Economia e política do turismo**. Lisboa: McGraw-Hill, 1997

2 DE LA TORRE, O. P. **El turismo, fenómeno social**. Ciudad de México: México, Fondo de Cultura Económica, 1992.

3 BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. 6. ed. São Paulo: SENAC/SP, 2001.

É também importante destacar os diversos tipos de turismo praticados. Tais tipos são formados tendo em vista características da oferta e/ou da demanda turística. Beni³ (2001, citado por DE LUCCA FILHO, 2005), categoriza uma série deles:

Tabela 1 – Tipos de turismo

CATEGORIA	DEFINIÇÃO/CARACTERÍSTICA
Climático e hidrotermal	Turistas que se deslocam para localidades pela qualidade terapêutica do clima e das águas e termas.
Paisagístico	O principal atrativo é a paisagem, compreendendo locais em que as características geográficas e ecológicas são os principais fatores de atração.
Cultural	O legado histórico do homem, simbolizado através do patrimônio cultural. Ruínas, monumentos, museus e obras de arte são os atrativos principais.
Religioso	Peregrinos são turistas e consomem como turistas. São motivados pela fé em distintas crenças.
Desportivo	O principal produto desse turismo é o esporte.
Científico	Deslocamento de turistas a centros universitários com atuação no setor de pesquisa e aperfeiçoamento.
Eventos	Deslocamento de pessoas para participarem de eventos.
Negócios	Deslocamento de pessoas por movimentos econômicos a fim de efetuarem transações comerciais.
Da terceira idade	Realizados por pessoas com mais de 60 anos de idade.
Aventura	Motivado por desejos ou realizações de enfrentarem suas advindas surpresas através de um esporte mais arriscado.
Étnico	Inter-relacionando culturas e pessoas.
De incentivo	Viagens elaboradas a funcionários que atingiram seus objetivos no trabalho.
Urbano	Relacionando cidades com arquiteturas construídas pelo homem e com belezas naturais.
Educacionais	Intercâmbio e viagens técnicas.
De saúde	Fins terapêuticos ou clínicos para estética corporal ou relaxamento mental.
Esotérico	Visitas a cidades com apelos místicos.
Ecológico	Deslocamento de pessoas para espaços naturais, com ou sem equipamentos receptivos, motivados pelo desejo de usufruir da natureza através de observação passiva da flora, fauna e paisagem .
Ecoturismo	Deslocamento de pessoas a espaços naturais delimitados e protegidos. Pressupõe uma utilização controlada, sustentável, através de estudos ambientais, estimando a capacidade de carga.
Rural	Deslocamento de pessoas a espaços rurais. Pode apresentar instalações de hospedagem em casas de antigas colônias ou em propriedades modernas, como complexos turísticos e hotéis-fazenda.
Agroturismo	Também acontece no meio rural. Diferentemente do turismo rural, no agroturismo, a produção agropastoril do local é a principal fonte da receita, não o turismo. As atividades agropastoris são o principal diferencial turístico.

FONTE: Adaptado de: Beni (2001,citado por DE LUCCA FILHO, 2005).

Entre estas categorias de turismo, pode-se dizer que Campo Largo, além do turismo rural, está mais intimamente ligado ao turismo de eventos e de negócios, devido principalmente à Rota da Louça.

2.9 CENTRO DE INFORMAÇÕES TURÍSTICAS

A informação tem uma grande importância para o setor turístico. Os turistas precisam de informação mesmo quando já chegaram a seu destino. Essa necessidade de informação está associada a riscos – financeiros e emocionais – para o consumidor. Apesar do constante aumento do tempo livre, as férias anuais são o principal espaço temporal que as pessoas possuem para viajar. Caso ocorram problemas em seus momentos de férias, psicologicamente, o visitante fica abalado e possivelmente não retorna àquela localidade. (DE LUCCA FILHO, 2005)

Segundo De Lucca Filho (2005), atividade turística gera uma quantidade muito grande de informações que têm importância e valor estratégico nos negócios turísticos. Portanto, a informação deve ser tratada como um elemento de estratégia e planejamento organizacional/institucional.

Por “Centro de Informações Turísticas” se entende espaços físicos ou virtuais (baseados na *Web*) em que turistas, visitantes ou interessados em determinadas destinações turísticas procuram informação. De posse da informação, essas pessoas podem tomar decisões que variam bastante, como: quando, como e para onde viajar, quanto gastar, quais roupas levar, quais rodovias utilizar, quais rotas seguir, etc. (DE LUCCA FILHO, 2005)

As funções de um CIT (Centro de Informações Turísticas) variam bastante, dependendo de seu objetivo, localização, porte, etc. Foram observadas na literatura as seguintes atividades e tarefas: fornecer informações turísticas, prestar serviços de agências de viagens (reservas de serviços em estabelecimentos turísticos – meios de hospedagem, traslados, serviços de guias de turismo, reservas em shows e outros eventos, dicas de atrativos turísticos), disponibilizar banheiros e serviços de alimentação (restaurantes, lanchonetes e lojas de conveniência) (DE LUCCA FILHO, 2005).

Diante disso, visto que Campo Largo apresenta um potencial turístico expressivo, observou-se a necessidade da criação de um espaço específico de apoio ao turista (Centro de Informações Turísticas - CIT) e estrategicamente

posicionado próximo à rodovia, com diversos serviços de apoio aos viajantes, aproveitando para a divulgação dos eventos culturais, possibilidades de turismo e lazer que a cidade oferece, tendo como “carro chefe” a divulgação da Rota da Louça. Isso contribuiria, sem dúvida, para a geração de novos fluxos e o aumento da permanência do turista, além de criar novos empregos e movimentar a economia do Município.

Tabela 2 – Funções dos equipamentos turísticos

Conceito	Definição
Função Básica Aquele sem a qual o produto ou serviço perde seu valor ou identidade	- Informar turistas
Funções Secundárias Auxilia o “produto” a ser vendido	- Fornecer folders - Realizar reservas - Sugerir atividades - Imprimir listas
Função de uso Torna possível a utilidade do serviço	- Reservar apartamentos, restaurantes, ingressos, etc. - Informar sobre: atrativos, endereços, transportes.
Função de Estima Implica uma vontade de posse	- Propiciar segurança e orientação.

FONTE: Adaptado de De Lucca Filho (2005).

Figura 2: Ciclo de Serviço e Momentos em um CIT



FONTE: De Lucca Filho (2005).

3. CULTURA E LAZER NAS CIDADES

Uma vez que as atividades culturais e de lazer têm forte relação com a política urbana, esta parte da pesquisa retrata questões relacionadas à dinâmica das cidades, no que diz respeito à democratização e à facilidade de acesso aos equipamentos urbanos. Com relação ao turismo, se bem estruturado, pode ser considerado, além de uma atividade benéfica à economia da cidade, uma importante fonte de enriquecimento do intercâmbio cultural.

Segundo Marcellino (1996), “O espaço para o lazer é o espaço urbano.” Apesar disso, a maioria das cidades apresenta uma política cultural deficiente, resultante principalmente da carência ou da centralização de equipamentos específicos, do crescimento desordenado das cidades, e da falta de iniciativa dos órgãos públicos.

Yurgel (1983, apud Rodrigues, 2008) retrata que “as cidades modernas pouco têm, em termos de espaço aberto ou construído, um local dirigido para as horas de lazer da população.” Apesar disso, observa-se que muitas cidades apresentam ações culturais, embora as mesmas sejam desenvolvidas em escolas, ruas, áreas verdes e demais locais não destinados especificamente à prática destas atividades. Estes espaços podem abrigar diversas atividades de lazer, mas não podem ser considerados totalmente adequados às necessidades.

De acordo com Coelho (2008, p.10), “uma simbiose íntima entre cultura e cidade precisa ser formulada, num processo de reinvenção do cotidiano.” Políticas públicas precisam ser redirecionadas, de forma a garantir a renovação e a expansão dos recursos culturais da cidade. É importante ainda que haja a criação de uma malha cultural sólida e sustentável, baseada nos valores da sociedade, traduzindo a cultura em vetor da vida cotidiana.

Uma estratégia cultural local comporta a elaboração de um documento de planejamento cultural chamado plano local de cultura ou plano estratégico de cultura, o qual relaciona os agentes, os objetivos, as atividades, os recursos e os resultados esperados que configuram um projeto.

Em alguns países, a cultura impulsionou a administração pública e a vida social. Foi o caso, da França, onde a criação do ministério da cultura, ao final da década de cinquenta do século passado, e a subsequente criação de uma rede de casas de

cultura não só na capital como no interior do país, deixaram evidente o poder da cultura como aglutinador e propulsor do desenvolvimento material e humano na sociedade (COELHO, 2008, p.64).

“A Cultura é o Futuro das Cidades”. Surpreendentemente, essa não é uma citação de um Plano de Cultura, é uma declaração de intenções da Agenda de Desenvolvimento Econômico de Toronto.

Quando se observam as melhores práticas na gestão urbana contemporânea da cultura, o mais importante é que ela precisa estar integrada à construção da cidade. Ao analisar o seu desenvolvimento, os planejadores urbanos devem questionar como as futuras propostas afetarão a cultura, e também, “como a cultura poderá melhorar esse desenvolvimento?” Não se trata mais do que podemos fazer pela Cultura, mas do que a Cultura faz por nós (COELHO, 2008, p.71).

Coelho (2008, p.101) alega ainda que a cultura é importante para a sociedade, a economia, a educação e o desenvolvimento urbano. Para ele, a política cultural está no meio do quadro político, entre a política econômica, a social, a educacional e o desenvolvimento urbano. Esta talvez seja a tarefa principal da política cultural urbana – ser uma espécie de junção e “correia de transmissão” para assegurar a ligação entre os diferentes campos e tarefas políticas – proteger a diversidade, promover a cultura para se tornar um pilar econômico e incluir a sociedade civil.

3.1. CULTURA COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO SOCIAL

A cultura pode ser lucrativa do ponto de vista financeiro, mas ela também pode ser um excelente salva-vidas. Segundo Coelho (2008, p.76), as atividades culturais têm um grande potencial para fazer frente a muitos desafios sociais que as cidades enfrentam. Cidades de todas as partes estão preocupadas em criar um propósito comum quando laços tradicionais de etnia, língua e religião já não são conexões determinantes. Não se trata apenas de como construir cidades, mas de como desenvolver os cidadãos.

Ainda de acordo com Coelho (2008, p.76), a cultura oferece maneiras instigantes de relacionar o cidadão com sua comunidade. Isso pode ser especialmente importante para a juventude em risco e a vizinhança onde o crime e a

pobreza são endêmicos. O Departamento de Cultura deve trabalhar duro para criar programas e serviços especificamente orientados para os jovens, despertando neles um interesse por sua cidade, seu bairro e por si mesmos.

Sabe-se que a oferta de atividades culturais pode preparar um indivíduo em vulnerabilidade social para exigências profissionais do mercado de trabalho, e acima de tudo, pode transformá-lo em um cidadão íntegro e correto. Em áreas com população mais carente, é fundamental que existam equipamentos de lazer voltados às atividades culturais, considerado que estes podem ser grandes aliados na superação de problemas comuns como desemprego, violência, crime, marginalidade e uso de drogas. No caso do combate a estes problemas, pode-se dizer que o lazer diminui as chances de envolvimento com os mesmos, pois ocupa o tempo dos indivíduos com atividades culturais em vez de deixá-los livres para o envolvimento com atividades ligadas à marginalidade (MARCELLINO, 1996).

Como acontece nos esportes, o treinamento cultural não cria apenas habilidades, mas também uma atitude disciplinada na sua construção. Em alguns casos, ele abre caminho para carreiras em potencial, e é realmente maravilhoso alguns destes artistas jovens terem suas aptidões e interesses validados. O conhecimento adquirido pelas artes pode dar a um jovem a confiança e a experiência que os empregadores procuram (COELHO, 2008, p.77).

Ao examinar a questão de um novo papel da política cultural é preciso começar fazendo uma pergunta básica: O que é política cultural? Uma resposta é oferecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco): “Políticas Culturais dizem respeito àquelas políticas relacionadas com cultura, seja em nível local, regional, nacional ou internacional, que são focadas na cultura como tal, ou designadas para ter um efeito direto em manifestações culturais de indivíduos, comunidades ou sociedades, incluindo a criação, produção, disseminação, distribuição e acesso a atividades, bens e serviços culturais.”

Administrar a diversidade significa também repensar os programas de nossas instituições culturais, tratar da questão de acesso, participação, e “desenvolvimento de público”. Fazer com que os filhos de famílias socialmente carentes tenham acesso às instituições culturais publicamente financiadas como casas de ópera, teatros e museus. Aumentar o acesso de jovens socialmente carentes é uma questão de justiça social (COELHO, 2008, p.94).

Segundo Coelho (2008), a cultura deve ser uma ferramenta de inclusão social e de crescimento econômico. A política cultural precisa ficar atenta às mudanças sociais e às novas sociedades urbanas, examinando e adaptando os programas das instituições culturais – teatros, museus, galerias de arte – para novos públicos, e fortalecendo a educação artística, e visando garantir o acesso individual à cultura e à criatividade.

3.2. AÇÃO CULTURAL COMO ESTRATÉGIA SOCIOEDUCATIVA

A criação de espaços públicos voltados ao lazer pode estimular o desenvolvimento cultural de determinada comunidade, moldando a sociedade através da introdução de valores. É evidente que as atividades de lazer tornam os praticantes mais saudáveis, alegres e pacíficos. Também melhoram a fisiologia humana, pois ajudam a reduzir a fadiga física e nervosa decorrentes do trabalho e demais obrigações diárias. Além disso, o lazer promove a integração do indivíduo no seu contexto social, desenvolvendo sua capacidade crítica e criativa. Ao mesmo tempo em que proporcionam prazer, as atividades culturais de lazer contribuem para o crescimento pessoal e para o desenvolvimento de atitudes críticas e de responsabilidade social. A preocupação com o lazer deve ser constante, uma vez que ele exerce consequências sobre a família, o trabalho e a cultura (CAMARGO, 1986).

De acordo com Coelho (2008, p. 175), além de oficinas, espetáculos, cursos e seminários, a proposta de ação sociocultural procura abranger o maior número possível de possibilidades, em sua perspectiva democrática de cultura para a cidadania. Com a finalidade de reunir assistência social e conteúdos culturais, artísticos, intelectuais, de desenvolvimento físico e esportivo, busca objetivos como:

1. Contribuir para que cada cidadão aumente sua condição de análise e crítica em relação a si mesmo, aos outros e às mais diversas situações;
2. Tornar as pessoas capazes de interpretar, compreender, e sobretudo confrontar a realidade com os planos e projetos de desenvolvimento; o que se pode conseguir por meio da expressão, da discussão coletiva e das trocas de opinião, para criar o hábito da síntese e da integração;

3. Estimular atitudes criadoras e imaginativas que procurem estimular valores geradores de novos valores e de elementos éticos humanizadores para a convivência e a vida coletiva;
4. Contribuir para organizar a vida no tempo livre, de modo que possa ser apropriado como tempo criativo para autoformação e desenvolvimento pessoal.

3.3. CIDADES CRIATIVAS

Não se pode negar que cultura é um item de enorme valor para uma cidade criativa, por seus próprios benefícios culturais e também pelos impactos sociais e econômicos gerados.

No livro *Cidades Criativas: Perspectivas (2011)*, Jordi Pardo (professor da Universidade de Barcelona e gestor público), explica que a cidade criativa é uma área urbana voltada à inovação e à cultura. Segundo ele, “inovação é o resultado da implementação de critérios de viabilidade para a criatividade, que gera valores de mudança, melhoria e progresso em todas as atividades econômicas, sociais e culturais.”

Ainda de acordo com Pardo (2011), uma das condições que podem favorecer processos criativos em uma cidade é a instalação de áreas culturalmente dinâmicas, nas quais uma vasta gama de atividades culturais coexistem. Isso seria a base para o desenvolvimento de um ecossistema criativo.

Para o ex presidente da Embratur, Prof. Doutor Caio Luiz de Carvalho, “a economia criativa tem o poder de transformar, de mudar, de dividir, de repartir e de incluir. A cidade criativa é aquela que estimula os talentos, a diversidade e dá condições para que se agregue valor econômico e se dê vazão à geração de negócios a partir disso.” Segundo Carvalho (2011), música, dança, artes, literatura, teatro, cinema, artesanato, moda, design, as novas indústrias digitais, o turismo e a gastronomia são capazes de trazer o desenvolvimento coletivo, unindo de uma vez por todas o social ao econômico.

Um exemplo de cidade criativa que encontrou na cultura e na educação uma solução para resolver grande parte dos desafios e problemas sociais, foi Medellín, segunda maior cidade da Colômbia, que a partir de programas sociais baseados no

incentivo à cultura e à educação, deixou de ocupar a posição de cidade mais violenta do mundo, e passou a ser reconhecida como um sinônimo de transformação, transparência e otimismo. O número de mortes em Medellín hoje caiu para 10% do que era antes.

A partir de exemplos como esse, a proposta de um Centro Cultural e Turístico em Campo Largo busca não apenas suprir uma carência de infra-estrutura cultural existente, mas contribuir para que o Município, assim como várias outras cidades do mundo, seja também um exemplo de cidade criativa, e que isso se reflita principalmente na sua dinâmica social e econômica.

3.4 SISTEMA NACIONAL DE CULTURA

Um dos maiores desafios que se apresenta hoje, é assegurar a continuidade das políticas públicas de culturas como políticas de Estado, com nível cada vez mais elevado de participação e controle social, e viabilizar estruturas organizacionais e recursos financeiros e humanos, em todos os níveis de Governo, compatíveis com a importância da cultura para o desenvolvimento do país.

O principal objetivo do Sistema Nacional de Cultura (SNC), segundo dados do Ministério da Cultura, é fortalecer institucionalmente as políticas culturais da União, Estados e Municípios, com a participação da sociedade. As políticas para a cultura ainda ocupam posição periférica na agenda da maioria dos governos, além de serem conduzidas de forma pouco profissional. A Constituição Brasileira de 1988 estabelece que para promover e proteger a cultura deve haver colaboração entre o poder público e a comunidade.

Os direitos culturais, diferentemente dos direitos sociais, ainda são pouco conhecidos e praticados. São eles:

- Direito à identidade e à diversidade cultural (ou direito ao patrimônio cultural);
- Direito à participação na vida cultural, que compreende o direito à livre criação, ao livre acesso, à livre difusão e à livre participação nas decisões de política cultural;
- Direito autoral;
- Direito ao intercâmbio cultural (nacional e internacional).

A Política Nacional de Cultura considera ser responsabilidade do Estado, com a colaboração da sociedade :

- promover, proteger e valorizar os bens do patrimônio cultural brasileiro (material e imaterial) portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira;
- apoiar, incentivar e valorizar as manifestações culturais, com plena liberdade de criação e difusão;
- universalizar o acesso aos bens e serviços culturais;
- democratizar e dar transparências aos processos decisórios, assegurando a participação social nas instâncias deliberativas da política cultural;
- consolidar a cultura como importante vetor do desenvolvimento sustentável;
- intensificar o intercâmbio cultural, nacional e internacional;
- promover o diálogo intercultural e contribuir para a promoção da paz;
- articular a política cultural com outras políticas públicas.

Segundo o Ministério da Cultura, um dado muito positivo é que a construção do Sistema Nacional de Cultura, embora com estágios bastante diferenciados, já está em pleno andamento em todo o Brasil. Esse processo ocorre com a criação, por Estados e Municípios, de alguns componentes auxiliares como, entre outros, os Órgãos Gestores da Cultura, a elaboração de Planos de Cultura (com participação da sociedade) e os Sistemas de Informações e Indicadores Culturais.

- Órgão Gestor da Cultura: é a instituição pública responsável pela coordenação do Sistema de Cultura e pela execução das políticas da área cultural. No nível nacional é o Ministério da Cultura, no nível estadual são as Secretarias Estaduais de Cultura, e no nível municipal são as Secretarias Municipais de Cultura.

- Plano de Cultura: é um instrumento de gestão de médio e longo prazo, no qual o Poder Público assume a responsabilidade de implantar políticas culturais que ultrapassem os limites de uma única gestão de governo. O plano estabelece estratégias e metas, e define prazos e recursos necessários à sua implementação. A partir das diretrizes definidas pela Conferência de Cultura, que deve contar com ampla participação da sociedade, o plano é elaborado pelo Órgão Gestor com a

colaboração do Conselho de Política Cultural, a quem cabe aprová-lo. Os planos Nacional, Estaduais e Municipais devem ter correspondência entre si e ser encaminhados pelo Executivo para aprovação dos poderes legislativos, afim de que, transformados em leis, adquiram a estabilidade de políticas de Estado.

- Sistema de Informações e Indicadores Culturais : é o conjunto de instrumentos de coleta, organização, análise e armazenamento de dados – cadastros, diagnósticos, mapeamentos, sensos e amostras – a respeito da realidade cultural, sobre a qual se pretende atuar por meio do levantamento dos artistas, produtores, grupos de cultura popular, patrimônio material e imaterial, eventos, equipamentos culturais, órgãos públicos e privados e movimentos sociais de cultura, é possível planejar e executar com maior precisão programas e projetos culturais. Os indicadores podem ser qualitativos e quantitativos. Os indicadores não são simples dados, ou seja, eles servem para sinalizar tendências, e devem ser constantemente atualizados.

Além das muitas vantagens da adesão dos municípios ao Sistema Nacional de Cultura, a principal delas é o recebimento de recursos do Governo Federal destinados à política cultural. Pelas novas regras, os primeiros beneficiados serão os municípios que saírem na frente e constituírem seus Sistemas Municipais de Cultura.

Nesse contexto, Campo Largo, cidade onde será implantado o projeto tema do TFG da aluna, está adiantado em relação a muitos municípios, inclusive da Região Metropolitana de Curitiba. Isso demonstra que há uma certa preocupação da cidade com a cultura, mas que por enquanto está só no papel pois, apesar da intenção em se construir equipamentos culturais melhores, segundo a prefeitura, o que se pode ver na cidade ainda são equipamentos culturais deficientes e falhos.

4. ESTUDOS DE CASOS:

Com o objetivo de compreender melhor a dinâmica e como são projetados os espaços onde são realizadas atividades culturais e de lazer, realizou-se uma pesquisa de casos correlatos de projetos arquitetônicos de Centros Culturais, buscando identificar seus programas, além de seus aspectos positivos e negativos.

Os principais pontos analisados serão:

- Contexto histórico, sua relação com o entorno e a sociedade;
- Aspectos funcionais (*utilitas*);
- Aspectos técnicos e construtivos (*firmitas*);
- Aspectos plásticos (*venustas*).

Para isso, optou-se por escolher e analisar três casos correlatos, todos contendo mais de uma atividade cultural em seu edifício.

O primeiro deles, a nível regional, é o Portão Cultural, no bairro Portão em Curitiba. Optou-se por este projeto principalmente por ele oferecer um programa de atividades parecido com o que se pretende projetar no TFG. Além disso, é um edifício de fácil acesso, que foi recentemente revitalizado e exerce forte influência na comunidade local.

O segundo caso, a nível nacional, é o Centro Cultural São Paulo, dos arquitetos Luiz Benedito Telles e Eurico Prado Lopes. Os motivos da escolha são muito parecidos com o do caso citado acima, uma vez que é um edifício de fácil acesso, que recebe milhares de pessoas todos os anos, e possui um programa de atividades mais abrangente e variado. Outros aspectos chamam bastante a atenção, como seu partido arquitetônico, sua preocupação com a vivência das pessoas em seus espaços, com o conforto ambiental e com a eficiência energética.

Por último, toma-se o Palácio das Artes Rainha Sofia, em Valência, do renomado arquiteto e engenheiro espanhol Santiago Calatrava, como o caso correlato a nível internacional. A sua opção se deu principalmente por ter sido uma obra que revolucionou a cultura, a economia e o turismo da cidade onde está inserida. Apesar de suas atividades não serem tão diversificadas como dos outros casos acima citados, este edifício se sobressai pela sua imponência e ousadia arquitetônica, pelo uso de artifícios projetuais diferenciados e por ser um ícone europeu no que se refere a edifícios culturais.

de descentralização cultural, pois o bairro, na época, era considerado relativamente afastado do centro da cidade, apresentando pouco comércio e sendo predominantemente residencial.

Figuras 5 e 6: Terminal do Portão e vista do terminal a partir do Portão Cultural.



Fonte: <http://www.urbs.curitiba.pr.gov.br>



Fonte: foto da autora

A construção original foi projetada pelo arquiteto Marcos Prado, e tinha como proposta dois edifícios conectados por uma passarela, embora apenas um deles tenha sido executado. Foi construído entre 1978 e 1981 para ser um centro comercial do terminal, mas como isso não aconteceu, a obra, que tem uma área de 4.827,55m², foi adaptada para se tornar um Centro Cultural e receber um acervo doado pelo artista Potty Lazaroto, com obras de artistas como Di Cavalcanti e Portinari.

Com a nova necessidade, o prédio, até então sem utilidade, teve iniciada sua adequação para o novo uso em 1986, sob orientação do arquiteto Leonardo Afonso Brusamolin. Na intervenção, optou-se por manter as características originais do edifício, readequando os espaços para abrigar o Museu Municipal de Arte, uma sucursal da biblioteca Pública do Paraná, oficinas, cinema, auditório e ateliês, originando assim o Centro Cultural Portão. Em 1996, um decreto estabeleceu que todo o complexo passaria a ser denominado MUMA- Museu Metropolitano de Arte devido a uma alteração administrativa das unidades que o integravam.

Devido a problemas de acessibilidade e na estrutura, em 2006 o Centro Cultural do Portão foi fechado para reformas. Além disso, foi classificado pela Prefeitura de Curitiba como Unidade de Interesse Especial de Preservação (UIEP),

possibilitando a obtenção de recursos pela transferência de potencial construtivo destinados a sua revitalização e modernização.

As obras, divididas em três etapas, tiveram início em 2008. A 1ª etapa contemplou as obras de infraestrutura – hidráulica, elétrica, troca de forro e piso. A 2ª etapa caracterizou-se pelos acabamentos – instalação de elevador, piso tátil para portadores de necessidades especiais, pinturas, colocação de vidros, portas e adequação do espaço para climatização. A 3ª e última etapa (concluída em junho de 2012) contemplou a finalização – mobiliário, equipamentos e programação cultural.

- Aspectos funcionais (*utilitas*):

Como o MUMA foi instalado em um prédio já existente e o partido de readequação dos espaços foi a não interferência na aparência do mesmo, apenas algumas modificações na planta foram realizadas. A reciclagem de 1986 deveria definir espaços de acordo com as seguintes diretrizes: reunir em local adequado o acervo e obras dos mais representativos artistas das artes plásticas brasileira e paranaense, conservar os acervos, propor e executar programação artístico-cultural apropriada e integrar a comunidade em suas atividades, criando assim condições para o desenvolvimento artístico e crítico de seus frequentadores.

Como um dos objetivos principais era a exposição do acervo e conservação do mesmo, uma grande área técnica para o restauro e armazenagem da obra foi criado. Áreas menores foram propostas, destinadas aos ateliês de cursos e atividades.

O edifício apresenta três pavimentos: subsolo (no nível da praça), térreo (no nível do terminal) e primeiro pavimento. Em dois volumes pequenos e separados estão as saídas de emergência e demais áreas técnicas com dutos de ar e salas do ar condicionado, conectando-se ao volume principal por passarelas.

O pavimento inferior encontra-se ligado a uma praça que possui um amplo estacionamento com árvores, de onde inicia o acesso à galeria no mesmo nível. Há ainda uma escada externa que liga a praça ao nível do pavimento térreo.

Figura 7: Estacionamento e acesso ao Portão Cultural pelo subsolo

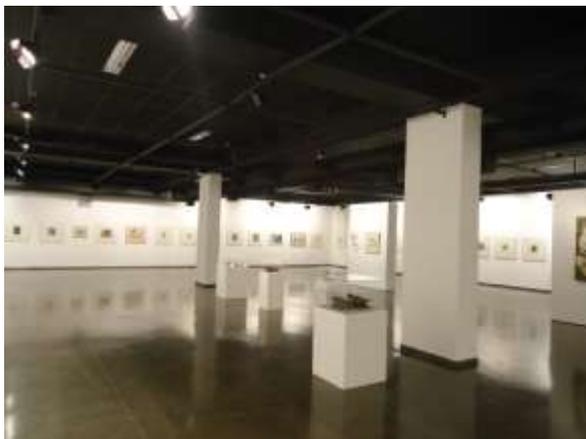


Fonte: foto da autora

No subsolo é possível encontrar uma das salas de exposições, além de áreas técnicas como a área de restauro das obras de arte e armazenagem das mesmas (que fazem parte do MUMA). Estão expostos no local, trabalhos de Alfredo Andersen, Guido Viaro, Eliane Prolik e Mazé Mendes, além de preciosidades da coleção Célia e Poty Lazzaroto, doada ao município em 1986, que traz quadros de Picasso, Di Cavalcanti e Portinari. Nos corredores, também foram restaurados um entalhe de madeira do próprio Poty, além de murais de Franco Giglio. Ao longo da galeria, estão também o cinema e o auditório, ambos conectados por um *foyer*.

O Auditório Carlos Kraide apresenta 184 lugares e conta com áreas de apoio como camarins, vestiários e sala de projeção. Logo atrás do palco e ligado diretamente a ele, na coxia, o espaço foi adaptado para ser uma sala de dança de 97m². Neste espaço também ocorrem os cursos de artes cênicas.

Figuras 8 e 9: Sala de Exposições do subsolo e Auditório (respectivamente).



Fonte: fotos da autora

O cinema (Cine Guarani) foi totalmente restaurado tendo 163 lugares, saídas de emergência adequadas de acordo com as normas técnicas, locais específicos para deficientes físicos e paredes duplas para isolamento acústico.

Figuras 10 e 11: Cinema e sala de projeções (respectivamente).



Fonte: fotos da autora

O acesso ao pavimento térreo é feito tanto pelo *foyer* no subsolo, por uma escada e um elevador, quanto pela porta (no térreo) que se abre para a rua em frente ao Terminal do Portão. Todos esses acessos conectam-se a um hall, do qual pode-se entrar na biblioteca (chamada de Sala de Leitura Wilson Bueno) ou em uma área de convívio.

Figuras 12 e 13: Acesso do Portão Cultural (pelo andar térreo)



Fonte: fotos da autora

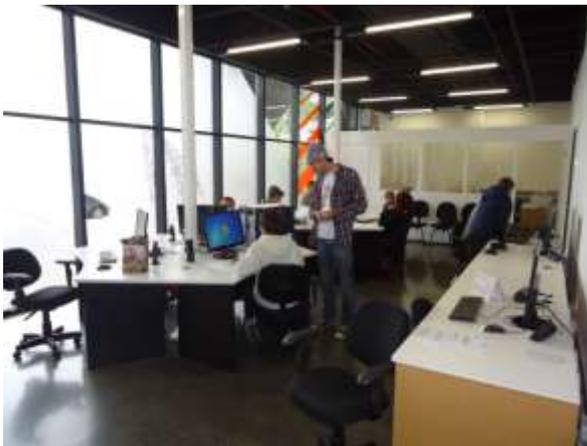
Figuras 14 e 15: Biblioteca e Área de Convívio (respectivamente).



Fonte: fotos da autora

A partir dessa área de convivência com café, parte um corredor, de onde se pode acessar a sala de vídeo, o ateliê digital, a administração e a sala de cursos. Antigamente, todas as salas possuíam ingresso direto pela rua. Apesar da superintegração que este tipo de configuração arquitetônica gera com o espaço externo, havia grandes problemas na manutenção e segurança destes espaços.

Figuras 16 e 17: Ateliê Digital e Sala de Cursos (respectivamente).



Fonte: fotos da autora

No pavimento superior, o qual se tem acesso pelo elevador ou pela escada, estão locadas mais duas salas de exposições, uma de cada lado do hall.

Resumo das áreas:

- Área terreno: 2.129 m².
- Área Total Construída: 4.827,55 m²

Tabela 3: Áreas do subsolo

AMBIENTES	SUBSOLO (m²)
Sala de Exposições (Coleção Célia e Poty Lazzarotto)	388,80
Reserva técnica + depósito + Acervo	167,18
Cine Guarani (sala de projeção+ foyer+ platéia)	267,10
<i>Foyer</i>	176,10
Sala de Dança	100,00
Teatro Antonio Carlos Kraide (platéia+ palco+camarins)	342,90
Acesso coberto	38,40
Circulações/ banheiros/ Serviços	412,29
TOTAL:	1.893,37

Fonte: autora

Tabela 4: Áreas do Térreo

AMBIENTES	TÉRREO (m²)
Biblioteca (Sala de Leitura Wilson Bueno)	251,00
Hall principal	155,30
Convivência + café	166,70
Sala de vídeo	47,20
Administração	39,00
Ateliê Digital	68,00
Sala de Cursos	86,80
Circulações/ banheiros/ Serviços/ Área Coberta	1.174,25
TOTAL:	1.988,25

Fonte: autora

Tabela 5: Áreas do Primeiro Pavimento

AMBIENTES	1º PAV. (m²)
Sala de Exposições 1	385,10
Sala de Exposições 2	233,40
Hall	112,00
Administração	43,95
Circulações/ banheiros/ Serviços	180,48
TOTAL:	954,93

Fonte: autora

Plantas, cortes e elevações do Portão Cultural (pós-reforma):

Fonte: Acervo Fundação Cultural de Curitiba (FCC)

Figura 18: Planta Subsolo



Figura 19: Planta Térreo

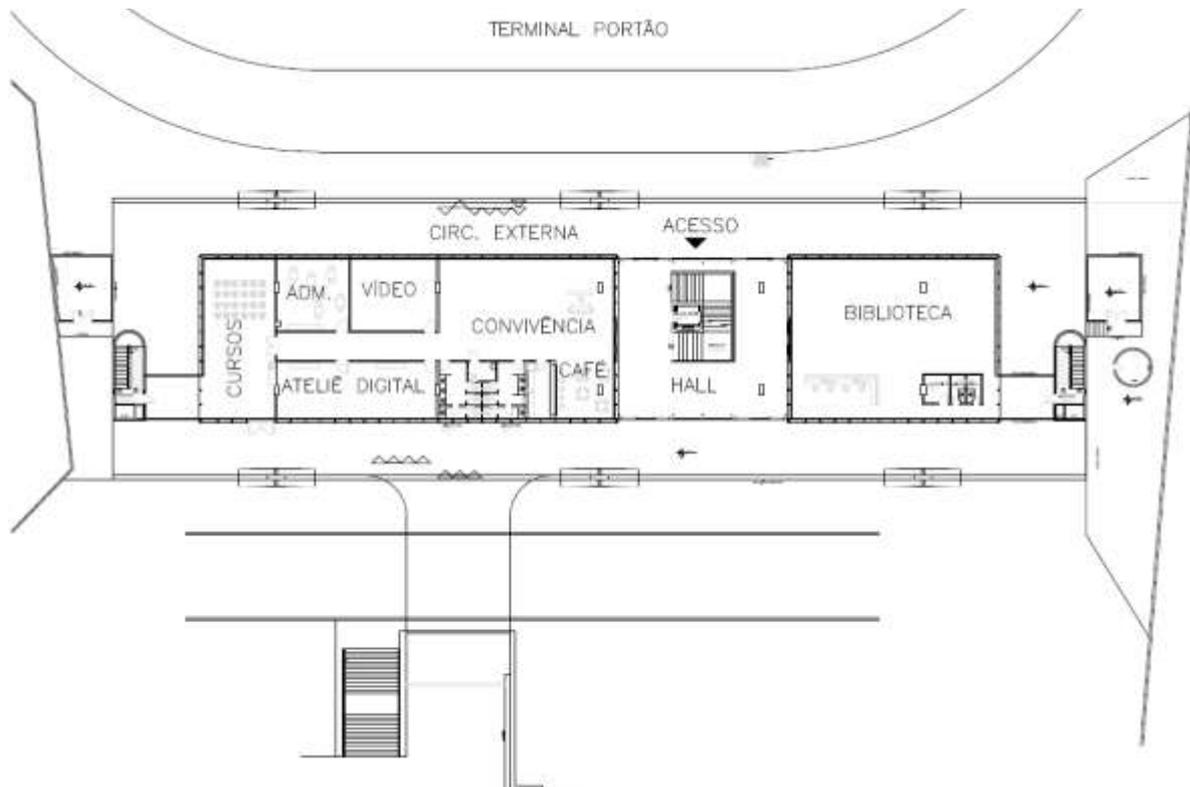


Figura 20: Planta Primeiro Pavimento

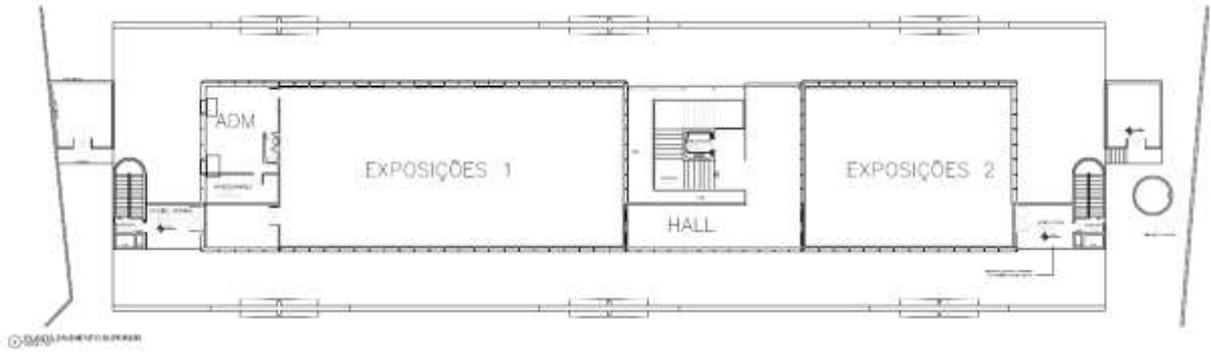


Figura 21: Planta Cobertura

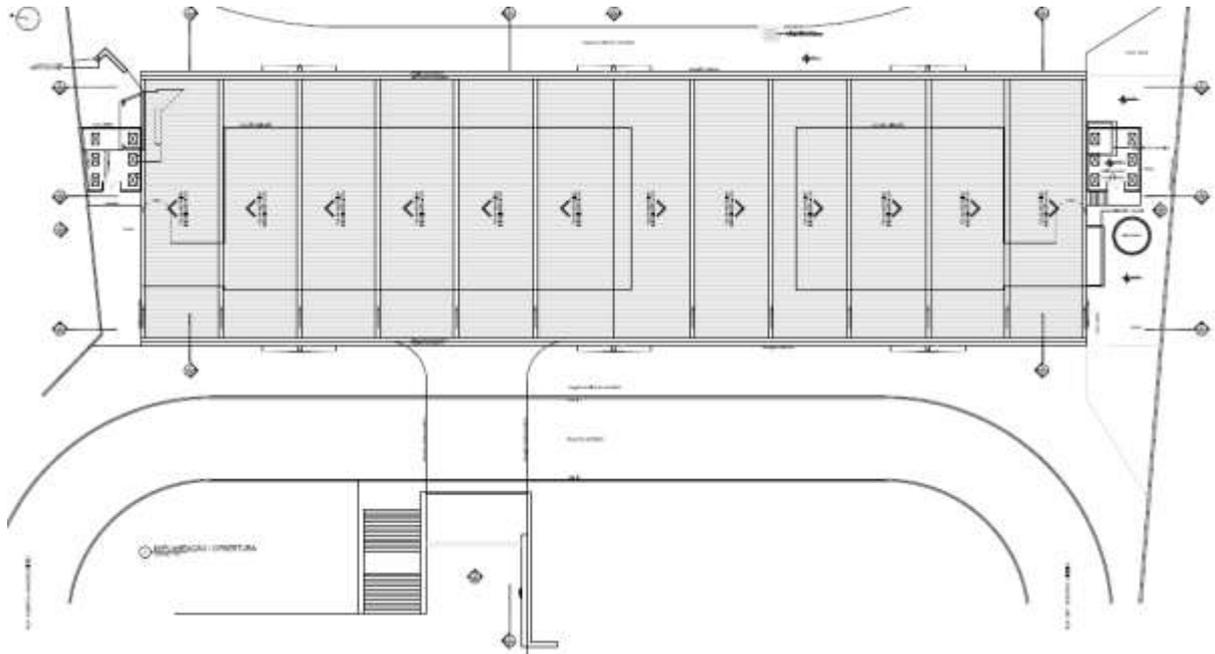


Figura 22: Corte Longitudinal

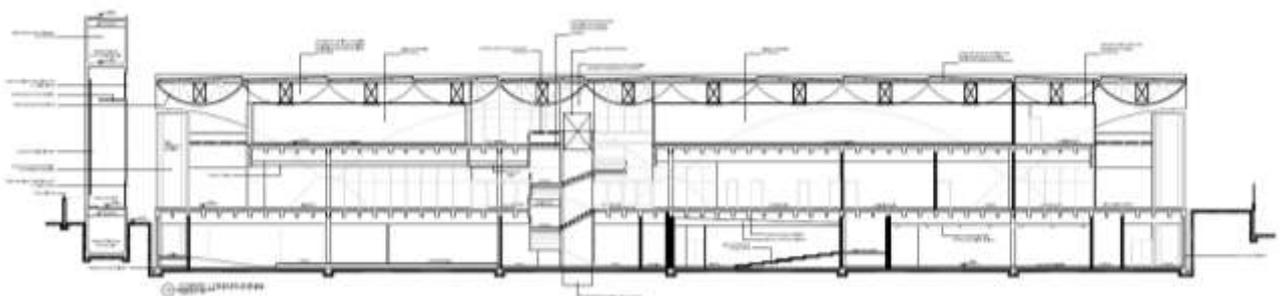


Figura 23: Corte Transversal

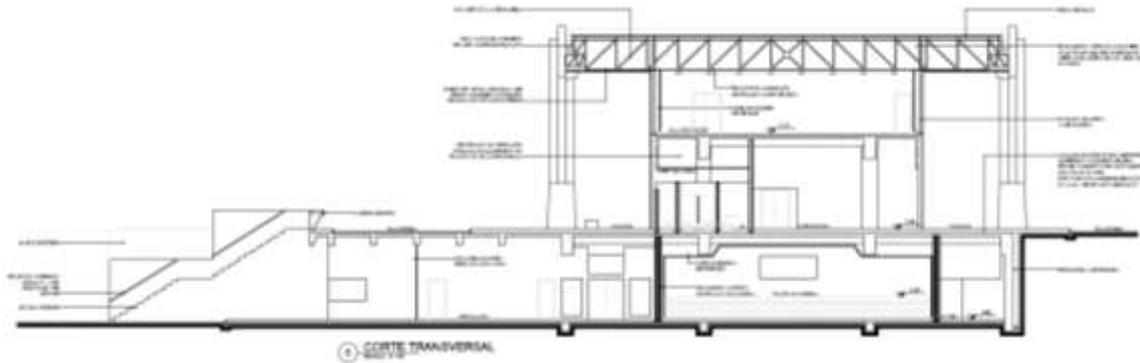


Figura 24: Elevação Frontal

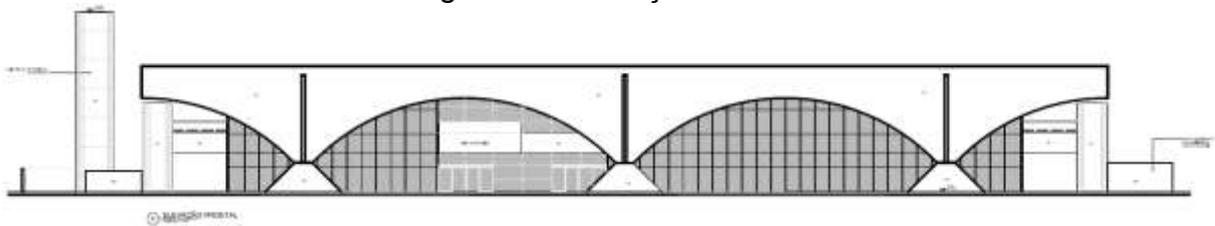
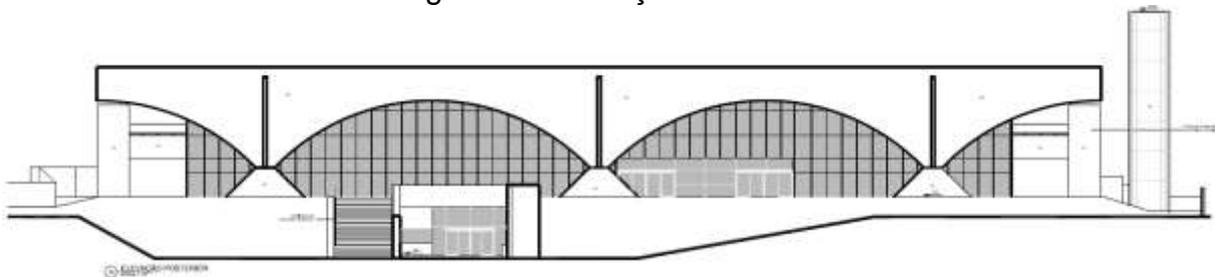


Figura 25: Elevação Posterior

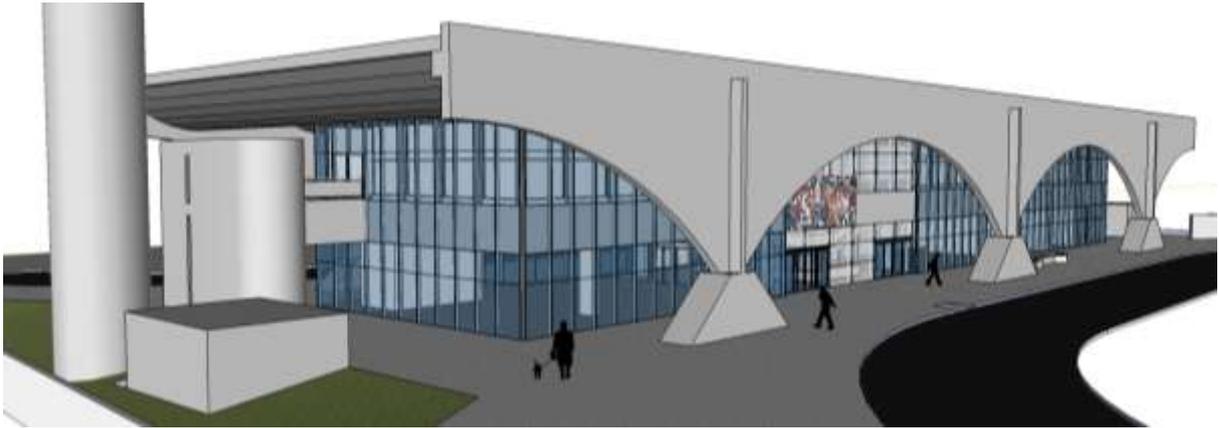


- Aspectos técnicos e construtivos (*firmitas*):

O edifício apresenta duas estruturas independentes: uma é a do volume envidraçado, e a outra é o seu coroamento em concreto. O volume todo vedado em vidro abriga as atividades do edifício, e a estrutura que o sustenta é formada por perfis metálicos. Neste volume, há ainda pilares em concreto resultantes da configuração interna dos espaços, auxiliando assim na sustentação das lajes de concreto. Já o outro volume mais externo representa uma certa soltura em relação ao bloco de vidro, emoldurando-o com os seus arcos em concreto. Este volume sustenta as treliças metálicas da cobertura, a qual é formada por telhas metálicas na

parte superior e apresenta forro em madeira continuamente abaulado. O volume de coroamento em concreto apoia-se no solo em seis pontos através de grandes e robustos pilares. Esta reduzida quantidade de apoio evita bloqueios físicos e gera maior fluidez de pessoas na calçada.

Figura 26: Perspectiva digital do Portão Cultural



Fonte: Acervo da FCC

Com relação à iluminação natural, os ambientes do térreo são favorecidos, pois suas faces são conectadas diretamente com o exterior através de uma pele de vidro. Já o subsolo abriga espaços que não necessitam de luz natural, como cinema, auditório e sala de exposições.

A soltura do volume de concreto em relação ao bloco envidraçado é benéfica na questão do conforto térmico, uma vez que este coroamento impede a incidência direta de raios solares em grande quantidade, evitando o superaquecimento dos ambientes do bloco de vidro e o desconforto visual.

O MUMA possui duas reservas técnicas concebidas de acordo com os padrões museológicos de preservação criteriosos, destinadas a armazenar o acervo segundo normas técnicas internacionais de climatização e purificação do ar. As salas de exposição dispõem também de condições técnicas como climatização controlada e iluminação halógena.

O sistema de climatização visa propiciar as condições de conforto térmico nos ambientes que compõe o MUMA (salas de exposições). Além das condições de conforto para os usuários, o sistema visa dar condições operacionais para os equipamentos a serem instalados.

Para isso, são controlados os seguintes parâmetros internos:

- Temperatura do ar;
- Renovação do ar;
- Filtragem do ar;
- Movimentação do ar.

A umidade relativa não é controlada diretamente, entretanto mantém-se nos dias quentes e úmidos em valores adequados para o conforto devido ao resfriamento do ar em função do controle de temperatura. Em todos os ambientes há sistema de renovação de ar através de exaustor.

- Aspectos plásticos (*venustas*):

Apesar de o edifício ter sido projetado para uma outra função, pode-se dizer que a estética do prédio se adaptou bem ao novo uso cultural.

O edifício do Portão Cultural segue a linha da arquitetura moderna, sendo um edifício funcional, livre de ornamentação e belo por sua simplicidade estética. A utilização de materiais como concreto aparente e vidro também caracterizam este tipo de arquitetura. Os arcos do volume em concreto, por sua vez, ajudam a dar um pouco mais de leveza à estrutura.

Além disso, na fachada voltada para o terminal, além da logotipo do Portão Cultural, é possível ver um painel em cerâmica glazurada do artista Franco Giglio que explora os temas da natureza tropical e da mitologia popular brasileira.

Figura 27: Fachada- logotipo e painel do artista Franco Giglio



Fonte: foto da autora

4.2. ESTUDO NACIONAL: CENTRO CULTURAL SÃO PAULO

- Contexto histórico, sua relação com o entorno e a sociedade:

O Centro Cultural São Paulo (popularmente conhecido como *Centro Cultural Vergueiro* ou apenas *Centro Cultural*) é uma instituição pública subordinada à Secretaria Municipal de Cultura do município de São Paulo.

Localizado em um ponto estratégico, atravessado entre a Rua Vergueiro e a Avenida 23 de Maio, próximo à Avenida Paulista e junto a duas estações de metrô, a instituição tem um número expressivo de frequentadores.

Figuras 28 e 29: Localização do Centro Cultural São Paulo e imagem da rua.



Fonte: <http://www.centrocultural.sp.gov.br/>

Fonte: Google Street View. Acesso em Set./2012.

Figuras 30 e 31: Imagem aérea e uma das entradas do CCSP (respectivamente)



Fonte: <http://www.centrocultural.sp.gov.br/>

Concebido inicialmente para abrigar uma extensão da Biblioteca Mário de Andrade, segundo dados do site da instituição, o Centro Cultural São Paulo (CCSP) acabou sofrendo, no decorrer das suas obras, uma série de adaptações para se transformar em um dos primeiros espaços culturais multidisciplinares do país.

Recebe anualmente 800 mil usuários, uma visitação comparável à dos maiores museus e centros culturais do mundo.

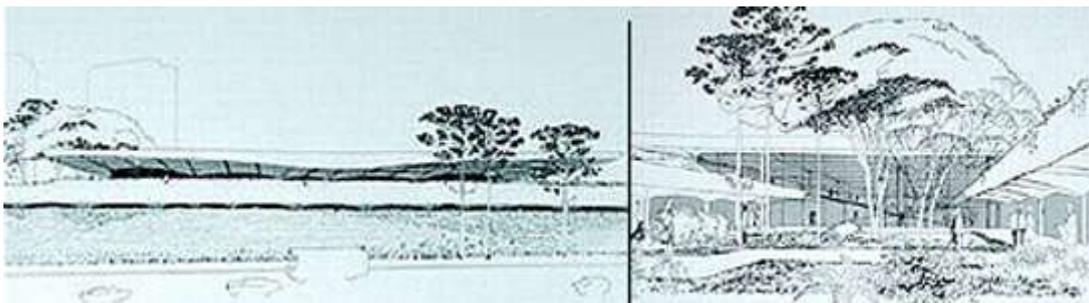
A história do Centro Cultural São Paulo começa na década de 70, quando o terreno entre a rua Vergueiro e a Avenida 23 de Maio foi cedido para a prefeitura. Resultante das desapropriações ocasionadas pela construção do metrô, a área de aproximadamente 300 mil m² foi alvo de diversas especulações. Em julho de 1973, surgiu o Projeto Vergueiro, cujo objetivo era promover a urbanização do local, onde seriam construídos um complexo de escritórios, hotéis, um shopping center e uma grande biblioteca pública. Este projeto foi abandonado 2 anos depois.

Do plano antigo restou somente a construção da biblioteca pública. A idéia era construir uma biblioteca moderna em que o leitor tivesse livre acesso ao material, de forma que o objetivo não seria mais guardar a informação e sim escancará-la para o público. O arquiteto Eurico Prado Lopes venceu a concorrência aberta em 1976, e as obras tiveram início em 1978.

Alguns anos após, resolveu-se reformular o projeto da biblioteca e adaptá-lo ao de um centro cultural multidisciplinar nos moldes dos que estavam surgindo no mundo todo como o Georges Pompidou, fundado em 1977 na cidade de Paris (França). Além disso, argumentava-se que a obra era grande demais para abrigar somente uma biblioteca. Ficou decidido, então, que o centro cultural contaria com cinema, teatro, espaço para recitais e concertos, ateliês e áreas de exposições. Os arquitetos Eurico Prado Lopes e Luiz Telles continuaram à frente do projeto.

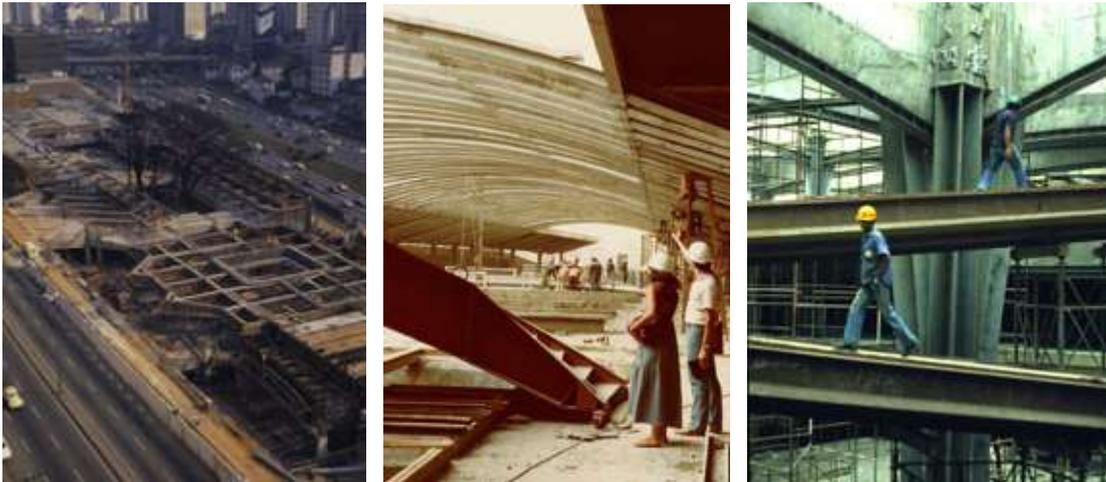
A concepção do centro cultural foi baseada em extensa pesquisa para entender o que significava o acesso à informação em um país como o Brasil. O edifício foi projetado com o objetivo de facilitar ao máximo o encontro do usuário com aquilo que seria oferecido no centro cultural.

Figura 32: Perspectivas do Centro Cultural São Paulo. Autor: Arq. Luiz Telles



Fonte: http://www.centrocultural.sp.gov.br/ccsp_historico.asp

Figuras 33, 34 e 35: Imagens da construção do Centro Cultural São Paulo



Fonte: http://www.arqbrasil.com.br/_arq/lt_arquitetura/lt_arq_ccsp1.htm

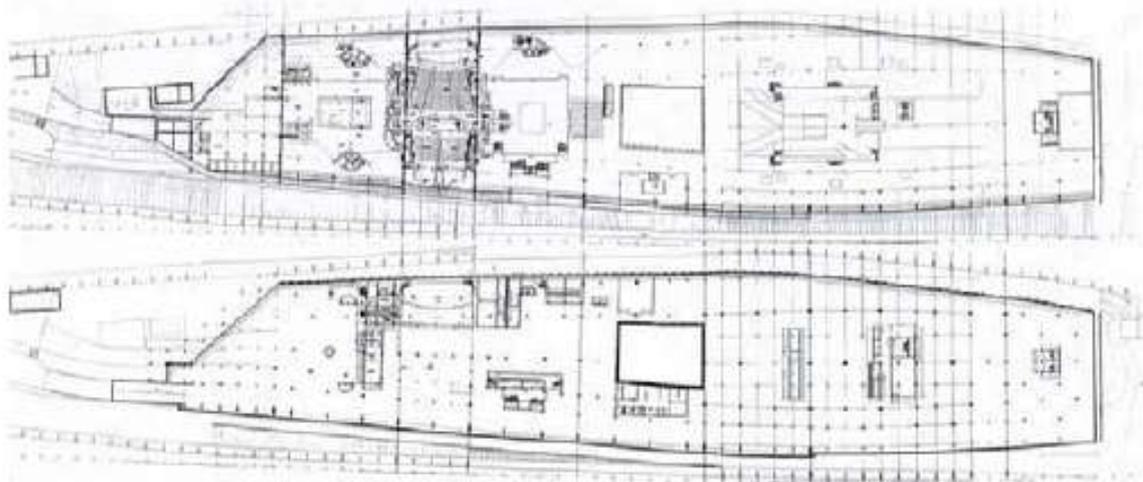
A inauguração do CCSP aconteceu no dia 13 de maio de 1982. Nesta época, São Paulo possuía aproximadamente 8,5 milhões de habitantes, grande parte deles espalhada pela periferia. A intenção do centro cultural, que hoje tem aproximadamente 46.000m² de área construída, era a de agregar essa população heterogênea, fornecendo um espaço em que todos tivessem acesso aos mais variados gêneros culturais.

- Aspectos funcionais (*utilitas*):

Com relação ao projeto arquitetônico, o principal objetivo era promover o acesso facilitado aos serviços da biblioteca, e também, estimular o usuário a se interessar e a participar de outras atividades culturais ali desenvolvidas. Para isto, os arquitetos tiveram que utilizar alguns artifícios. O partido arquitetônico visou a horizontalidade, privilegiou a fluidez dos amplos espaços e incluiu diversos acessos.

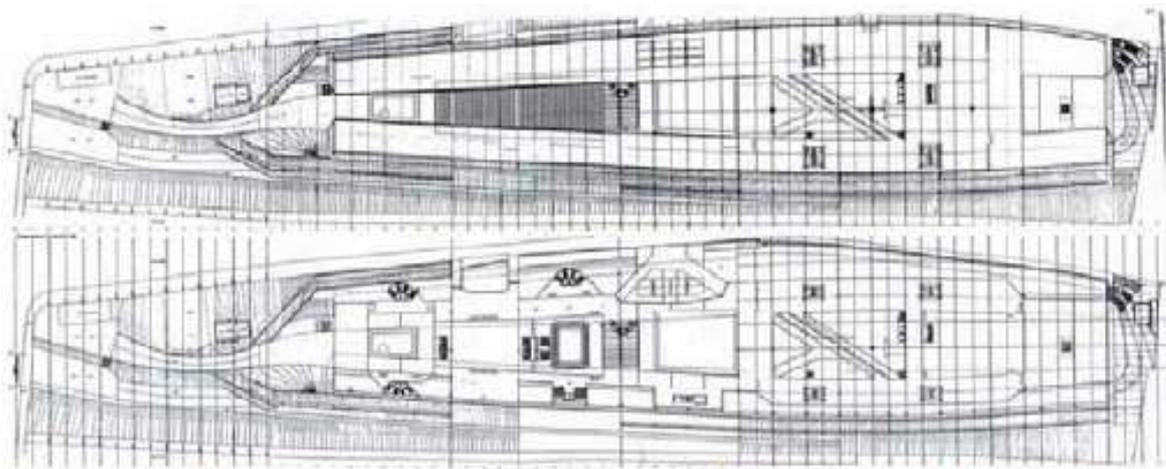
A criação de uma rua interna, que percorre a arquitetura de ponta a ponta, além de enfatizar ainda mais a horizontalidade do edifício, parece estimular o usuário a movimentar-se. Dessa forma, ele terá acesso visual aos ambientes destinados à exposição, à biblioteca, às salas de espetáculo, à entrada dos cinemas, ao restaurante e à vivência do jardim central. A adoção deste partido favoreceu a circulação entre os ambientes, facilitou o acesso pelas ruas laterais, e ainda configurou um modelo de transição, que protege o edifício dos aspectos negativos de seu entorno – ruído, tráfego intenso, ventos etc.

Figura 36: Planta Biblioteca e Teatros e Planta da área de Serviços (respectivam.)



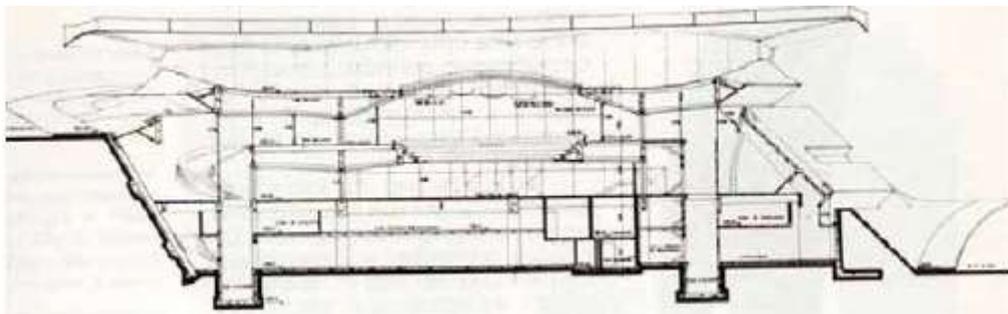
Fonte: <http://www.centrocultural.sp.gov.br>

Figura 37: Planta Pinoteca e Planta Entrada e Distribuição (respectivamente)



Fonte: <http://www.centrocultural.sp.gov.br>

Figura 38: Corte Transversal do edifício



Fonte: <http://www.centrocultural.sp.gov.br>

A presença de grandes ambientes envidraçados, sempre abertos, retoma esta mesma intenção. Ela facilita a circulação do ar e a passagem de luz, evitando o aquecimento excessivo dos ambientes e dispensando o uso de ar condicionado. Além disso, a transparência das salas proporciona uma visão de longa distância, privilegia a visualização das atividades em desenvolvimento e amplia o espaço.

A biblioteca se coloca como o principal ambiente do edifício. Sua configuração arquitetônica parece provocar a curiosidade do usuário. Ela incita aquele que passa pelo local a percorrer seu espaço, mesmo que somente com os olhos, incentivando o ingresso e a utilização de seu diferenciado acervo de livros, quadrinhos, vídeos e discos. A adoção do “livre acesso” complementou as intenções dos arquitetos. Ela objetivava aprimorar e facilitar o encontro do usuário com o acervo oferecido.

Figura 39: Piso Caio Graco, Piso Flávio de Carvalho e área da Biblioteca

Figura 40: Biblioteca Alfredo Volpi e Jardim



Fonte: <http://www.centrocultural.sp.gov.br>

Arquitetonicamente, esta composição “provocativa” foi alcançada com a criação de um pátio central que dá acesso a diferentes pontos deste ambiente, configurando um espaço fluido e facilmente permeável. O pátio possui o maior pé direito da obra, acomodando um vazio interno, que permite a visualização das atividades desenvolvidas nos outros pisos laterais, destinados à exposição.

As árvores existentes no terreno, sobreviventes das obras do metrô, foram preservadas, formando um grande jardim central que, em conjunto com um jardim sobre laje, proporciona ao usuário uma área de lazer e de contemplação em oposição à agressiva paisagem urbana do local. Estes jardins parecem ainda, redimensionar o espaço, fragmentando os 300m de comprimento do edifício.

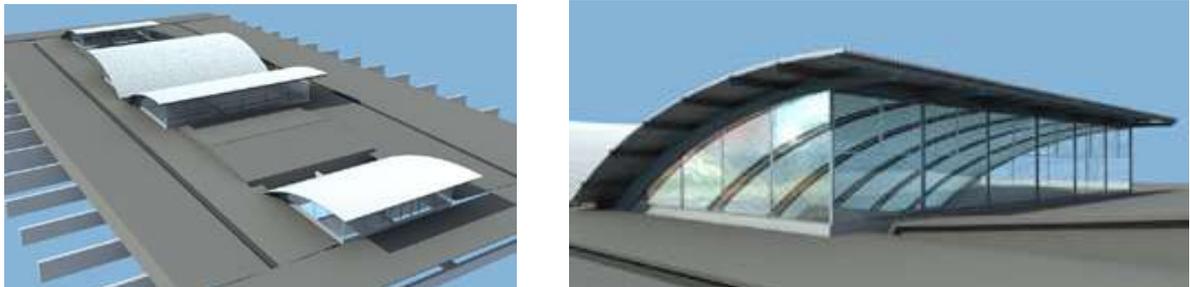
Figuras 41 e 42: Jardim Central e Jardim das Esculturas



Fonte: <http://www.centrocultural.sp.gov.br>

No final de 2007, o Centro Cultural iniciou uma série de obras na área das bibliotecas, que abrange a reforma do telhado atingido por um incêndio, e de 5 blocos de sanitários. Além disso, também foi realizada a manutenção da cobertura de vidro da Biblioteca na lateral da Rua Vergueiro e a manutenção continuada dos jardins, que receberam novo paisagismo.

Figuras 43 e 44: Imagens do projeto da nova cobertura do CCSP



Fonte: http://www.arqbrasil.com.br/_arq/lt_arquitetura/lt_arq_ccsp3.htm

Este projeto também gerou uma nova área de encontro, estudo e lazer, com aproximadamente 600m², ao estender o Jardim Sul do CCSP, além de suas antigas fronteiras.

Figuras 45 e 46: Imagens do projeto da nova área de convivência- Ponta Sul



Fonte: http://www.arqbrasil.com.br/_arq/lt_arquitetura/lt_arq_ccsp2.htm

Entre várias outras atividades, o CCSP oferece espetáculos de teatro, dança e música, mostras de artes visuais, projeções de cinema e vídeo, oficinas, debates e cursos, além de manter importantes acervos da cidade: a Coleção de Arte da Cidade, a Discoteca Oneyda Alvarenga e a coleção da Missão de Pesquisas Folclóricas de Mário de Andrade.

Alguns espaços do Centro Cultural São Paulo:

Livraria Gaudi: fica no foyer - área externa – dos teatros e tem no estoque publicações sobre arte, arquitetura, fotografia, teatro, quadrinhos, cinema e livros didáticos.

Gibiteca Henfil: reúne uma coleção com mais de 10 mil títulos, entre álbuns de quadrinhos, gibis e livros relacionados ao tema. Durante todo o ano, a gibiteca mantém uma programação com oficinas, palestras e exposições.

Discoteca Oneyda Alvarenga: Idealizada por Mário de Andrade, possui um dos mais importantes acervos especializados em música do mundo do CCSP. Possui aproximadamente 45 mil discos de 78 rpm, 30 mil discos de 33 rpm e 2,5 mil CDs. Também conta com cerca de 62 mil partituras de música erudita, popular, nacional e estrangeira; 10 mil livros de música; 400 títulos de revistas e hemeroteca musical.

Arquivo Multimeios: conta com cerca de 950 mil documentos visuais, sonoros e escritos sobre arte brasileira contemporânea, nas seguintes especialidades: Arquitetura, Artes Cênicas (circo, dança, teatro), Artes Gráficas, Artes Plásticas, Cinema, Comunicação de Massa (imprensa escrita, publicidade, rádio e televisão), Fotografia, Literatura e Música.

Sala de Debates e de Oficinas 2 - 60 lugares cada

Sala Lima Barreto - 99 lugares

Bibliotecas: As Bibliotecas do CCSP possuem cerca de 120 mil livros e documentos, divididos em diferentes áreas de conhecimento. Ao todo são 5 espaços: as Bibliotecas Sergio Milliet, Alfredo Volpi e Louis Braille, a Gibiteca Henfil e a Sala de Leitura Infanto- Juvenil.

Biblioteca Sérgio Milliet: Premiada pela revista *Época* como *A melhor biblioteca de São Paulo em 2008*, a Sérgio Milliet é a segunda maior biblioteca pública da cidade de São Paulo, bem como a única que é aberta aos domingos e feriados. Possui cerca de 100 mil exemplares.

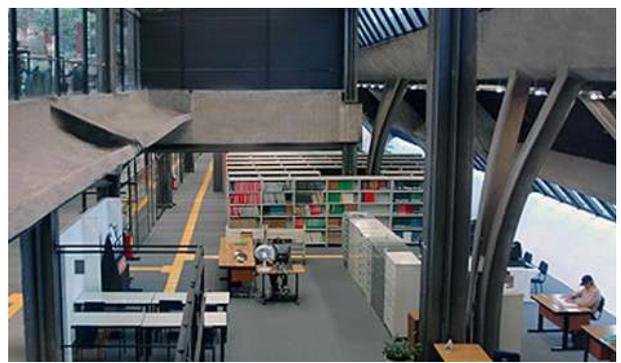
Biblioteca Louis Braille: oferece mais de 6 mil títulos em Braille e audiolivros para deficientes visuais.

Figuras 47 e 48: Biblioteca Henfil e Biblioteca Alfredo Volpi (respectivamente)



Fonte: <http://www.centrocultural.sp.gov.br>

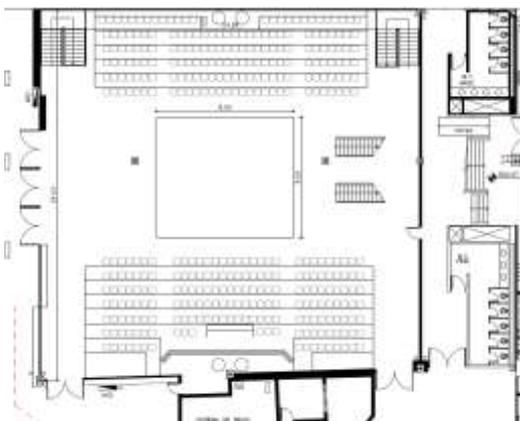
Figuras 49 e 50: Biblioteca Sérgio Milliet e Biblioteca Louis Braille (respectivamente)



Fonte: <http://www.centrocultural.sp.gov.br>

Sala Adoniran Barbosa - 300 lugares (teatro); 631 lugares (shows)

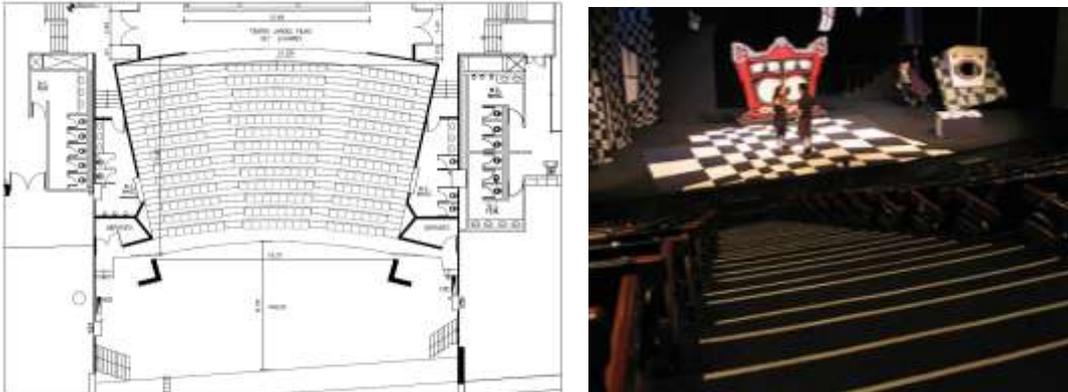
Figuras 51 e 52: Planta e foto da Sala Adoniran Barbosa (respectivamente)



Fonte: <http://www.centrocultural.sp.gov.br>

Sala Jardel Filho - 321 lugares

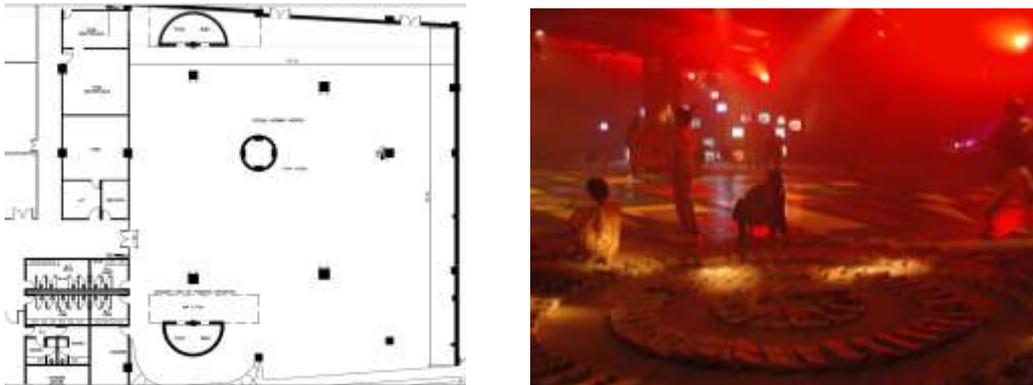
Figuras 53 e 54: Planta e foto da Sala Jardel Filho (respectivamente)



Fonte: <http://www.centrocultural.sp.gov.br>

Espaço Cênico Ademar Guerra - até 200 lugares

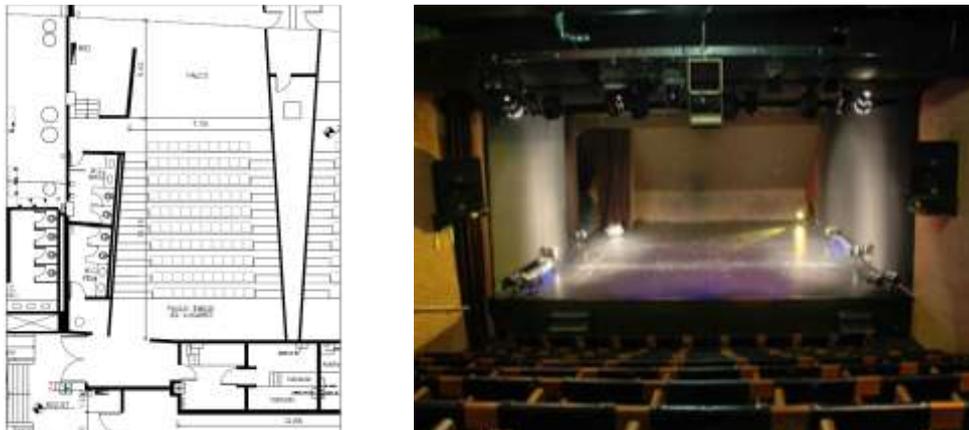
Figuras 55 e 56: Planta e foto do Espaço Cênico Ademar Guerra (respectivamente)



Fonte: <http://www.centrocultural.sp.gov.br>

Sala Paulo Emilio - 99 lugares

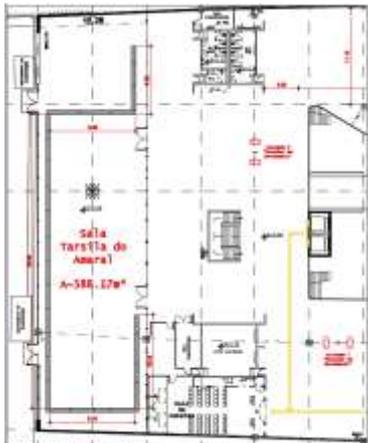
Figuras 57 e 58: Planta e foto da Sala Paulo Emílio (respectivamente)



Fonte: <http://www.centrocultural.sp.gov.br>

Planta: Sala de exposições Tarsila do Amaral

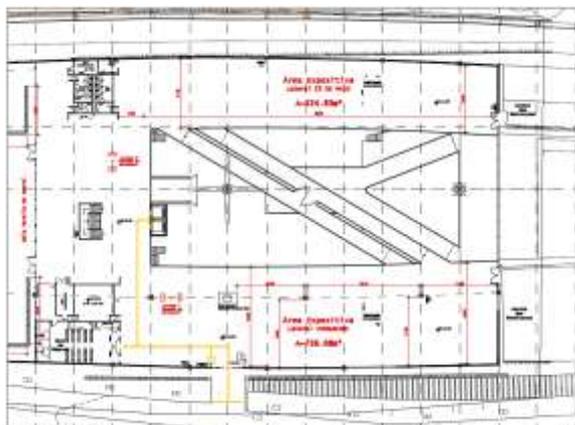
Figuras 59 e 60: Planta e foto da Sala Tarsila do Amaral (respectivamente)



Fonte: <http://www.centrocultural.sp.gov.br>

Planta: Piso Caio Graco

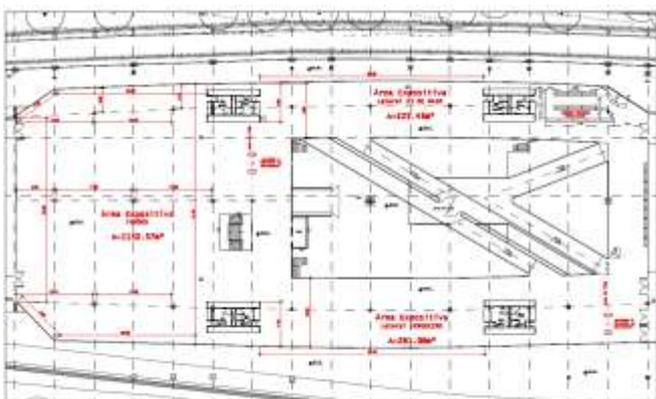
Figuras 61 e 62: Planta e rampas de acesso ao Piso Caio Graco (respectivamente)



Fonte: <http://www.centrocultural.sp.gov.br>

Planta: Piso Flávio de Carvalho

Figuras 63 e 64: Planta e rampas de acesso ao piso Flávio de Carvalho (respect.)



Fonte: <http://www.centrocultural.sp.gov.br>

- Aspectos técnicos e construtivos (*firmitas*):

O projeto de Eurico Prado Lopes e Luiz Telles é considerado um dos mais significativos até hoje executados em São Paulo. De grande predominância horizontal, este edifício enfrentou um terreno de ótima localização, mas extremamente exíguo, comprido e íngreme, para resolver um amplo programa arquitetônico.

Uma estrutura mista e modulada de concreto armado e metal configura as formas sinuosas deste edifício público, uma solução considerada avançada para o período pelo qual passava a construção no Brasil. A escolha dos arquitetos proporcionou o desenvolvimento da indústria e tecnologia local, pois o projeto se diferenciava dos métodos convencionais. A técnica construtiva foi racionalizada, mas grande parte das peças possuíam características singulares, sendo construídas, ou moldadas individualmente no local da construção.

Figuras 65, 66 e 67: Construção do CCSP- estruturas metálicas e em concreto.



Fonte: http://www.arqbrasil.com.br/_arq/lt_arquitetura/lt_arq_ccsp1.htm

A estrutura metálica feita em aço galvanizado apresenta formas curvas na confecção das enormes vigas e pilares trabalhados como esculturas, num tratamento original e criativo para este material. As estruturas mistas previstas no projeto fizeram com que conceitos tradicionais de execução tivessem que ser modificados, dando lugar a novas técnicas muito específicas, em um processo que beirou o artesanal.

Todas as vigas e pilares metálicos têm dimensões muito esbeltas e são múltiplas e repetidas para facilitar sua execução feita em funilaria de forma artesanal. As vigas de 45m de vão serviram como fôrma para as concretagens,

eliminando assim o madeiramento das fôrmas. A geometria das vigas é definida por curvas de grandes raios, iguais e repetidas de maneira inovadora para este tipo de material.

Generosos espaços internos vazados com rampas desencontradas de circulação, penduradas na estrutura, provocam uma dinâmica nos ambientes do centro. Igualmente foram criados jardins internos respeitando a vegetação existente que contribuem para eliminar naturalmente vários espaços internos com esses espaços verdes. A cobertura geral também é metálica e apresenta vários domos translúcidos para iluminação zenital dos ambientes internos.

Figuras 68 e 69: Telhado metálico com iluminação zenital e rampas (respectivam.)



Fonte: <http://www.centrocultural.sp.gov.br>

O projeto foi considerado uma prova de que as técnicas construtivas podem integrar-se de forma harmônica com o ambiente e o programa desenvolvido. Os componentes estruturais do edifício se encontram propositalmente colocados à mostra, assim como outros materiais, como o tijolo e o concreto. Este procedimento proporciona riqueza visual aos ambientes. A estrutura substitui o papel do ornamento, e também, funciona de forma didática, promovendo conhecimento sobre os elementos construtivos, que remetem à própria atividade arquitetônica. Sua disposição é livre, e, quando combinada ao concreto parece proporcionar leveza ao ambiente. Ela se desenvolve organicamente, participando da composição do espaço, sem se impor, e integrando-se à paisagem e às atividades cotidianas dos usuários e trabalhadores do local.

Contudo, dentre as principais características do projeto, um aspecto merece atenção especial: a iluminação. Os arquitetos responsáveis pelo projeto buscaram

utilizar de forma integral a iluminação natural. Poucos ambientes se valem do uso de iluminação artificial. A planta, praticamente simétrica, é composta por cinco aberturas na cobertura, sendo duas completamente vazadas e três cobertas pelos domus.

A luz zenital, que configura uma iluminação homogênea e uniforme, garante a iluminação de todo o espaço, enquanto a lateral, heterogênea, promove uma percepção mais acurada das formas, volumes e texturas. Há, entre ambas as soluções de iluminação natural, uma complementação que promove, simultaneamente, a clareza necessária para realização das atividades, o entendimento do espaço e a percepção da passagem do tempo. Para dar riqueza espacial e textural aos ambientes, a iluminação presente no CCSP, tanto natural como artificial, não se dispõe de forma frontal. A maioria das lâmpadas, componentes da iluminação artificial, é colocada de forma inclinada, acompanhando a inclinação da estrutura do edifício. As aberturas zenitais, quando não são inclinadas, são cobertas pelo domus acrílico que apresenta uma curvatura capaz de difundir a luz de forma mais rica pelo ambiente.

Figuras 70 e 71: Detalhes da iluminação zenital do edifício



Fonte: <http://www.centrocultural.sp.gov.br>



Fonte: PAZINI, 2011.

- Aspectos plásticos (*venustas*):

Os arquitetos Luiz Benedito de Castro Telles e Eurico Prado buscaram criar uma arquitetura que promovesse encontros e trocas, acesso ao conhecimento, à

arte e à cidadania. A ideia era abrir o edifício à cidade, proporcionar espaços convidativos e contribuir para que os olhares transpusessem barreiras.

Dessa forma, o projeto do CCSP procurou, não somente, integrar-se harmoniosamente à paisagem local, como também, renovar urbanisticamente o ambiente urbano que constituía os arredores de sua implantação. Para a equipe, o edifício não poderia se impor à paisagem urbana. Deveria ser baixo, leve, convidativo e integrar-se ao terreno, incorporando seu formato e topografia.

Figuras 72 e 73: Edifício convidativo “integrando-se” ao terreno.



Fonte: <http://www.centrocultural.sp.gov.br>

A arquitetura do CCSP, apesar de suas grandes dimensões, não se destaca pela sua imponência ou monumentalidade. A utilização do desnível existente no local proporcionou o desenvolvimento de um projeto prioritariamente horizontal, que se agrega de forma discreta, mas não tímida, à paisagem urbana. Os arquitetos exploraram a aplicação de ambientes longitudinais, que se desenvolvem paralelamente ao longo das avenidas laterais. Seus quatro pavimentos acompanham exatamente a forma do talude do terreno. O edifício parece encaixado entre a Rua Vergueiro e a Avenida 23 de Maio, configurando um ambiente confortável, de leitura direta do espaço e das atividades ali desenvolvidas.

Para quebrar a rigidez do concreto e do aço, amplamente utilizados na construção, o projeto arquitetônico previu imensos espaços vazados e envidraçados, que permitem a entrada de luz natural, e ainda manteve, no centro da construção, um jardim de 700m², onde a vegetação original foi preservada.

4.3 ESTUDO INTERNACIONAL: PALÁCIO DAS ARTES RAINHA SOFIA

- Contexto histórico e relação com o entorno: Cidade das Artes e das Ciências

Indispensável falar do Palácio das Artes Rainha Sofia sem falar do contexto em que a obra se insere. Localizado no antigo leito do Rio Turia, em Valência, Espanha, que foi transposto devido a problemas com enchentes na cidade, este centro de cultura faz parte de um dos complexos científico-culturais mais importantes da Europa: a Cidade das Artes e Ciências, construída por Santiago Calatrava e Félix Candela.

Figura 74: Imagem 3D da Cidade das Artes e das Ciências



Fonte: Google Earth. Acesso em Set. 2012./ grafismo da autora

A construção do conjunto iniciou-se em 1996, resultado de um concurso arquitetônico realizado em 1990, quando a prefeitura de Valenciana promoveu toda uma série de intervenções urbanísticas para a incorporação de Valencia ao Terceiro Milênio, e como meio de recuperação da área urbana localizada entre o antigo leito do Turia e a autopista de Saler. Apesar de ser a terceira cidade mais importante do país, Valência possuía até poucos anos um forte caráter industrial, porém, isso mudou após os investimentos recentes do governo local para recuperar a zona próxima a área náutica.

O projeto, do arquiteto e engenheiro Santiago Calatrava para a recuperação de uma zona de 35 hectares na parte oriental da capital valenciana, estava inicialmente composto por uma Torre de Telecomunicações, um planetário (o Hemisférico) e o Museu das Ciências Príncipe Felipe. Posteriormente o projeto foi alterado, substituindo a construção da Torre pelo Palácio das Artes Rainha Sofia, e com a inserção do L'Umbracle (uma área verde de convivência) e do Parque Oceanográfico (de Felix Candela). Em 2006, após quase 10 anos do início do projeto e 15 após o concurso, finalmente as obras todas foram concluídas.

A Cidade tornou-se o destino de visitantes do mundo inteiro graças à concentração de atrações culturais, além do espetáculo arquitetônico que, em si, já é bom motivo para a visita. Na Cidade, Santiago Calatrava, ao colocar o município no mapa de eventos culturais, mostrou que ainda é possível revolucionar a arquitetura.

O Hemisférico (planetário), de Santiago Calatrava, é um dos edifícios fundamentais do projeto e foi o primeiro a ser inaugurado. Construído a modo de um olho aberto que tudo vê, está concebido como uma sala de projeções audiovisuais que permite oferecer aos seus 300 espectadores por sessão as mais inovadoras sensações audiovisuais, obtidas pelo melhor suporte tecnológico do mundo.

O Museu das Ciências Príncipe Felipe, de Santiago Calatrava, foi concebido como um museu aberto e dinâmico onde o lema principal é "é proibido não tocar". Ao longo dos seus 4.000m² o visitante passa pelas diferentes áreas que cobrem uma ampla gama de temas científicos, desde biologia e física até as mais avançadas tecnologias aplicadas à comunicação, construção, esportes, etc.

Figuras 75 e 76: Hemisférico e Museu das Ciências Príncipe Felipe (respectivamente)



Fonte: <http://www.cac.es/>

L'Umbracle, de Santiago Calatrava, é a porta de entrada para a Cidade das Artes e das Ciências, constituída por uma área verde de 7.000m², com 300m de comprimento e 60m de largura . Formado por uma sucessão de 55 arcos fixos e 54 arcos flutuantes com 18 m de altura, que servem de apoio às trepadeiras que proporcionarão sombra ao longo do passeio ajardinado.

O Palácio das Artes Rainha Sofia, de Santiago Calatrava, pode ser considerado um dos centros artísticos e culturais mais importantes do mundo. Tem 75 m de altura e 163 m de comprimento, perfazendo uma área construída de 44.100,00m².

Figuras 77 e 78: L'Umbracle e o Palácio das Artes Rainha Sofia (respectivamente)



Fonte: <http://www.engenium.net/24/cidade-das-artes-e-das-ciencias-valencia.html>

Finalmente, o conjunto completa-se com o Parque Oceanográfico, projetado por Félix Candela, uma autêntica cidade submarina de 80.000m², com túneis envidraçados e réplicas perfeitas de setores costeiros com águas de diferentes qualidades, que permitem conhecer os animais representativos de cada zona da Terra.

Figura 79: Vista do Parque Oceanográfico



Fonte: <http://www.engenium.net/24/cidade-das-artes-e-das-ciencias-valencia.html>

- Aspectos funcionais (*utilitas*): Palácio das Artes Rainha Sofia

Uma vez que o Palácio das Artes Rainha Sofia é, dentre os edifícios da Cidade das Artes e das Ciências, o que mais se aproxima, em questão de programa, a um Centro Cultural, optou-se em dissertar mais detalhadamente a respeito dessa obra.

O Palácio das Artes, inaugurado em 2006, consumiu quase 15 anos de trabalho do arquiteto Santiago Calatrava, que iniciou seu envolvimento com o projeto em 1991, quando venceu um concurso para desenhar uma torre de telecomunicações na parte oeste do terreno (mesmo local onde o palácio está implantado). Em 1996, o governo de Valencia alterou o programa do complexo e, a pedido de Calatrava, substituiu a torre de telecomunicações por uma construção dedicada à música e às artes cênicas. Dessa forma, por decisão própria, o arquiteto abandonou cinco anos de projeto para começar outro, descrito por ele como "um espaço público de acolhimento para pessoas que amam música". Segundo ele, "Projetos de arquitetura são assim: levam muito tempo para se completar. Demandam paciência e persistência".

Figura 80: Vista do Palácio das Artes Rainha Sofia



Fonte: Revista AU, p. 39, jan. 2007.

O recomeço, de acordo com o arquiteto, foi o seu maior desafio, mas permitiu que houvesse uma "transformação mágica no local". Com exceção do auditório principal, onde acontecem os concertos de orquestras sinfônicas e espetáculos de balé e teatro, o público pode circular livremente pelos terraços e plataformas do edifício, de onde é possível desfrutar da vista sem precisar pagar entrada. Além disso, podem circular livremente também pelos 69 mil m² de jardins e apreciar os

11,3 mil m² de espelhos d'água que a rodeiam. Segundo o arquiteto, "a forma do edifício, mais aberta possível, permite e encoraja essas funções". Em sintonia com essa idéia, o anfiteatro, com seus painéis de vidro, permite que os visitantes assistam do exterior os ensaios e apresentações que acontecem do lado de dentro.

A construção, com 75 m de altura e 163 m de comprimento, perfazendo uma área construída de 44.100,00m², foi a grande aposta do governo da região de Valencia (Generalitat Valenciana) para colocar a terceira maior cidade espanhola nos grandes circuitos internacionais da cultura. Ao que tudo indica, o palácio de dimensões colossais tem atendido bem a esses interesses. Não só pelas dimensões, mas, principalmente, pela geometria ousada – típica de Calatrava –, em que uma "pena" parece flutuar sobre a construção, que é abraçada lateralmente por duas "cascas" de aço.

A cobertura é a parte mais representativa do conjunto, pois além de sua rugosidade estrutural e geométrica, contém uma grande carga de expressividade e intenção plástica. Ela tem 230 m de comprimento e mais de 70 m de altura.

Figuras 81 e 82: Vista do Palácio das Artes Rainha Sofia- cobertura monumental.



Fonte: Revista AU, p. 38, jan. 2007



Fonte: [http://theurbanearth.wordpress.com/](http://theurbaneearth.wordpress.com/)

O Palácio das Artes Rainha Sofia têm 4 salas de espetáculo que permitem uma multiplicidade de atividades, de óperas a espetáculos de dança contemporânea:

1. Auditório principal: com capacidade para 1,7 mil pessoas, o auditório principal é o elemento gerador do edifício tanto em seu aspecto formal quanto estrutural. A seção longitudinal da sala, com quatro alturas diferentes, é gerada pelas linhas de visuais dos espectadores em relação ao cenário. O fosso para

orquestra, terceiro maior do mundo, com 180 m², pode assumir diferentes configurações graças aos quatro planos móveis e abrigar até 120 músicos.

Figuras 83 e 84: Auditório principal



Fonte: <http://www.lesarts.com/Palau/PalaudelesArts/Gestindeespacios/Salaprincipal/>

Figuras 85 e 86: Paredes revestidas em mosaico cerâmico- efeito de onda



Fonte: Fotos cedidas pela Arquiteta Daniele Viesser

2. Aula magistral: na parte oeste do edifício, com capacidade para 400 pessoas, a sala foi especialmente desenhada para atuações de pequenas formações musicais, permitindo também a realização de conferências e congressos.

Figuras 87 e 88: Aula Magistral



Fonte: <http://www.lesarts.com/Palau/PalaudelesArts/Gestindeespacios/Aulamagistral/>

3. Auditório: destinado a espetáculos ao vivo, com capacidade para 1,5 mil espectadores, conta com avançados sistemas de áudio e vídeo.

Figuras 89 e 90: Auditório



Fonte: <http://www.lesarts.com/Palau/PalaudelesArts/Gestindeespacios/Auditorisuperior/>

4. Teatro de câmara: adjacente ao palácio, o teatro abriga as salas de exposição e uma sala experimental para teatro com capacidade para 400 espectadores.

Há ainda uma sala para ensaios da orquestra, que além de ter um espaço amplo para os músicos e os instrumentos, tem ainda em uma de suas extremidades uma área de poltronas para um grupo seletivo de espectadores.

Figuras 91 e 92: Teatro de Câmara e Sala da Orquestra (respectivamente)



Fonte: <http://www.lesarts.com/Palau/PalaudelesArts/Gestindeespacios/Teatremartnisoler/>

O palácio conta ainda com espaços panorâmicos. Para acessar os terraços, jardins, cafés e restaurante, de onde se pode desfrutar de uma bela paisagem, o visitante percorre escadas helicoidais situadas no interior das "cascas" laterais que abraçam o edifício. Essa circulação, assim como o foyer, surge em torno do auditório principal, a partir do qual toda a forma e estrutura da construção são geradas.

Figuras 93 e 94: *Terrasses de les Palmeres* (Terraço das palmeiras)



Fonte: <http://www.lesarts.com/Palau/>



Fonte: foto cedida pela Arquiteta Daniele Viesser

Figuras 95 e 96: Escadaria helicoidal e foyer do auditório principal (respectivamente)

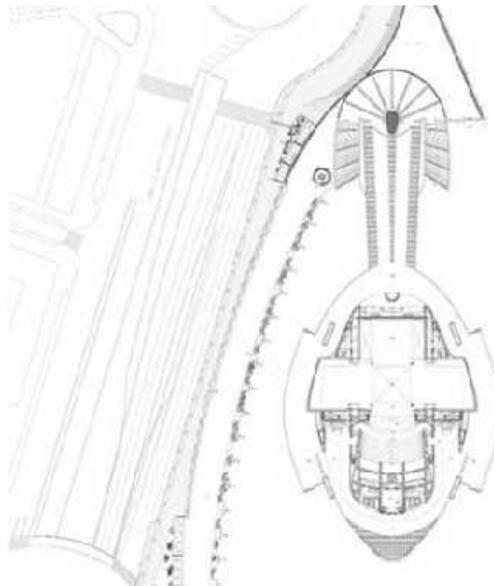


Fonte: http://www.lesarts.com/Palau/PalaudelesArts/eleedificio/seccion=1202&idioma=es_ES.do

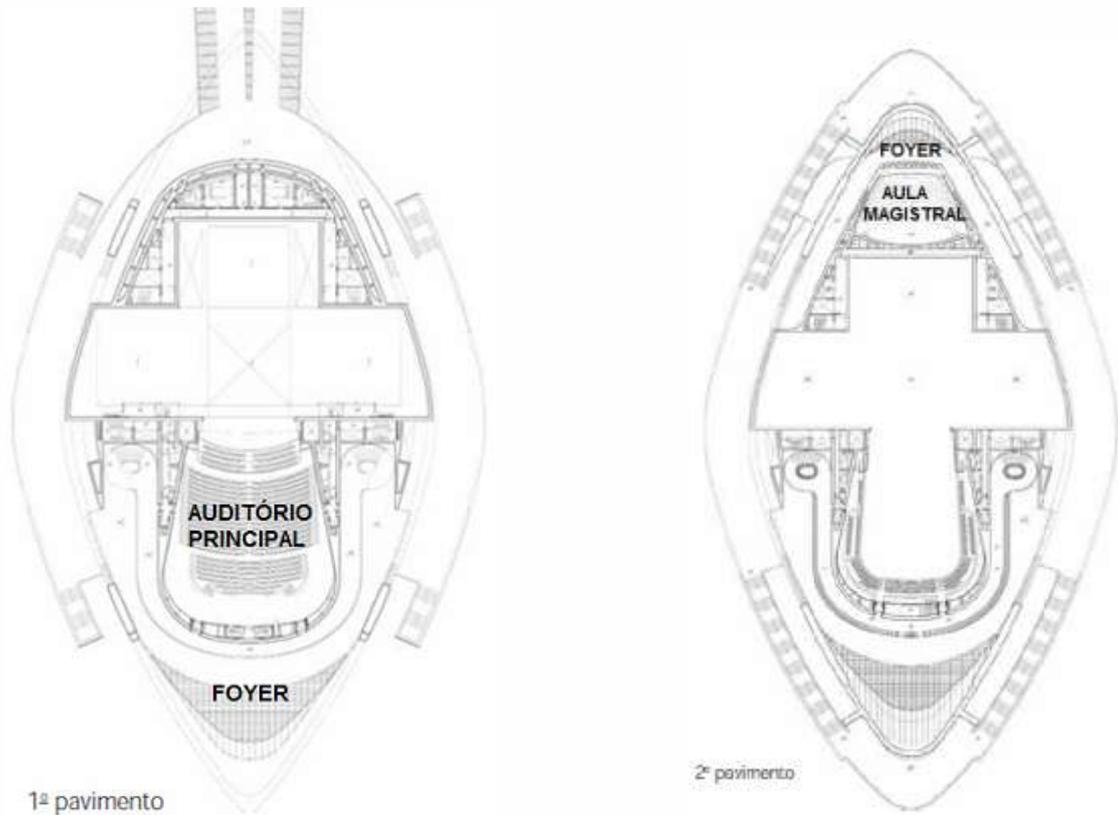
Plantas e cortes do Palácio das Artes Rainha Sofia:

Fonte: Revista AU, p. 42-44, Janeiro de 2007.

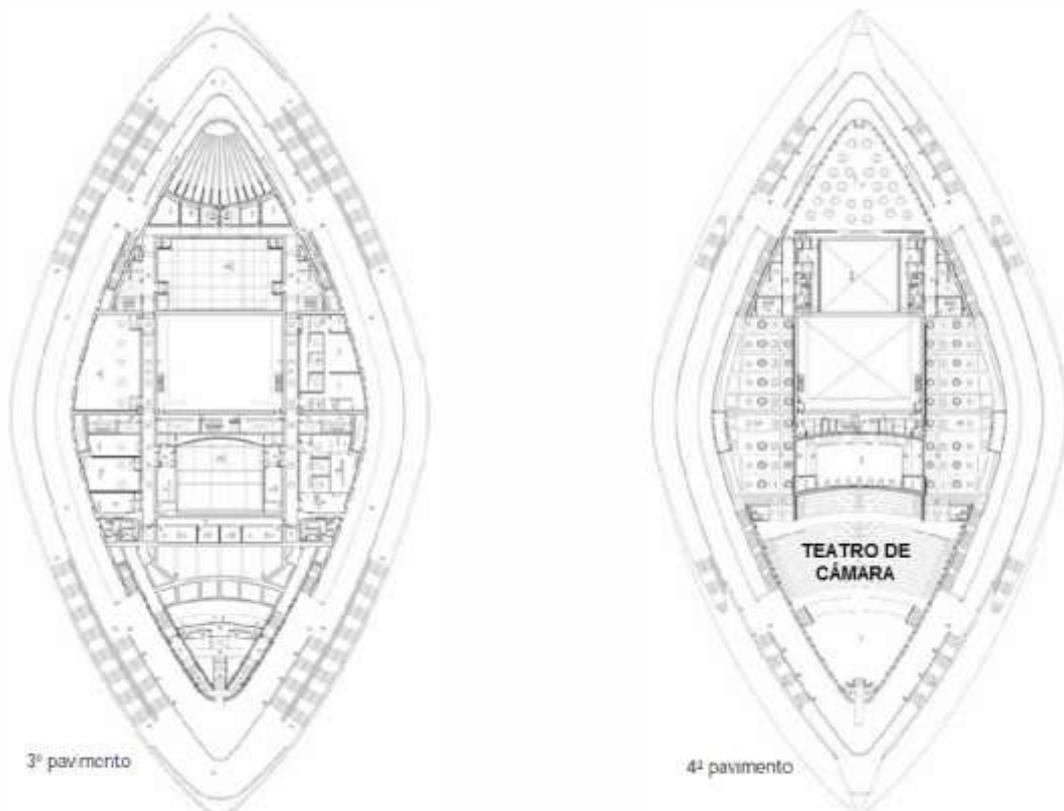
Figura 97 : Planta Térreo



Figuras 98 e 99: Plantas Primeiro e Segundo Pavimentos (respectivamente)



Figuras 100 e 101: Plantas Terceiro e Quarto Pavimentos (respectivamente)



Figuras 102 e 103: Planta Quinto Pavimento e Corte Transversal (respectivamente)

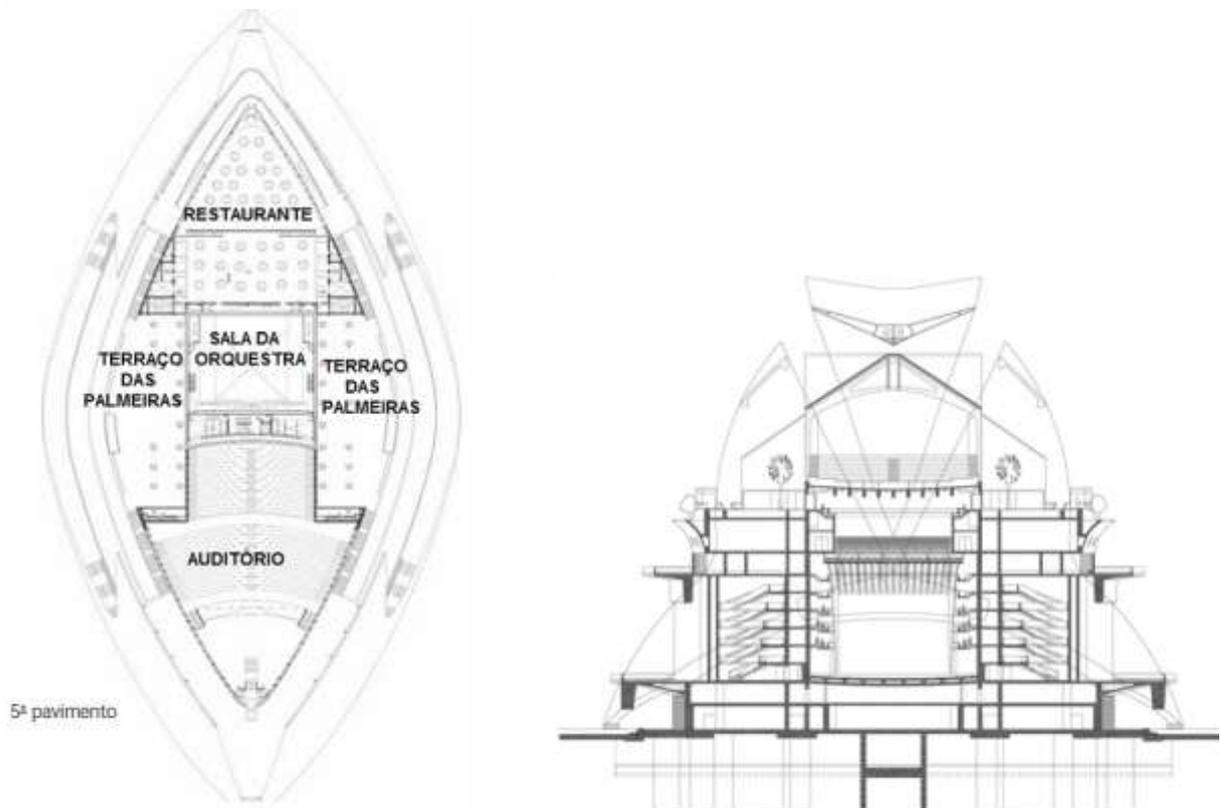
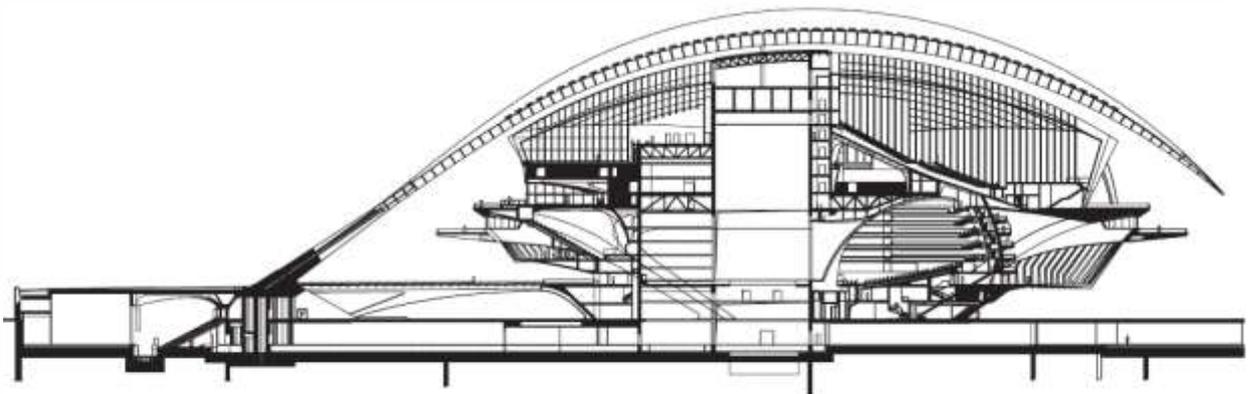


Figura 104: Corte longitudinal



- Aspectos técnicos e construtivos (*firmitas*):

Uma das principais características construtivas do Palácio das Artes Rainha Sofia, assim como da maioria dos edifícios de Santiago Calatrava é a estrutura exposta, aliás, a estrutura nas obras de Calatrava é fundamental para seu projeto estético.

O uso de tecnologia informacional na assistência de seus cálculos estruturais é decisivo para dar leveza em pontos do complexo como, por exemplo, a “pena” que se deita sobre a ópera.

O edifício está coroado por uma enorme "pena" metálica branca que parece voar sobre a composição arquitetônica. Calatrava conseguiu esse efeito determinando apenas dois apoios para o gigantesco elemento de 230 m de comprimento (medida da curva). Um deles, na extremidade oeste do edifício, é configurado pelo robusto pilar de concreto armado branco do qual nasce o elemento. Há ainda um outro apoio intermediário, a partir do qual a "pena" se desenvolve até a extremidade leste da construção, onde se encontra em balanço. Em concreto branco, o edifício é abraçado em ambos os lados por cascas metálicas revestidas com cacos cerâmicos brancos chamados trencadís.

Figuras 105 e 106: Pilar na face oeste e balanço na face leste do edifício (respectivam.)



Fonte: Revista AU, p. 45, jan. 2007



Fonte: <http://theurbanearth.wordpress.com/>

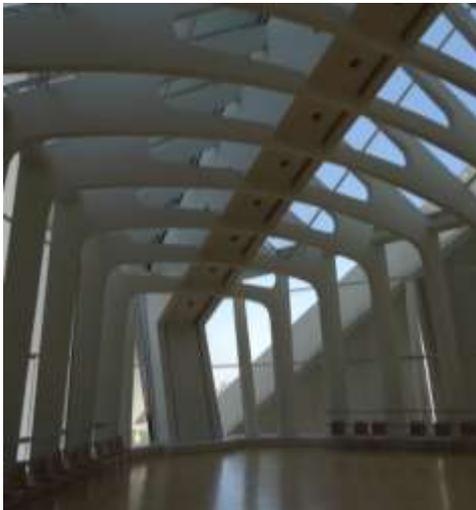
Resumo dos materiais:

- Volume de concreto: 77 mil m³
- Movimentação de terra: 275 mil m³
- 1.750 m de pilares
- 38.500 m² de granito
- Mais de 20 mil m² de trencadís (mosaico cerâmico branco)
- 3.360 m² de vidro
- Cerca de 20 toneladas de aço corrugado estrutural
- Mais de 10 toneladas de aço estrutural

Dados técnicos:

- Dimensões: 163 m de comprimento, 83 m de largura e 75 m de altura
- Área do terreno: 3.3 hectares (8 acres)
- Área construída: 44.100 m², com 12 níveis diferentes
- Materiais utilizados no exterior: concreto branco, aço estrutural, vidro, granito e cerâmica branca
- Materiais utilizados no interior: granito azulado, madeira e mármore
- Custo: 373 milhões de euros

Figuras 107 e 108: Detalhes construtivos (estrutura do telhado)



Fonte: Fotos cedidas pela Arquiteta Daniele Viesser

- Aspectos plásticos (*venustas*):

Desde que foi inaugurada, a obra tem chamado a atenção pela monumentalidade e pelo caráter escultórico. O formato complexo sugere muitas inspirações e já foi comparado a um barco ancorado no antigo leito do rio Turia, onde está implantado, ao capacete de um soldado troiano e até mesmo ao de um ciclista. Apesar disso, Calatrava afirma que concebeu o palácio como um "objeto escultural autônomo", sem ligação com os temas anteriormente mencionados. "Todos os meus projetos, incluindo o Palácio das Artes, começam com um desenho ou aquarela que partem de um gesto. Pode ser o gesto de uma criatura viva ou de minha mão se movendo pela página", revela, sem deixar claro o que, exatamente, o fez chegar a essa forma.

Figuras 109 e 110: Palácio das Artes Rainha Sofia- monumentalidade das formas



Fonte: <http://theurbaneearth.wordpress.com/>



Fonte: <http://www.flickr.com/photos/archineos/>

Criadas por Calatrava, as construções da Cidade das Artes e das Ciências, incluindo o Palácio das Artes Rainha Sofia, compartilham da mesma linguagem arquitetônica, marcada pelas formas abstratas, sempre de caráter orgânico e escultural, e pelos tons claros. O fato de se inspirar na natureza para criar formas ousadas e únicas, desprovidas de linhas ou ângulos retos, e o uso do mosaico de cerâmica leva muitos a compará-lo ao catalão Antoni Gaudí, um dos expoentes da arquitetura do século 20.

No Palácio das Artes, assim como na maior parte das obras de Calatrava, existe um jogo de luzes e efeitos visuais que parecem ser imprevisíveis. Mas o que mais se destaca na composição do palácio é, sem dúvida, a "pena" metálica que brota de um imenso pilar de concreto armado branco e que parece voar sobre o conjunto.

Figuras 111, 112 e 113: Jogos de curvas, formas, luz e sombra



Fonte: Revista AU, p. 40, 41 e 46, jan. 2007

4.4. COMPARAÇÃO DOS ESTUDOS DE CASO

Tendo como base os casos correlatos anteriormente expostos (Portão Cultural, Centro Cultural São Paulo e Palácio das Artes Rainha Sofia), pretende-se fazer um comparativo, mais especificamente entre seus aspectos históricos, funcionais, plásticos e estruturais. O principal objetivo é identificar os aspectos positivos e negativos dos projetos, de modo a assimilá-los posteriormente ao projeto do TFG de um Centro Cultural e Turístico de Campo Largo.

Enquanto que os dois centros culturais brasileiros são da década de 80, e apresentam uma estética modernista, com o uso de formas mais "estáveis" e retilíneas, o de Valência tem uma estética contemporânea, lançando mão de uma plasticidade mais ousada e emprego de técnicas avançadas, de modo que a "casca" que cobre o edifício parece estar flutuando sobre ele. Para o projeto do TFG, independente da volumetria que este apresentar, com linhas retas, ou com formas ousadas, o importante é que este intervenha no espaço urbano com elementos provocativos que despertem a curiosidade da população, tornando-se um referencial arquitetônico na região, sem deixar de valorizar a cultura local, através de elementos plásticos que remetam à identidade da população. Também é essencial que este seja um local convidativo, onde as pessoas possam não só visitar ou passar pelo edifício, mas que ele se torne um local de convívio.

Com relação à facilidade de acesso, percebe-se que este é um item fundamental para um Centro Cultural. Os 3 casos encontram-se em áreas de fácil acesso à população, sendo que o Portão Cultural está ao lado de um terminal de ônibus, o CCSP fica ao lado de 2 estações de metrô, e o PARS está localizado em uma área revitalizada da cidade de Valência, em frente à autopista de Saler (uma importante via da região). O Centro Cultural a ser projetado terá uma localização estratégica, tanto a nível municipal, quanto estadual, próximo a uma importante Avenida municipal e a duas rodovias (BR-277 sentido Curitiba e BR-277 sentido Ponta Grossa). Futuramente, após as obras de transposição da BR-277, o edifício também poderá ser acessado pela Avenida da Porcelana.

Dentre os 3 estudos de caso, o que tem a maior área construída (46mil m²) e o programa mais completo e diversificado para um centro cultural é o Centro Cultural São Paulo. O Portão Cultural apresenta espaços para diferentes atividades culturais, porém reduzidos, diante dos seus quase 5mil m², que são

comparativamente pequenos. Já o Palácio das Artes Rainha Sofia, apesar de ter o programa de atividades culturais menos diversificado, uma vez que enfatiza apenas as atividades que podem ser realizadas em auditórios, como apresentações musicais e teatrais, tem uma área bastante grande de aproximadamente 44mil m². O programa a ser proposto para o projeto do TFG englobará um número mais diversificado de atividades, como nos dois primeiros exemplos, e terá uma área mais próxima à área do Portão Cultural.

A seguir, estão listadas algumas outras características dos estudos de caso em questão, expostas na tabela de forma comparativa:

Tabela 6: Comparação dos estudos de caso

	PORTÃO CULTURAL	CENTRO CULTURAL SÃO PAULO	PALÁCIO DAS ARTES RAINHA SOFIA
ANO	1988 -2005. Reinaugurado em 2012.	1982	2006
ÁREA CONSTRUÍDA	4.827,55m ²	46.000m ²	44.100m ²
ESPAÇOS	Cinema, auditório, sala de dança, área de convivência, salas de exposição, reserva técnica, café e <i>foyer</i> Biblioteca sala de vídeo, ateliê digital sala de cursos, administração e sanitários.	Livraria, gibiteca, discoteca, arquivo multimeios, salas de debates e de oficinas, bibliotecas, auditórios, espaços cênicos salas de exposições, restaurante, área de convívio, jardim sobre laje, administração e sanitários.	Salas de espetáculo, auditório, salas de exposição, sala de ensaio da orquestra, café, restaurante, terraço panorâmico.
LOCALIZAÇÃO	Bairro Portão, Curitiba - Paraná	Rua Vergueiro, 1000, Paraíso. São Paulo-SP.	Antigo leito do rio Turia, Valência Espanha.
ÁREA DE ABRANGÊNCIA	Municipal - Bairro do Portão e bairro adjacentes.	Estadual/nacional.	Nacional/internacional.
ACESSO	Facilitado - Em frente ao Terminal do Portão	Facilitado - próximo a Avenida Paulista e junto à duas estações do metrô.	Fica ao lado da autopista de Saler (Importante via de acesso da região).

RELAÇÃO COM ENTORNO	Integração de espaços (praça e terminal).	Integra-se harmoniosamente a paisagem local. Além disso, renovou urbanisticamente o ambiente urbano do entorno. Local convidativo.	Integra a Cidade das Artes e Ciências, a qual serviu como meio de recuperação da área urbana localizada no antigo leito do rio Turia. Milhares de visitantes diariamente.
FUNCIONALIDADE	Edifício construído para outro fim e adaptado. Adaptação de edifício pré-existente, dentro das normas de acessibilidade.	Distribuição de atividades por andar, clareza nos espaços e na circulação. Espaço convidativo, fluido e facilmente permeável.	Boa setorização. Público pode circular livremente pelos terraços e plataformas do edifício. Clareza nos espaços e na circulação.
ÁREAS DE CONVÍVIO	Foyer, área de convívio com café e Praça externa.	Grandes praças internas jardim central, restaurante e nova área de convívio.	Grandes foyers, restaurantes, terraços panorâmicos, e praça externa.
CONSTRUTIBILIDADE	Boa solução estrutural: alguns apoios/pilares, que conferem o aspecto plástico. "coroamento" em concreto e volume interno em vidro.	Estrutura mista e modulada de concreto armado e metal (aço galvanizado). Telhado metálico com iluminação zenital.	Cobertura metálica revestida com cacos brancos de cerâmica, fixa apenas por dois apoios. Estrutura do edifício em concreto.
CONFORTO AMBIENTAL E EFICIÊNCIA ENERGÉTICA	Bons padrões de climatização das salas de exposição. Soltura do volume do concreto, em relação ao bloco envidraçado, impedindo a incidência direta dos raios solares.	Presença de grandes ambientes envidraçados, sempre abertos, facilitando a circulação do ar e a passagem da luz, evitando o aquecimento excessivo dos ambientes e dispensando o uso do ar condicionado. Iluminação zenital e terraço jardim	Grandes espelhos d'água que contribuem para aumentar a umidade ao redor do edifício. Cobertura revestida com cerâmica branca com características refletivas. "Soltura" da cobertura proporciona ventilação dos ambientes internos. Auditórios com propriedades acústicas avançadas. Terraço jardim
ASPECTOS PLÁSTICOS/ EXPRESSIVIDADE	Estética padrão da linha modernista: edifício "limpo", expressão universal/globalizado	Estética padrão da linha modernista. Edifício integra-se com a paisagem local.	Edifício monumental, chama a atenção por suas formas e pela tecnologia empregada.

Fonte: autora

5. CAMPO LARGO: CIDADE SEDE DO CENTRO CULTURAL E TURÍSTICO

O Município de Campo Largo está localizado no extremo oeste da Região Metropolitana de Curitiba - PR, fazendo limite com os Municípios de Araucária, Balsa Nova, Castro, Curitiba, Campo Magro, Itaperuçu, Palmeiras e Ponta Grossa. É o segundo maior município em extensão da Região Metropolitana, com uma área de 1.359,5657 km². Situa-se a aproximadamente 25km da capital do Estado, apresentando uma população estimada de 113.881 habitantes (IBGE, 2011).

Figura 114: Região Metropolitana de Curitiba: destaque para a Capital e Campo Largo



Fonte: www.campolargo.pr.gov.br

A escolha do Município de Campo Largo para a implantação do projeto de TFG de um Centro Cultural e Turístico foi feita por vários motivos, entre eles:

- A cidade não possui nenhum Centro Cultural e Turístico;
- A única Casa de Cultura existente tem instalações reduzidas e precárias, sem acessibilidade e com um auditório sem propriedades acústicas satisfatórias;
- O Município tem um ótimo potencial turístico e cultural, porém pouco explorado;
- Campo Largo encontra-se em um lugar estratégico, pois a BR-277 que por ali passa, liga o litoral paranaense e a Região Metropolitana de Curitiba ao interior do Estado, região centro-oeste do Brasil, Argentina e Paraguai.

5.1 HISTÓRIA

Segundo o Guia Histórico Cultural e Turístico de Campo Largo, edição 2012, os primeiros aventureiros que passaram por Campo Largo foram atraídos pela descoberta do ouro na região de Itambé, em 1664. Posteriormente, no início do século XVIII, a localidade chamada de Tamanduá (hoje pertencente ao Município de Balsa Nova) foi o primeiro núcleo social de ocupação permanente em Campo Largo, uma vez que era ponto de passagem dos antigos caminhos das tropas de Sorocaba e de Viamão. Nessa época, Tamanduá adquiriu extraordinária importância, rivalizando com a Vila de Curitiba. Foram construídas ali as primeiras capelas dos Campos Gerais: a de Nossa Senhora do Carmo, em 1709, e a de Nossa Senhora da Conceição, em 1730. Todavia, a partir de 1728, passou a existir um novo caminho entre Curitiba e São Paulo, mais curto e mais reto, que desviava Tamanduá. Foi o que deu início à decadência do povoado.

Porém, segundo o Guia (2012), mesmo com o declínio de Tamanduá, Campo Largo continuou a desenvolver-se, pois os tropeiros passaram a usar um novo caminho para chegar a Viamão, o caminho do Motta, e por lá passavam com tropas de gado bovino, equino e mulas, que faziam pouso de descanso e engorda.

No início do séc. XIX, iniciou-se o terceiro ciclo econômico, o da erva-mate ou “ouro verde”, que chegou a representar 85% da economia paranaense. Neste contexto, Campo Largo participava ativamente, com suas muitas plantações de erva-mate. Já em meados do séc. XIX, com a crise da Europa, o governo brasileiro elaborou um plano de colonização para lavradores europeus, constituindo colônias agrícolas para recebê-los. Várias delas foram fundadas em Campo Largo: Açungui, Alice, Antônio Rebouças, Balbino Cunha, Dom Pedro, Dona Mariana, Thomas Coelho e Santa Cristina, colonizada com diversos grupos étnicos, predominada por poloneses e italianos.

A partir da década de 50, devido à condição geológica de Campo Largo, com ocorrência de matéria-prima necessária para a produção de porcelana e cerâmica, instalaram-se na cidade diversas fábricas deste ramo, sendo até hoje a principal atividade econômica do Município.

5.2. ECONOMIA

Campo Largo possui uma realidade econômica com forte tendência de ser cidade dormitório de Curitiba, por possuir fácil acesso à capital. Em seu território, observam-se várias chácaras de lazer e loteamentos abrigando pessoas que diariamente se deslocam para Curitiba com o objetivo de estudar ou trabalhar.

Atualmente, devido à abundância de matéria-prima mineral, o Município destaca-se pelo grande número de indústrias cerâmicas (azulejos, pisos e louças), o que gerou (e gera) muito trabalho e renda para a população. Segundo dados da Prefeitura de Campo Largo, o setor é responsável por 60% da arrecadação do município. Destacam-se também a existência de indústria moveleira e metal-mecânica.

Ainda de acordo com a Prefeitura, o Município conta com mais de 35 indústrias de louça, que produzem cerca de 450 milhões de peças todos os anos e empregam mais de 5.500 pessoas. Essas empresas respondem por 90% de toda a porcelana de mesa fabricada no país, 50% da cerâmica industrial e 30% da cerâmica branca de mesa. O pólo cerâmico de Campo Largo é referência nacional e mantém a liderança da produção. Além de atender ao mercado nacional, os produtos são exportados para os países do MERCOSUL, da Europa e da América do Norte.

Figuras 115, 116 e 117: Processo de fabricação da louça em Campo Largo



Fonte figuras 116 e 117: fotos da autora

Fonte figura 118: fotógrafa Marilé Vanin

5.3 CULTURA

Com relação à cultura de Campo Largo, esta é constituída por um conjunto de manifestações artístico culturais, religiosas e desportivas relativas à sociedade

campolarguense, descendente em sua maior parte, de imigrantes italianos e poloneses.

Apesar da precariedade dos equipamentos culturais atualmente em Campo Largo, o ano de 2011 mostrou um avanço do Município no que se refere à cultura. Essa preocupação surgiu especialmente depois de ter sido oficializada a criação do Departamento Municipal de Cultura no Município. O projeto é que a população tenha mais acesso ao setor cultural do município. Para isso foi criado o programa “Ciranda Cultural”, que oferece gratuitamente sessões de cinema, cursos de teatro, cinema, dança e folguedos populares, história em quadrinhos, violão, banda marcial e pintura em tela.

Em entrevista, o diretor do Departamento de Cultura de Campo Largo, Jucie Parreira dos Santos, disse que essas atividades são realizadas na Casa de Cultura de Campo Largo, e também em locais improvisados nos bairros. Apesar de isso ter sido um grande avanço do Município com relação à valorização cultural, o diretor disse que há uma necessidade muito grande de se construir equipamentos destinados às atividades culturais em Campo Largo, uma vez que as instalações da Casa da Cultura, além de insuficientes frente à demanda populacional do Município, também têm vários outros problemas, como a falta de acessibilidade e propriedades acústicas insatisfatórias das salas de música e do auditório.

Segundo a Coordenadora da Divisão de Economia Criativa de Campo Largo, Rozeli Cosmo Massinhã, com a participação no Sistema Nacional de Cultura, “o Município sai na frente de muitas outras cidades da Região”. A partir de 2013 todas as decisões culturais serão fundamentadas por um mapeamento, feito através do Sistema Municipal de Indicadores Culturais (SMIC), que consistem em um conjunto de informações decisivas referentes ao uso, o acesso e o consumo de atividades e bens culturais na cidade. O SMIC, por meio de questionários aplicados em uma amostra significativa da população, pautará as ações como construção de equipamentos, realização de atividades e investimentos, as quais serão direcionadas às reais necessidades da população.

A tabela abaixo mostra o valor das despesas que o município teve com as funções subsidiadas pelo governo em 2010. Com relação à cultura, foram gastos R\$771.205,14, mostrando que há um certo incentivo financeiro da Prefeitura Municipal nesta atividade, apesar disso percebe-se que esse capital não é bem empregado pois os equipamentos culturais existentes na cidade ainda são precários.

Tabela 7: Despesas municipais por função- 2010

DESPESAS MUNICIPAIS POR FUNÇÃO 2010	
TIPOS DE FUNÇÃO	VALOR (R\$1,00)
TOTAL (exceto intraorçamentária)	122.721.224,64
Administração	20.331.206,97
Defesa nacional	9.426,34
Segurança pública	1.366.639,06
Assistência social	3.452.531,59
Previdência social	6.804.310,74
Saúde	25.149.460,27
Trabalho	15.867,00
Educação	38.639.205,25
Cultura	771.205,14
Urbanismo	3.723.652,98
Habitação	36.000,00
Gestão ambiental	5.350.374,70
Agricultura	122.910,65
Indústria	1.003.988,13
Comércio e serviços	69.092,00
Comunicações	478.291,29
Transporte	8.978.306,85
Desporto e lazer	1.296.133,42
Encargos especiais	5.077.622,26
TOTAL GERAL	122.721.224,64

FONTE: Prefeitura Municipal de Campo Largo.

TABELA 8: População ocupada segundo as atividades econômicas – 2010

ATIVIDADES ECONOMICAS (CNAE domiciliar 2.0)	Nº de pessoas
Agricultura e pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	4.303
Indústrias extrativas	506
Indústrias de transformação	10.915
Eletricidade e gás	238
Água, esgoto, gestão de resíduos, descontaminação e construção	337
Comércio, reparo de veículos automotores e motocicletas	8.844
Construção	5.841
Transporte, armazenagem e correio	3.130
Alojamento e informação	1.994
Comunicação e informação	703
Atividades financeiras, de seguros e relacionados	655
Atividades imobiliárias	230
Atividades profissionais, científicas e técnicas	1.386
Atividades administrativas e serviços complementares	2.254
Administração pública, defesa e seguridade social	1.876
Educação	3.130
Saúde humana e serviços sociais	1.967
Artes, culturas, esporte e recreação	339
Outras atividades de serviços	1.271
Serviço doméstico	4.010
Atividades mal especificadas	3.303
TOTAL	57.231

FONTE: IBGE – censo demográfico (2010)

Além disso, fica evidente que o Município realmente necessitava de políticas públicas de incentivo à cultura (como as que foram citadas no texto a cima), uma vez que de acordo com a tabela do IBGE (população ocupada segundo as atividades econômicas – 2010), apesar do montante despendido pela Prefeitura, havia em 2010 poucas pessoas co- relacionadas com a atividade cultural no Município (apenas 339 habitantes).

5.4 TURISMO

Campo Largo possui muitos atrativos naturais, histórico-culturais e também de compras, que constituem os seus roteiros turísticos. De acordo com o Guia Histórico Cultural e Turístico de Campo Largo, edição 2012, cedido pela Prefeitura de Campo Largo, por estar em uma posição estratégica, com uma economia forte, diversidade cultural e produtiva, a cidade foi escolhida para desenvolver o “Projeto de Produção Associada ao Turismo”, do Ministério do Turismo e do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, desenvolvido e aplicado pela ACG (Associação de Culturas Gerais).

Esse projeto contempla cidades localizadas nas proximidades das cidades-sedes dos jogos da copa de 2014, neste caso Curitiba. O projeto visa incluir o turista no processo produtivo, fazendo-o participar ativamente da atividade turística que visita, agregando valor e experiência ao turismo. O resultado imediato desse projeto em Campo Largo foi o desenvolvimento de quatro produtos turísticos que serão chamariz para a cidade e foram expostos e divulgados num catálogo de atividades, pelo MTUR e SEBRAE Nacional, durante o Salão Nacional de Turismo, em São Paulo, em 2011. As quatro atividades turísticas desenvolvidas por esse projeto são:

- Visita ao setor de envase de vinhos, do Grupo Vinícola Família Zanlorenzi (antigo Vinhos Campo Largo);
- Rota da louça, com visitas às fábricas;
- Roteiro de turismo rural das Colônias Polonesas;
- Museu do Mate.

Campo Largo também está incluído na “Rota do Pinhão”, que resulta na integração de roteiros dos municípios da Região Metropolitana de Curitiba, e na “Rota dos Tropeiros”, que é composta por 16 municípios que tem em comum a

cultura deixada pelos tropeiros. Também participa do “Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável” (PDITS) de Curitiba, Região Metropolitana e Campos Gerais. Esse programa busca organizar as intervenções públicas para o desenvolvimento da atividade turística, através de prévios processos de planejamento das regiões turísticas. A partir do planejamento das áreas turísticas prioritárias, são propostas intervenções públicas a serem implementadas, de forma que o turismo venha a constituir verdadeira alternativa econômica, geradora de emprego e renda, sobretudo para a população local.

Uma das maiores vocações turísticas de Campo Largo está relacionada ao turismo de compras de louças, entre porcelanas e cerâmicas. E, para impulsionar ainda mais esse turismo de negócios, a cidade conta com o “Roteiro da Louça” (um roteiro de compras situado às margens da BR 277), onde se encontram lojas de louça, decoração e artesanato. Pode-se até conhecer a linha de produção de algumas fábricas.

Apesar das muitas potencialidades relacionadas à atividade turística na cidade, Campo Largo ainda não tem um Centro de Informações Turísticas, de caráter público e de fácil acesso aos turistas. Diante disso, viu-se a necessidade de se anexar ao Centro Cultural a ser projetado no TFG, um espaço para prestar informações sobre a Rota da Louça e todas as demais atividades que o Município oferece. Isso, sem dúvida nenhuma, contribuiria para a valorização e para o crescimento da atividade turística, o que certamente refletiria positivamente na economia da cidade.

5.5 ATRATIVOS TURÍSTICOS, HISTÓRICOS E CULTURAIS

Campo Largo tem vários atrativos turísticos, tanto de cunho histórico ou cultural, quanto natural ou econômico. Além da Igreja Nossa Senhora da Piedade e do Parque Histórico do Mate descritos a seguir, pode-se citar outros atrativos:

- Museu Histórico de Campo Largo
- Praça da Polônia
- Praça Getúlio Vargas
- Turismo Rural das Colônias Polonesas e de B ateias

- Estância Hidromineral Ouro Fino
- Parque Newton Puppi (Cambuí)
- Rota da Louça
- Rua XV de Novembro
- Parque Ecológico Lagoa Grande
- Praça João Antônio da Costa (fonte inaugurada por D. Pedro II)
- Eventos como as Semanas Italiana e Polonesa e a Feira da Louça

Figuras 118 e 119: Museu Histórico e Praça da Polônia (respectivamente)



Fonte: Fotos da autora

Figuras 120 e 121: Fonte de D. Pedro II e Parque Newton Puppi (respectivamente)



Fonte: Fotos da autora

Figuras 122 e 123: Feira da Louça e Rua XV de Novembro (respectivamente)



Fonte: Foto da autora



Fonte: fotógrafa Marilê Vanin

- Igreja Nossa Senhora da Piedade: Segundo o site da Igreja, sua construção, de alvenaria de pedras e cal, teve início em 1821. Sua arquitetura é um estilo gótico, com vitrais, e a pintura interior foi feita por Anacleto Garbaccio, artista formado pela escola de belas artes de Turim. Destaque para o órgão do séc XIX, que tem 5 metros de altura.

Foi eleita, em pesquisa feita pela *Redação Móvel* da RPC TV em 2012, como “o lugar mais marcante da cidade”.

- Parque Histórico do Mate: Segundo o Guia Histórico Cultural e Turístico de Campo Largo, edição 2012, a edificação principal, onde está instalado o Museu, é resultado da restauração do antigo engenho do mate, construído em meados de 1870, para a fabricação do mate chimarrão. O engenho foi tombado pelo Patrimônio Paranaense em 1968 e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1984.

Figuras 124 e 125: Igreja N. Senhora da Piedade e Parque Histórico do Mate



Fonte: foto da autora



Fonte: <http://www.turismo.pr.gov.br>

5.6. DEFICIÊNCIAS – ANÁLISE DA REALIDADE

Há no Município, assim como em todas os outros, vários problemas relacionados à saúde, educação, segurança, transporte, entre outros. Porém, neste caso, nos convém apontar algumas das deficiências relacionadas aos equipamentos culturais de Campo Largo.

É o caso da Biblioteca Pública Municipal Dr. Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo e da Casa de Cultura Dr. José Antonio Puppi. Em visita in loco, e por meio de conversas com funcionários e usuários, pôde-se constatar algumas deficiências:

Problemas com a Biblioteca:

- Não atende a demanda da população campo-larguense, já que seu tamanho é desproporcional ao número de escolas e matrículas realizadas;
- Não possui espaços adequados e privativos de estudo;
- Inexistência de ar-condicionado, contribuindo para a degradação dos livros e desconforto dos usuários;
- Banheiros sem infraestrutura adequada, e sem acessibilidade para PNE;
- Inexistência de espaços de convivências (café, estar) e guardas- volumes;
- Número reduzido de computadores e livros desatualizados;
- Pequena Gibiteca, degradada e sem atrativo para as crianças;
- O controle de entrada e saída de livros, assim como as buscas dos exemplares são feitos manualmente;
- Não há guarda-volumes e nem sala de reuniões;
- Não há preocupação com a acessibilidade de pessoas com deficiências na disposição do mobiliário interno da biblioteca.

Figuras 126 e 127: Fachadas da Biblioteca e espaço interno: espaço deficiente



Fonte: fotos da autora

Figuras 128 e 129: Gibiteca degradada e banheiro sem acessibilidade



Fonte: fotos da autora

Problemas com a Casa de Cultura:

- Possui, para atender a cidade toda, apenas um auditório para 300 pessoas, 4 salas para cursos, um mezanino para reunião e um salão de exposições.
- Não há acessibilidade para portadores de necessidades especiais: o auditório e o mezanino são acessados por uma escada e não há banheiros para PNE;
- A escada de acesso para o auditório é escura e mal sinalizada;
- As salas de curso são pequenas para a demanda da população, e não comportam muitos alunos;
- Há aulas de canto e de instrumentos musicais no local, porém as salas não têm proteção acústica, tornando-se desagradável tanto para os alunos, quanto para as pessoas nas salas ao lado;
- O auditório é antigo, e não tem sistema de ar-condicionado. Além disso, sua acústica é péssima;
- Toda a administração do Departamento de Cultura de Campo Largo está instalada no mesmo edifício, reduzindo o número de salas que poderiam ser destinadas para a atividade cultural da população.
- Esteticamente falando, o edifício não apresenta uma fachada agradável e convidativa.

Figuras 130 e 131: Fachada da Casa da Cultura e auditório deficiente



Fonte: fotos da autora

Diante desta situação, foi essa carência de equipamentos de cultura, somada à deficiência dos já existentes, que motivou a aluna a escolher seu tema de do projeto do TFG. Ou seja, a proposta de um centro cultural partiu da análise da realidade do Município, e conseqüentemente do desejo de se propor uma solução para o problema encontrado.

6. CARACTERIZAÇÃO LOCACIONAL

Partindo-se do pressuposto de que um Centro Cultural e Turístico, além de muitas outras características, precisa ter como um de seus maiores atributos a facilidade de acesso, tanto da comunidade local, quanto dos seus visitantes, a busca por um terreno satisfatório para a implantação do projeto do TFG teve como pré-requisito um local em Campo Largo que fosse próximo à BR 277.

Em segundo lugar, fez-se uma análise do Mapa de Zoneamento da cidade, de modo que o terreno a ser escolhido, além de estar próximo à Rodovia, também estivesse em uma Zona onde a atividade pretendida fosse admitida, e cujos parâmetros de ocupação do solo fossem satisfatórios.

A área do terreno também deveria ser razoavelmente grande para comportar um equipamento cultural e turístico capaz de suprir as necessidades da população local e dos turistas.

Dessa forma, optou-se por uma área estratégica, localizada no Bairro Rondinha, em uma ZES 1 (Zona Especial de Serviço 1), cujo zoneamento tolera implantação de Uso Comunitário II (lazer e cultura). Tem fácil acesso, pois encontra-se em frente à principal rodovia (BR 277) que liga Campo Largo à Curitiba, e próximo à rodovia (BR 277) que liga Campo Largo à Ponta Grossa, facilitando a chegada de visitantes e turistas. Além disso, essa BR tem ligação direta com as vias de acesso ao aeroporto, seguindo pelo Contorno Sul de Curitiba. Liga também o litoral paranaense e a Região Metropolitana de Curitiba ao interior do Estado, região centro-oeste do Brasil, Argentina e Paraguai.

Outra grande potencialidade do terreno é que ele também faz frente para uma das principais avenidas locais, a Avenida Padre Natal Pigatto, o que facilita o acesso da população ao Centro Cultural e Turístico. Além disso, com as obras de transposição da BR 277 que estão ocorrendo, a outra fachada do terreno, passará a ser acessada por uma grande e importante Avenida do Município: a Avenida da Porcelana.

A respeito das obras de transposição da BR-277 em Campo Largo, estas tiveram início em 25/11/2011. Segundo o jornal “Folha de Campo Largo” (2011), o novo traçado da estrada, que tem como principal objetivo retirar o fluxo intenso de veículos do perímetro urbano de Campo Largo, terá 11 quilômetros, com duas trincheiras, dois viadutos, uma ponte e a modernização de viadutos já existentes.

Ao término da obra, o trecho urbano da BR-277 que hoje recebe o fluxo em direção a Curitiba, entre o Itaqui e a Rondinha, será transformado em uma grande via integradora do município, que será denominada de Avenida da Porcelana, incentivando o turismo e o comércio da louça.

Figuras 132 e 133: Mapa com a situação atual e futura da BR 277, respectivamente.



Fonte: Mapa das Diretrizes Viárias (Lei Municipal 1.813-05), adaptado pela autora

Figura 134: Localização do terreno escolhido e alguns outros lugares relevantes.



Fonte: Foto de satélite do site Google Earth, com interferências da autora.

6.1. ZONEAMENTO

A partir da consulta no Mapa de Zoneamento do Município, localizou-se o terreno escolhido para o projeto do TFG, e conseqüentemente a zona a que pertence, nesse caso a ZES 1 (Zona Especial de Serviços 1).

Figura 135: Mapa do Zoneamento (Lei Munic. 1.963/07). Destaque para o terreno.



Fonte: Mapa do Zoneamento (Lei Munic. 1.963_07), adaptado pela autora.

Figura 136: Mapa do Zoneamento: destaque para o terreno e para a zona ZES 1.



Fonte: Mapa do Zoneamento (Lei Munic. 1.963_07), adaptado pela autora.

De acordo com a Lei Municipal 1.963/07 -Zoneamento, Uso e Ocupação do Solo:

- Considera-se Zona Especial de Serviços 1 – ZES a área situada ao longo da Rodovia BR 277 Sul, numa faixa de 150,00m para ambos os lados da faixa de domínio da rodovia, destinada a atividades de comércio e serviço de médio e grande porte. (Tabela de Parâmetros da Zona ZES1 no ANEXO 2 do trabalho)
- Nos lotes de esquina (este é o caso do terreno em questão), os recuos para as ruas transversais à rodovia deverão obedecer aos parâmetros da zona atravessada. Neste caso, a zona atravessada é a ZR 3, cujo recuo frontal obrigatório é de 5m. (ver tabela no ANEXO 2 do trabalho)

Tabela 9: Tabela de Usos do Solo para a zona ZES 1.

PERMITIDO	PERMISSIVEL	PROIBIDO
<ul style="list-style-type: none"> - Habitação transitória 1 - Habitação transitória 2 - Comércio e serviço especial 1 - Comércio e serviço setorial - Comércio e serviço geral - Indústria tipo 1 	<ul style="list-style-type: none"> - Habitação familiar - Habitação em série - Habitação coletiva - Habitação institucional - Habitação transitória 3 - Comunitário 1 - Comércio vicinal 1 - Comercio vicinal 2 - Comércio e serviço de bairro - Indústria tipo 2 - Comunitário 2 - lazer e cultura - Comunitário 2 - culto - Comunitário 3 - lazer - Serviço vicinal 1 - Serviço vicinal 2 	<ul style="list-style-type: none"> - Condomínio horizontal - Comunitário 2- saúde - Comunitário 2- ensino - Comunitário 3- ensino - Comércio e serviços específicos 2 - Indústria tipo 3 - Indústria tipo 4 - Uso agropecuário - Uso agroindustrial - Uso extrativista

Fonte: Lei Municipal 1.963-07 -Tabela de Parâmetros; adaptada e com grifos da autora.

Tabela 10: Tabela de Ocupação do Solo para a zona ZES 1.

Lote Mín. (m ²)	Testada Mínima (m)	Coef. de Aproveit Máximo	Taxa de Ocupação Máx. (%)	Taxa de Permeab Mín. (%)	Recuo Frontal (m)	Afastament o mín. das divisas (m)	Altura Máx. (pavimentos)
1.500	15	1	50	25	Respeitar a faixa de domínio das rodovias estaduais e federais.	1,5	02

Fonte: Lei Municipal 1.963-07 -Tabela de Parâmetros; adaptada pela autora.

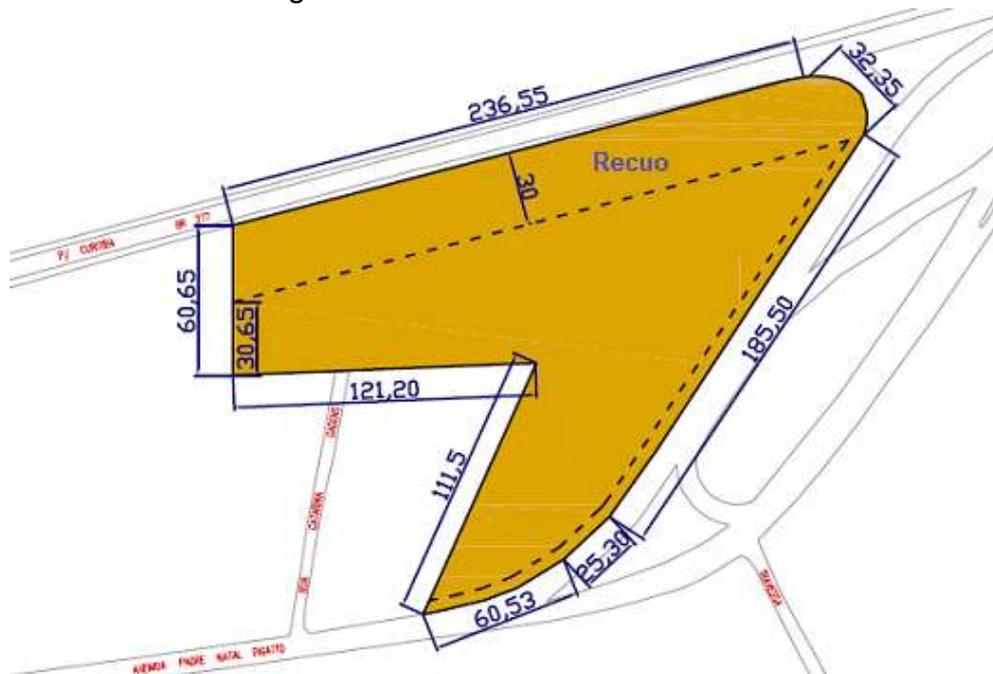
Segundo a Lei Municipal 1.963 de 2007, que dispõe sobre o zoneamento, uso e ocupação do solo no Município de Campo Largo, a atividade pretendida é classificada como uso Comunitário 2- lazer e cultura. Entram nesta categoria os auditórios, casas de espetáculos artísticos, centro de recreação, de convenções e de exposições, cinema, museu, sede cultural e esportiva, sociedade cultural e teatro.

6.2. TERRENO/ IMPLANTAÇÃO

A área escolhida para o projeto do TFG tem as seguintes dimensões:

- Área total do terreno: 25.470,78m²
- Área edificável: 16.523,60m²

Figura 137: Dimensões do terreno



Fonte: grafismo da autora

Figuras 138 e 139: Área total e figura com área edificável (respectivamente)



Fonte: Imagem do Google Earth e grafismo da autora

Legenda das figuras 3 e 4:

 Área total: 25.470,78m²

 Área edificável: 16.523,60m²

 Área de recuos obrigatórios (5m de frente para a Avenida P. Natal Pigatto, e 40m de recuo a partir do eixo da Rodovia)

A seguir estão relacionadas algumas fotos do terreno e seu entorno, com suas vistas demarcadas alfabeticamente na figura a baixo:

Figura 140: Perímetro do terreno e marcações alfabéticas das fotos do local.



Fonte: Foto de satélite do site Google Earth, com interferências da autora.

Figuras 141 e 142: Vistas A (viaduto) e B (Igreja da Rondinha) – respectivamente



Fonte: fotos da autora

Figuras 143 e 144: Vistas C e D (vistas do terreno, de cima do viaduto)



Fonte: fotos da autora

Figuras 145 e 146: Vistas E (fachada da Av. P. Natal Pigatto) e F (fachada da BR)



Fonte: fotos da autora

Figuras 147 e 148: Vistas G e H (vistas do terreno a partir da BR 277)



Fonte: fotos da autora

Figura 149: Vista I (vista do terreno a partir da BR 277)



Fonte: fotos da autora

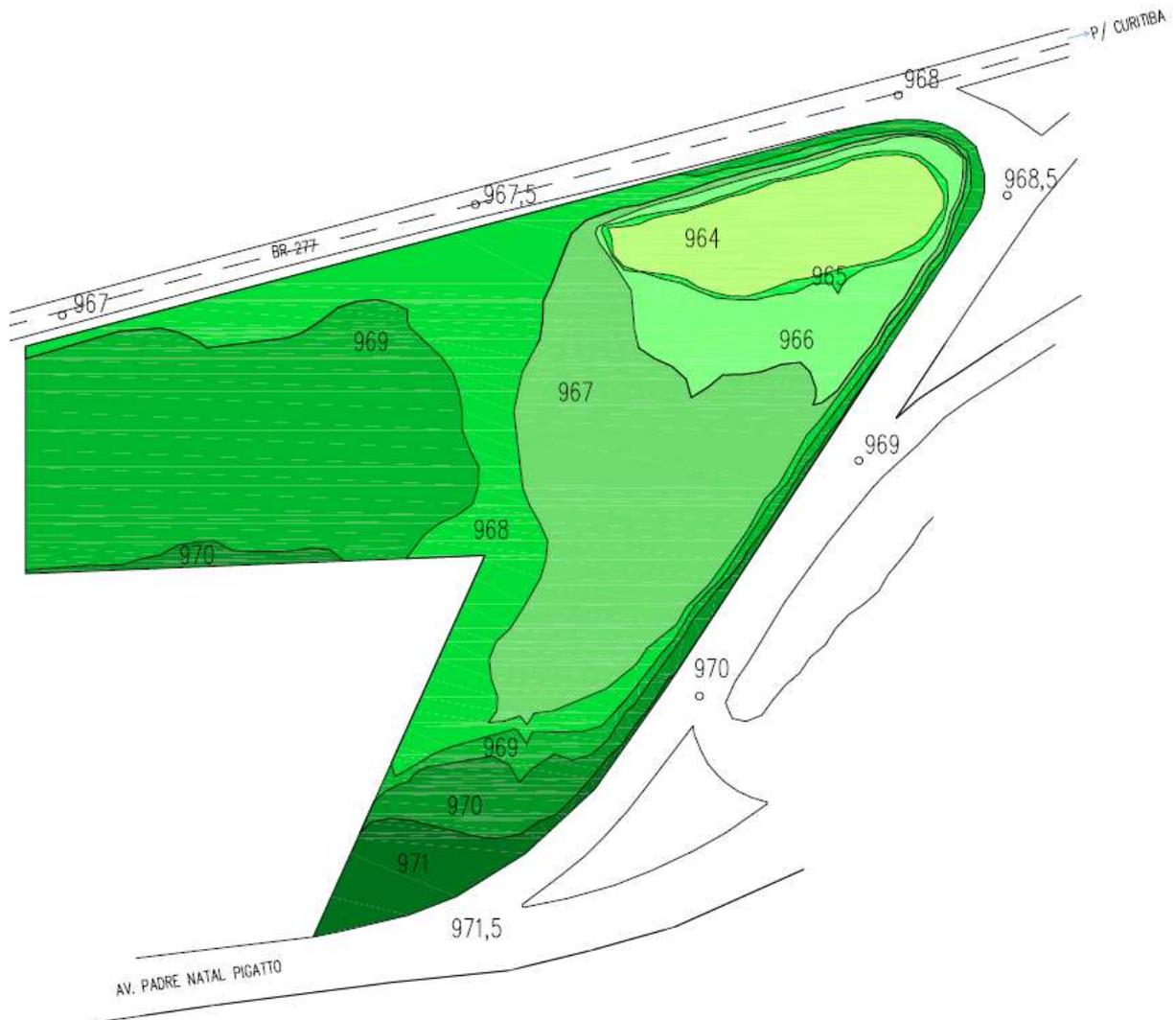
6.3 TOPOGRAFIA

O terreno em questão apresenta uma topografia um pouco acidentada, porém nada que impeça ou dificulte a implantação do projeto do TFG no local. A testada voltada para a Avenida Padre Natal Pigatto praticamente acompanha o nível da rua. A respeito da testada de frente para a Rodovia, a maior parte dela é plana, estando a aproximadamente 1m acima do nível do acostamento. A parte mais acidentada do terreno é justamente a esquina, onde há um desnível de 4,5m em relação à rua.

Sobre as cotas apresentadas na figura, estas estão baseadas no nível do mar

e estão em na unidade “metro”. Dessa forma, percebe-se que a diferença entre o nível máximo (971) e o mínimo (964) do terreno é de 7m.

Figura 150: Topografia do terreno.



Fonte: Informações da Prefeitura de Campo Largo e grafismo da autora

7. DIRETRIZES GERAIS DO PROJETO

Com base nas questões levantadas nos capítulos anteriores, sobre a conceituação e importância da cultura e da atividade turística para uma cidade; a comparação dos casos correlatos de Centros Culturais; o estudo das carências e potencialidades do Município de Campo Largo; e a dimensão e potencial construtivo do terreno escolhido, pretende-se, neste capítulo, apresentar as diretrizes do projeto a ser elaborado no Trabalho Final de Graduação (TFG).

O programa do Centro Cultural e Turístico em Campo Largo engloba basicamente os seguintes espaços: área de convivência, salas de exposições, auditório, biblioteca, salas de música e dança, oficina de artes plásticas, sala de cursos e palestras, ateliê digital, sala de xadrez, local para informações turísticas, estacionamento, bicicletário, área para apresentações culturais ao ar livre, e os demais espaços administrativos, de serviço e apoio necessários.

A respeito do espaço para informações turísticas dentro do centro cultural, propõe-se um ambiente público capaz de centralizar todas as informações a respeito do turismo em Campo Largo, recebendo o turista e transmitindo-lhe as orientações necessárias. Além disso, o turista poderá também assistir a vídeos sobre o turismo na região, fazer o câmbio de sua moeda para a moeda local, e adquirir ingressos para as atividades turísticas e culturais da cidade.

O programa do projeto em questão foi desenvolvido principalmente com base na demanda atendida e nos centros culturais anteriormente apresentados neste trabalho. Além disso, algumas entrevistas e a participação da aluna no Architectour-Seminário Internacional de Arquitetura e Engenharia para a Cultura e o Turismo (Curitiba, 2012)¹, contribuíram com informações relevantes para que as diretrizes do projeto da aluna fossem estabelecidas.

1 Seminário internacional para arquitetos e engenheiros sobre cultura e turismo nas cidades, realizado em Agosto de 2012 no auditório do Fiep, em Curitiba. Teve como palestrantes, renomados arquitetos e engenheiros como Alberto Varas (Argentina), Robert Rummey (Inglaterra), Ricardo Brokes (Espanha), Thomas Dahlgren (da empresa dinamarquesa COWI), Anna Maria Indrio e Christofer Fay (arquitetos do famoso escritório dinamarquês "CF MOLLER"), ente outros.

Com relação à participação no Architectour, alguns ensinamentos foram muito úteis. Segundo o Arquiteto Robert Rummey², renomado arquiteto inglês e palestrante no evento em questão, é importante, ao projetar um edifício cultural, focar nos seus diferenciais, pois as pessoas devem sair de suas residências atraídas pela satisfação em apreciar uma arquitetura distinta, e que ofereça atividades incomuns ao seu cotidiano. Já de acordo com o turismólogo espanhol Ricardo Brookes³, também palestrante no evento, 15 a 20% das pessoas no mundo viajam atualmente por motivos culturais. Dessa forma, segundo ele, as características tendenciais de um edifício cultural é que ele seja interativo (onde as pessoas possam participar das atividades, e não apenas observá-las), multidisciplinar, autêntico e também deve ser ao mesmo tempo global e local, ou seja, deve envolver características globalizantes dos edifícios e atividades culturais, mas sem deixar de lado os agentes e as características do local onde está inserido.

Já em entrevista a autoridades locais relacionadas à atividade cultural e turística de Campo Largo, a aluna pôde tomar conhecimento de algumas necessidades do Município. Segundo Jucie Parreira dos Santos, diretor do Departamento de Cultura de Campo Largo, em entrevista, como os equipamentos culturais atuais do Município são falhos e decadentes, assim como sempre foram, a população local não criou um hábito cultural. Dessa forma, diante de uma problemática real, o edifício cultural a ser projetado pela aluna deverá representar um novo conceito de espaço público para a cidade, sem deixar de transparecer aos seus visitantes a identidade local. Para isso, deverá ter fácil acesso e ser atrativo, de modo que além de oferecer atividades culturais à população, este também se torne um local de convivência e lazer.

2 Robert Rummey: renomado arquiteto inglês, do escritório *Rummey Design*. Website do escritório: www.rummey.co.uk

3 Ricardo Brookes: turismólogo e professor da *Universidad Europea de Madrid* (Madri, Espanha). Tema da palestra no Architectour: “O impacto da Arquitetura no Turismo: O que as grandes obras, monumentos e afins representam na força do turismo. Números, crescimento, estatísticas, projeções.”

7.1 PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO

Diante de todo cenário analisado até agora, e com base nos conhecimentos adquiridos pela autora, propõe-se o seguinte programa:

Tabela 11: Quadro de setorização e áreas

ÁREA TOTAL A CONSTRUIR= 5.208,00m²	
Ambientes	Áreas (m ²)
Público/ apoio	600
Exposições	750
Auditório	670
Biblioteca	400
Produção cultural	600
Eventos culturais	720
Administração	200
Manutenção/ serviços	150
Informações Turísticas	250
Circulação (20% da área)	868

Fonte: elaborado pela autora

Tabela 12: Ambientes e áreas: Área descoberta útil

ÁREA DESCOBERTA ÚTIL= 7.593,00m²	
Item	Áreas (m ²)
Estacionamento veículos	6.363
Carga e descarga	80
Bicicletário	150
Praça externa para apresentações	1.000

Fonte: elaborado pela autora

Cálculo do número de vagas para o estacionamento:

- 1 vaga a cada 12,5m² de área destinada aos espectadores (conforme Lei Municipal 1.821/05): $4.340\text{m}^2 - 150\text{m}^2$ (manutenção) = $4.190\text{m}^2 / 12,5 = 336$ vagas, sendo 7 dessas p/ PNE (conforme a mesma lei)
- Áreas: - 1 vaga normal = $2,5 \times 5,0 = 12,5\text{m}^2$
 - 1 vaga PNE = $3,7 \times 5,0 = 18,5\text{m}^2$
 - Total: $(12,5\text{m}^2 \times 329) + (18,5\text{m}^2 \times 7) = 4.242,00\text{m}^2 + 50\%$ de passagem = $6.363,00\text{m}^2$ de estacionamento

Tabela 13: Ambientes e áreas: Público e Apoio

PÚBLICO/ APOIO= 600m ²	
Ambientes	Áreas (m ²)
Recepção/ informações	25
Bilheteria	10
Guarda-volumes	15
Bar/ café	75
Área de convívio/ hall	350
Lojas	75
Sanitários p/ público	50

Fonte: elaborado pela autora

Tabela 14: Ambientes e áreas: Exposições

EXPOSIÇÕES= 750m ²	
Ambientes	Áreas (m ²)
Sala de Exposições 1 ¹	300
Sala de Exposições 2 ²	300
Foyer	100
Sanitários	20
Depósito/ apoio/ doca	30

^{1,2} Haverá paredes móveis dividindo as salas de exposições, que possibilitarão a sua subdivisão ou ampliação, transformando-as em 4 salas de 150m² cada, ou em uma sala de 600m².

Fonte: elaborado pela autora

Tabela 15: Ambientes e áreas: Auditório

AUDITÓRIO= 670m ²	
Ambientes	Áreas (m ²)
Foyer	150
Auditório	400
Camarins (2)	20 cada
Sanitários	30
Depósito/ apoio	30
Doca	20

Fonte: elaborado pela autora

Tabela 16: Ambientes e áreas: Biblioteca

BIBLIOTECA= 400m ²	
Ambientes	Áreas (m ²)
Área acervo e leitura	300
Salas de estudo (5)	8 cada
Sanitários	15
Guarda-volumes	15
Atendimento	10
Depósito	20

Fonte: elaborado pela autora

Tabela 17: Ambientes e áreas: Produção Cultural

PRODUÇÃO CULTURAL= 600m ²	
Ambientes	Áreas (m ²)
Salas de música (2)	40 cada
Sala de dança	100
Oficinas de artes plásticas ¹ (4)	50 cada
Salas de cursos/ palestras (2)	50 cada
Ateliê digital/ internet	60
Sala de xadrez	30
Sanitários	30

¹ Oficina de artes plásticas engloba escultura, artesanato, cerâmica, pintura.

Fonte: elaborado pela autora

Tabela 18: Ambientes e áreas: Eventos

EVENTOS CULTURAIS= 720m ²	
Ambientes	Áreas (m ²)
Foyer	150
Salão com palco	400
Camarins (2)	20 cada
Depósito e copa	30 cada
Doca	20
Sanitários	50

Fonte: elaborado pela autora

Tabela 19: Ambientes e áreas: Administração/ Escritórios

ADMINISTRAÇÃO= 200m ²	
Ambientes	Áreas (m ²)
Escritórios (planta livre)	70
Diretoria	15
Sala de reuniões	20
Tesouraria e atendimento	15 cada
Espera	30
Copa	10
Arquivo	10
Sanitários	15

Fonte: elaborado pela autora

Tabela 20: Ambientes e áreas: Manutenção/ serviços

MANUTENÇÃO/ SERVIÇOS= 150m ²	
Ambientes	Áreas (m ²)
Casa de máquinas	30
Ar condicionado	30
Almoxarifado	20
Oficina de manutenção	20
Vestiários/ copa	30
Segurança	20

Fonte: elaborado pela autora

Tabela 21: Ambientes e áreas: Centro de Informações Turísticas

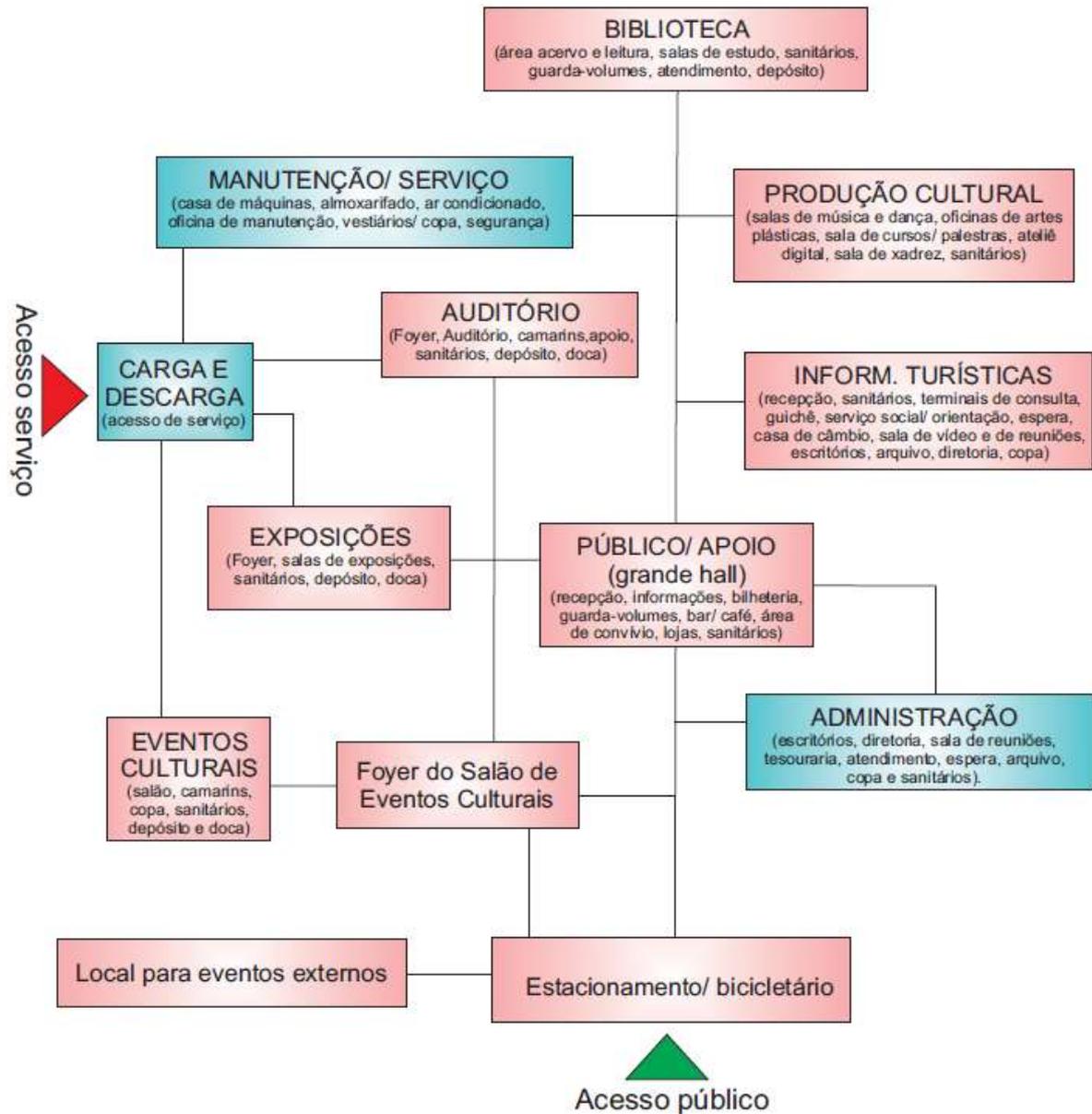
INFORMAÇÕES TURÍSTICAS= 250m ²	
Ambientes	Áreas (m ²)
Hall/ recepção	30
Sanitários	25
Terminais de consulta eletrônicos (2)	2,5 cada
Guichê (ingressos ônibus, atrações turísticas)	5
Serviço social/ orientação	30
Espera	15
Casa de câmbio ¹	30
Sala multimídia/ vídeo	30
Sala de reuniões	20
Escritórios (2)	10 cada
Arquivo	15
Diretoria	15
Copa	10

¹ Casa de câmbio: guichê (5m²) + administração (10m²), + cofre (5m²) + IS funcionários (5m²) = (30m²)

Fonte: elaborado pela autora

7.2 FLUXOGRAMA

Figura 151: Fluxograma do Centro Cultural e Turístico



Legenda:

- Ambientes predominantemente públicos
- Ambientes predominantemente de serviço

Fonte: autora

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos maiores bens que o Estado pode oferecer à nação é, sem dúvida, o acesso à formação intelectual e cultural dos cidadãos. O ensino da música, da dança, das artes e o estímulo à leitura tem o poder de realizar nas pessoas uma grande transformação.

Campo Largo é uma cidade pacata, em constante crescimento, tanto econômico, quanto populacional. Há entre a população, uma cultura inegavelmente rica, cheia de costumes interioranos, advindos na maior parte de tradições italianas e polonesas, fruto da vinda dos imigrantes europeus à cidade no séc XIX. Isso sem falar nas paisagens verdes belíssimas, no turismo rural, e na tradição em fabricar louças, o que lhe confere reconhecimento nacional.

Tudo muito rico, mas muito pouco explorado. Diante dessa problemática real, a intenção da implantação de um Centro Cultural em Campo Largo, futuro projeto de TFG da aluna, é incentivar o acesso da cultura à população, de modo que esse não seja mais um bem elitizado.

A banalização das autoridades locais, em grande parte dos municípios, se reflete na ausência de equipamentos culturais satisfatórios, e nas insuficientes políticas de incentivo à atividade turística. Formar cidadãos, não é apenas conferir-lhes casa e comida, mas sim formá-los de modo que enfrentem seus problemas com grande criatividade. Dessa forma, pode-se dizer que o ensino das expressões culturais tem o poder de completar e enobrecer a formação intelectual das pessoas.

De nada adianta a precisão matemática de um engenheiro, a habilidade manual de um construtor, ou ainda a criatividade intelectual de um arquiteto, se os mesmos não tiverem vivência cultural. Assim se referia Louis De Bonald, filósofo francês do Séc. XVIII: “A cultura forma sábios; a educação, homens.”

E é justamente essa a proposta de se implantar centros culturais nas cidades: “humanizar os humanos”. Formar cidadãos completos, que sonham, compreendem, são criativos, têm postura de liderança e expressão corporal. E foi pela capacidade da transformação social e intelectual que esse equipamento pode causar numa cidade que a aluna não hesitou em escolher esse tema como Trabalho Final de Graduação.

Neste contexto, um espaço mais apropriado, humano e democrático para as atividades culturais em Campo Largo despertaria, sem dúvida, o interesse das

camadas menos favorecidas da sociedade, o que tornaria esse equipamento público, além de um marco valorizador da cultura local e um incentivador da atividade turística, um grande colaborador do desenvolvimento intelectual e um meio de inclusão social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9284**: Equipamento Urbano. Rio de Janeiro, 1986.

CAMARGO, L. O. L. **O que é lazer**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

CASTELLI, Geraldo. **Turismo- Atividade Marcante do Século XX**. Caxias do Sul-RS, EDUCS, 1990.

COELHO, Teixeira (org.). **A Cultura pela Cidade**. São Paulo. Editora Iluminuras, 2008.

DE LUCCA FILHO, Vinicius. **Estudo do fluxo de informações em centros de informações turísticas de Santa Catarina**: Programa Portais do Lazer. Florianópolis, 2005. 134f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

DUMAZEDIER. Joffre. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DORIGO, Adriano Lucio. **Centro de Apoio ao Turismo**. Curitiba, 1998. Monografia-Curso de Arquitetura e Urbanismo- UFPR.

FACULDADE CENECISTA PRESIDENTE KENNEDY. Coordenação do curso de administração. **Anais do I Congresso Brasileiro de Docência e Pesquisa em Turismo**. Campo Largo, 2002.

FIGUEROLA, Valentina N. **Coliseu da Música**. Revista AU, São Paulo, ano 22, n. 154, p. 38-47. Janeiro de 2007.

GOMES, Christianne Luce (org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

JOSÉ, Beatriz Kara. **Políticas Culturais e Negócios Urbanos: a instrumentalização da cultura na revalorização do centro de São Paulo (1975-2000)**. São Paulo. Editora Annablume, 2007.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 11. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LASS DUSCHENES, Pedro. **Fórum Cultural em Curitiba**. Curitiba, 2010. Monografia- Curso de Arquitetura e Urbanismo- UFPR.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. São Paulo: Editora Autores Associados, 1996.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Humanização**. Campinas: Editora Papirus, 1995.

MARTINS, Fabio Eduardo. **Centro de Cultura: Um espaço para informar, discutir e criar**. Curitiba, 2007. Monografia- Curso de Arquitetura e Urbanismo- UFPR

MUNHOZ, V. C. C. **O lazer como um direito social na Prefeitura de Belo Horizonte**. In: ISAYAMA, H. F.; LINHALES, M. A. (Orgs.) Avaliação de políticas e políticas de avaliação: questões para o esporte e o lazer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

NEVES, Pedro. **Aprendizagem Tecnológica em Empresas no Arranjo Produtivo de Louças em Campo Largo-PR: O papel da interação Universidade, Empresa e Governo**. Curitiba, 2006. Dissertação (Mestrado)- Programa de Mestrado em Administração- UnicenP

ONO, Maristela. **Design e cultura: sintonia essencial**. Curitiba: Edição da autora, 2006.

PAZINI, Caroline Cristina. **A Fotografia como representação da Arquitetura: Estudo de caso, Centro Cultural São Paulo**. São Paulo, 2011. Relatório Final do

Programa de Iniciação Científica ENSINAR COM PESQUISA- Universidade de São Paulo.

PINHEIRO, Marcos Filipe Guimarães. **Inserção da temática lazer nos currículos dos cursos de graduação em educação física, fisioterapia e terapia ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.** Belo Horizonte, 2009. Dissertação de Mestrado- Universidade Federal de Minas Gerais.

PREFEITURA DE CAMPO LARGO. Guia Histórico, Cultural e Turístico de Campo Largo, 2012. Curitiba, Unilistas Editora de Listas Telefônicas Ltda. 2012.

REIS, A. C. F.; KAGEYAMA, P. (Org). **Cidades criativas: perspectivas.** São Paulo: Garimpo de Soluções, 2011.

RODRIGUES, Anna Luiza Agostinetto. **Centro Cultural:** Regional Bairro Novo. Curitiba, 2008. Monografia- Curso de Arquitetura e Urbanismo- UFPR.

SISTEMA NACIONAL DE CULTURA. **Guia de Orientações para os Municípios.** Ministério da Cultura, Secretaria de Articulação Institucional. Brasília, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Normas para apresentação de Documentos Científicos:** Teses, dissertações, monografias e trabalhos acadêmicos. Curitiba: Ed. Da UFPR, 2002. 2v.

Websites Consultados:

Bairro Portão. Disponível em: <http://ippuc.org.br>. Acesso em Set. 2012.

Centro Cultural São Paulo. Disponível em:

<http://www.centrocultural.sp.gov.br/index.asp>. Acesso em Set. 2012.

Cidade das Artes e das Ciências, Valência. Disponível em:
<http://www.engenium.net/24/cidade-das-artes-e-das-ciencias-valencia.html>. Acesso em Set. 2012.

Ciudad de las Artes y las Ciencias. Disponível em:<http://www.cac.es/>. Acesso em Ago. 2012.

Ecoparaná. Central de Informações Turísticas. Disponível em:
<http://www.ecoparana.pr.gov.br/modules/conteudo/> . Acesso em mai. 2012.

IBGE. População ocupada segundo as atividades econômicas- Campo Largo. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em Set. 2012.

Imagens da Construção do CCSP e da Cobertura. Disponível em
http://www.arqbrasil.com.br/_arq/lt_arquitetura/lt_arq_ccsp1htm. Acesso em Set. 2012.

OLEIAS, Valmir José. Conceitos de Lazer. Disponível em:
www.cds.ufsc.br/~valmir/textos.html. Acesso em abr. 2012.

Olimpíadas da Grécia Antiga. Corrida de Bigas. Disponível em:
<http://olimpiadas.uol.com.br/2008/historia/grecia/corrida-bigas.jhtm>. Acesso em mai. 2012.

Palácio das Artes Rainha Sofia. Disponível em
<http://www.theurbanearth.wordpress.com/> . Acesso em Set. 2012.

Palácio das Artes Rainha Sofia. Disponível em
<http://www.lesarts.com/Palau/PalaudelesArts/>. Acesso em Set. 2012.

Palácio das Artes Rainha Sofia. Disponível em
<http://www.flickr.com/photos/archineos/>. Acesso em Set. 2012.

Parque Histórico do Mate. Disponível em <http://www.turismo.pr.gov.br>. Acesso em Set. 2012.

Prefeitura Municipal de Campo Largo. Disponível em:
<<http://www.campolargo.pr.gov.br/>>. Acesso em abr.2012.

RPC TV. Igreja Matriz é um dos pontos preferidos dos moradores de Campo Largo. Disponível em: <http://g1.globo.com/videos/parana/paranativ-1edicao/t/edicoes/v/igreja-matriz-e-um-dos-pontos-preferidos-dos-moradores-de-campo-largo/1968668/>. Acesso em Set. 2012.

Secretaria do Turismo. Polo Turístico de Curitiba, Região Metropolitana e Campos Gerais. Disponível em: <http://www.setu.pr.gov.br>. Acesso em Set. 2012.

Terminal do Portão. Disponível em <http://www.urbs.curitiba.pr.gov.br>. Acesso em Set. 2012

Entrevistas

RINALDIN, Dulcimar. Arquiteto, Urbanista e Chefe de gabinete da SM de Governo. Entrevista concedida em 19 de abril de 2012, Campo Largo.

DOS SANTOS, Jucie Parreira. Diretor do Departamento de Cultura de Campo Largo. Entrevista concedida em 26 de setembro de 2012, Campo Largo.

MASSINHÃ, Rozeli Cosmo. Coordenadora da Divisão de Economia Criativa de Campo Largo. Entrevista concedida em 26 de setembro de 2012, Campo Largo.

ROMBI, Paulo Cezar. Coordenador do Portão Cultural. Entrevista concedida em 27 de setembro de 2012, Curitiba.

TEIXEIRA, Dóris Regina. Arquiteta e Urbanista da Fundação Cultural de Curitiba, Setor de pesquisa e memória urbana. Entrevista concedida em 27 de setembro de 2012, Curitiba.

ANEXOS

Anexo	Conteúdo	Página
1	Lei Municipal 1.815/05- Código de Obras de Campo Largo. Capítulo IV- Edificações Destinadas a locais de reuniões e afluência de público. Seção I - Edificações para reuniões culturais, religiosas e político-partidárias.	108
2	Lei Municipal 1.963/07 -Zoneamento, Uso e Ocupação do Solo: Quadro XVI. Zona Especial de Serviço 1- ZES1 – BR 277 Sul.	111
3	Lei Municipal 1.963/07 -Zoneamento, Uso e Ocupação do Solo: Quadro III. Zona Residencial 3- ZR3	112

ANEXO 1

CAPÍTULO IV

EDIFICAÇÕES DESTINADAS A LOCAIS DE REUNIÕES E AFLUÊNCIA DE PÚBLICO

Art. 278 - As edificações destinadas a locais de reuniões e afluições de público classificam-se segundo o uso em:

- I. culturais, religiosas e político-partidárias;
- II. recreativo-esportivas;
- III. assistências e comunitárias;
- IV. de saúde.

SEÇÃO I

EDIFICAÇÕES PARA REUNIÕES CULTURAIS, RELIGIOSAS E POLÍTICO-PARTIDÁRIAS

Art. 279 - Os locais de reunião e atividades culturais, religiosas e político-partidárias com afluência de público, em caráter transitório classificam-se em:

- I. teatro, anfiteatro e auditório;
- II. cinema;
- III. templo;
- IV. capela;
- V. salão de exposição;
- VI. biblioteca;
- VII. museu;
- VIII. centro de convenções.

Art. 280 - As edificações para os fins citados no Artigo anterior deverão ter, no mínimo, compartimentos, ambientes ou locais para:

- I. ingresso ou recepção;
- II. instalação sanitária;
- III. serviços;
- IV. administração;
- V. salas para reunião de público;
- VI. acesso e circulação de pessoas;
- VII. acesso e estacionamento de veículos.

Art. 281 - Os compartimentos ou recintos destinados à platéia, assistência ou auditório, cobertos ou descobertos, deverão ter:

- I. circulação e acesso;
- II. condições de perfeita visibilidade;
- III. locais de espera;
- IV. instalações sanitárias.

Art. 282 - Nas edificações para locais com afluência de público deverão ser observadas as seguintes condições:

- I. os acessos e circulação - corredores, átrios, vestibulos, escadas e rampas de uso coletivo, terão largura mínima de 1,20m (um metro e vinte centímetros) e atenderão as normas técnicas oficiais, as disposições do corpo de bombeiros e desta lei;
- II. as folhas das portas de saída, escadas, rampas e bilheterias, não poderão abrir diretamente sobre o passeio do logradouro, quando permitido edificar no alinhamento predial devendo ter recuo mínimo de 3,00m (três metros) deste alinhamento. As escadas ou rampas de circulação de público serão orientadas na direção do escoamento;
- III. a soma das larguras das portas de acesso deverá ser proporcional à lotação do local, neste caso, os espaços ocupados pelas borboletas, se forem fixas, não será considerado;
- IV. as portas terão largura mínima de 1,20 m (um metro e vinte centímetros), suas folhas deverão abrir sempre para fora e, abertas, não deverão reduzir o espaço dos corredores, passagens, vestibulos e escadas ou átrios de acesso;
- V. quando tiverem capacidade igual ou superior a 100 (cem) lugares deverão ter, no mínimo, duas portas com largura mínima de 1,00 m (um metro) cada uma, distanciadas de 3,00m (três metros) entre si, abrindo para os espaços de acesso e circulação ou diretamente para o exterior;
- VI. a distribuição e o espaçamento entre mesas, lugares, arquibancadas, cadeiras ou poltronas, instalações, equipamentos, ou aparelhos deverão permitir o escoamento para o exterior, de toda a lotação, em tempo não superior a 10 (dez) minutos;
- VII. a largura dos recintos deverá ser dividida em setores, por passagens longitudinais e transversais, com espaço suficiente para o escoamento da lotação de cada setor. para os setores com lotação igual ou inferior a 150 (cento e cinquenta) pessoas, sendo que a largura livre e mínima das passagens longitudinais será de 1,20m (um metro e vinte centímetros) e a das transversais de 1,00 m (um metro); para os setores com lotação acima de 150 (cento e cinquenta) pessoas, haverá um acréscimo nas larguras das passagens longitudinais, à razão de 1,0cm (um centímetro) por lugar excedente, distribuído pelas passagens longitudinais;
- VIII. a lotação máxima de cada setor será de 250 (duzentas e cinquenta) pessoas, sentadas ou em pé;
- IX. as fileiras não interrompidas por passagens não poderão comportar mais de 20 (vinte) lugares, para pessoas sentadas ou em pé;
- X. as fileiras que tiverem acesso apenas de um lado, terminando junto a paredes, divisões ou outra vedação, não poderão ter mais que 5 (cinco) lugares, para pessoas sentadas ou em pé, à exceção das arquibancadas, que poderão ter até 10 (dez) lugares;

- XI. as poltronas ou assentos, deverão ter espaçamento mínimo entre filas, de 0,90m (noventa centímetros) medindo de encosto a encosto. a largura mínima de poltrona ou assento deverá ser de 0,50 m (cinquenta centímetros);
- XII. as passagens longitudinais deverão ter declividade máxima de 12% (doze por cento); para as declividades superiores, as passagens terão degraus;
- XIII. isolamento e condicionamento acústico;
- XIV. na parte interna, junto às portas, deverá haver um sistema de iluminação de emergência;
- XV. quando destinados a espetáculos, divertimento ou atividades que requeiram o fechamento das aberturas para o exterior, os recintos deverão ter equipamento de renovação de ar ou de ar condicionado, conforme normas técnicas oficiais;
- XVI. se houver iluminação e ventilação através de abertura para o exterior, estas deverão estar orientadas de modo que o ambiente seja iluminado sem ofuscamento ou sombra prejudiciais, tanto para apresentadores como para espectadores;
- XVII. a relação entre a área total das aberturas de iluminação e área do piso do recinto não poderá ser inferior a 1:5 (um para cinco);
- XVIII. 60% (sessenta por cento) da área de iluminação exigida no inciso anterior deverá permitir a ventilação natural permanente.

Art. 283 - Nas casas de espetáculos com lotação superior a 300 (trezentos lugares), à exceção dos de arena, a boca de cena e todas as demais aberturas do palco e suas dependências, inclusive depósitos e camarins, com comunicação para o resto da edificação, deverão ter dispositivos de fechamento imediato (cortina de aço ou similar), em material resistente ao fogo por, no mínimo, 1 h (uma hora), para impedir a propagação de incêndio.

Art. 284 - A lotação do recinto deverá ser anunciada em cartazes bem visíveis, junto a cada porta de acesso, dos lados externo e interno.

ANEXO 2

QUADRO XVI
ZONA ESPECIAL DE SERVIÇOS 1 - ZES 1 - BR 277 Sul
PARÂMETROS DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

USOS		OCUPAÇÃO								
PERMITIDO	PERMISSIVEL	PROIBIDO	LOTE MÍNIMO (m ²)	TESTADA MÍNIMA (m)	COEFICIENTE APROVEITAMENTO MÁXIMO	TAXA DE OCUPAÇÃO MÁXIMA (%)	PERMEABILIDADE MÍNIMA (%)	RECUBRIMENTO OBRIGATORIO (m)	AFASTAMENTO MÍNIMO DAS DIVISAS (m)	ALTURA MÁXIMA (pavimentos)
<ul style="list-style-type: none"> - Habitação Transitória 1 - Habitação Transitória 2 - Comércio e Serviço Espec. 1^(a) - Comércio e Serviço Setorial - Comércio e Serviço Geral^(a) - Indústria Tipo 1 - 	<ul style="list-style-type: none"> - Habitação Unifamiliar - Habitação em Série - Habitação Coletiva - Habitação Institucional - Habitação Transitória 3 - Comunitário 1^(b) - Comércio Vicinal 1 - Comércio Vicinal 2 - Comércio e Serviço de Bairro - Indústria Tipo 2^{(a),(b)} - Comunitário 2 - Lazer e Cultura - Comunitário 2 - Culto - Comunitário 3 - Lazer - Serviço Vicinal 1 - Serviço Vicinal 2 	<ul style="list-style-type: none"> - Condomínio Horizontal - Comunitário 2 - Saúde^(c) - Comunitário 2 - Esporte - Comunitário 3 - Esporte - Comércio e Serviço Especif. 2 - Indústria Tipo 3^(a) - Indústria Tipo 4 - Uso Agropecuario - Uso Agronômico/Industrial - Uso Extrativista 	1.500 ^(d)	15	1	50	25	(7)	1,5 ^(e)	02 ^(f)

Observações:

- (2) Excepcionalmente poderá ser admitida altura diferenciada até o limite estabelecido para a zona atravessada respeitando o critério de afastamento das divisas não inferior a 1/15 atendidos os demais parâmetros no que couber a critério do CONDUNA.
- (3) Mediante aprovação dos estudos ambientais pertinentes.
- (4) Admitido parcelamento diferenciado exclusivamente para regularização de situações consolidadas a critério do Conselho Municipal de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente - CONDUNA.
- (5) Parcelado afastamento 0 (zero) desde que sem abertura voltada para a divisa.
- (6) Respeitar a taxa de domínio das rodovias estaduais e federais.
- (7) Respeitar a avaliação por parte do Conselho Municipal de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente - CONDUNA.
- (a) Exeto Tratamento e Distribuição de Água
- (b) Exeto Pronto-Socorro.
- (c) Exeto Hospital Veterinário, Café e Hotel de Animais.
- (d) Exeto Centro de Controle de Voo, Posto de Abastecimento de Aeronaves.
- (e) Exeto Centro de Convenções e Centro de Esportes.

ANEXO 3

QUADRO III
ZONA RESIDENCIAL 3 - ZR 3
PARÂMETROS DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

USOS			OCUPAÇÃO							
PERMITIDO	PERMISSIVEL	PROIBIDO	LOTE MÍNIMO (m ²)	TESTADA MÍNIMA (m)	COEFICIENTE APROPRIAMENTO MÁXIMO	TAXA DE OCUPAÇÃO MÁXIMA (%)	TAXA DE PERMEABILIDADE MÍNIMA (%)	RECULO FRONTAL OBRIGATORIO (m)	AFASTAMENTO MÍNIMO DAS DIVISAS (m)	ALTURA MÁXIMA (parmetros)
<ul style="list-style-type: none"> - Habitação Unifamiliar - Habitação em Série - Habitação Coletiva - Habitação Institucional - Habitação Transitória 1 - Habitação Transitória 2 - Comunitário 1 - Comunitário 2 - Lazer e Cultura - Comunitário 2 - Ensino - Comunitário 2 - Culto - Comércio Vial/1 - Comércio Vial/2 (A) - Serviço Vial/1 - Serviço Vial/2 - Comércio e Serviço de Bairro 	<ul style="list-style-type: none"> - Condomínio Horizontal (A) - Comunitário 3 - Ensino - Comunitário 3 - Lazer - Comércio e Serviço Setorial - Indústria Tipo 1 (A) 	<ul style="list-style-type: none"> - Habitação Transitória 3 - Comércio e Serviço Geral (B) - Comércio e Serviço Especif. 1 (B) - Comércio e Serviço Especif. 2 - Indústria Tipo 2 (A)(B) - Indústria Tipo 3 (A) - Indústria Tipo 4 - Uso Agropecuario - Uso Agrorindustrial - Uso Extrativista 	360	12	2	50	25	5	1,5 (C)	4

Observações:

(1) Até o 2º pavimento facultado afastamento das divisas laterais de 1,5m (um metro e cinqüenta centímetros) quando houver abertura voltada para a divisa ou junto a divisa desde que sem abertura, a critério do Departamento de Urbanismo.

(A) Sujeito a avaliação por parte do Conselho Municipal de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente - CONDUIMA.

(B) Excesso Hospital Veterinário, Cantei e Hotel de Animais, Oficina de Funilaria, Ladraria, Pintura e Manutenção de Veículos, a critério do CONDUIMA.

(C) Excesso Posto de Combustíveis, a critério do CONDUIMA.

(D) Excesso de Comércio de Veículos, a critério do CONDUIMA.

(E) Atividades desenvolvidas em edificação de no máximo 100,00m².

(F) Excesso esatralhada a critério do CONDUIMA.

(G) Excesso Tratamento e Distribuição de Água.